



LETÍCIA KARTALIAN

*"Essa é a história de
como eu sobrevivi."*

O DIÁRIO SECRETO

*de
Melissa*



Nota da Autora

Acredito que todos os escritores do mundo o tenha como melhor amigo e, na hora de recriar a história de Melissa, ele foi uma parte muito importante.

Por causa dele, o sr. Google, sei que é impossível – ou muito raro – um lago congelar no Tennessee, mas, mesmo que a história a seguir traga consigo muita veracidade em alguns pontos, ainda assim é uma ficção, então a autora que voz fala pode ter quebrado algumas regras.

Apesar de meus amigos terem inspirado a criação de alguns dos personagens, essa não é uma história baseada em fatos reais. Também é uma história contada de forma rápida, e nem todas as respostas para as suas perguntas poderão ser encontradas aqui.

Prólogo

Quarta-feira, 31 de dezembro de 2008.

Esta será a última vez que escreverei em um diário, esta será a última vez em que eu guardarei meus sentimentos por escrito. A partir de agora, me acostumarei a guardar meus pensamentos somente em minha mente, onde eles deveriam permanecer desde o início.

É estranho ler essas páginas, dia a dia, e pensar sobre todos os meus sonhos, todas as metas e planos para o futuro, desde os mais “infantis”, dependendo do ponto de vista, como me casar com o homem dos meus sonhos, que ele fosse um bom marido e que me trouxesse segurança e estabilidade, um ou dois filhos, um cachorro e uma vida plena, satisfatória e feliz, ou os que eu realmente sabia que trilharia, como patinar, disputar as olimpíadas. Mas esses planos estão tão longe da minha realidade agora que eu simplesmente não sei se um dia terei qualquer uma dessas coisas.

A partir de hoje, eu me despeço de todos os meus sonhos bobos e infantis, de todas as futilidade que um dia eu pensei em realizar antes de ir à faculdade, como ir à Paris e conhecer Londres, talvez ir à Amsterdã pelo simples fato de que os canais me encantam, para depois me preparar para um futuro seguro, numa profissão de sucesso.

*Não! Tudo isso estava sendo esquecido neste exato momento.
Eu NÃO tenho mais planos, sonhos ou metas. Meu único desejo é sobreviver.*

Sobreviver ao sofrimento, à solidão, à culpa, à tristeza, à crueldade e à realidade dos fatos, e, principalmente, à ideia de que não sou mais uma criança.

Eu não sei se morrerei amanhã ou depois, eu não sei se voltarei a ser feliz um dia, porém, a única certeza que tenho é a de que as coisas nunca mais voltarão a ser como antes e tudo o que me resta é tentar encontrar um jeito de fazer isso funcionar, de alguma forma.

Eu não sou mais a mesma pessoa de três dias atrás, eu não sou mais a pessoa que eu planejei ser, eu não penso mais da forma que deveria pensar, e vejo tudo de uma forma diferente agora.

E no momento, tudo o que eu quero é não pensar, não ver e, talvez, não existir...

*Não, não, eu não penso em me matar, mas seria bom, só por um momento, não me lembrar, não sentir dor e não ter medo.
Medo das pessoas, medo do mundo, medo até de mim mesma...*

Eu digo adeus à Melissa alegre, de bem com a vida e que vê graça em tudo. A pessoa que habita nesse corpo agora é diferente, sem crenças, sem expectativas de um futuro bom e bonito.

Até nunca mais.

PARTE 1
O DIÁRIO

*“As páginas estavam amareladas, um pouco manchadas até, e mais finas do que me lembrava, porém ainda era o mesmo diário de cinco anos atrás, conservado da chuva e da terra por aquele mesmo saquinho de plástico transparente e a caixinha de metal, que sempre fora a guardiã do diário.
O Diário Secreto de Melissa.”*

1. A fazenda

Sábado, 13 de dezembro de 2008.

Chegamos, finalmente, ao interior do país, à cidade onde moram tia Lily e tio Joe, e já estamos num carro alugado indo para a fazenda.

Sinto que haverá grandes surpresas nesse Natal.

Não digo surpresas do tipo ‘meus pais me darem um presente inesperado’, mas algo que realmente irá mudar a minha vida.

Mal posso esperar para que as mudanças comecem a acontecer...

BATI COM FORÇA O PORTA-MALAS do carro de meu pai, após depositar minha mala ali.

Eu não queria viajar, não queria visitar membros da família que já não via há anos, não queria passar o Natal fora de casa, não queria voltar lá, especialmente nessa época do ano.

Por algum motivo, Nora e Peter, meus pais, decidiram viajar neste Natal, exatamente como costumávamos fazer quando eu era criança. Vinha tentando não pensar nisso, o que era quase impossível, ainda mais após o simples “vamos viajar para a casa de Lily nas férias e ponto final” dito por minha mãe quando tentei argumentar e fazê-la mudar de ideia. Desde a última vez em que viajamos para a casa de meus tios, as coisas nunca mais foram as mesmas, pelo menos não para mim.

Eu estava me fazendo de difícil, relutante em embarcar nessa com meus pais e nenhum deles entendia o motivo, já que a única pessoa que entenderia não estava aqui. *Meu irmão, Marcus*. De resto, mais ninguém de minha família sabia tudo sobre minha história, minha vida... Bem, exceto mais uma pessoa, *Philipe*.

Mas isso já fazia muito tempo, cinco anos desde que o vi pela última vez, e nem sei se iria se lembrar da garota de doze anos a qual ele costumava puxar o cabelo e perturbar por causa da pele branca e cheia de sardas, a mesma garota a qual ele resgatou do *monstro de olhos negros*.

Ri amargamente da minha piada interna e entrei no carro após ouvir uma

buzina e a voz de meu pai me apressando mais uma vez – a terceira vez. Resignada de que nada poderia fazer, simplesmente encostei-me à janela, buscando meus fones de ouvido e colocando o capuz do casaco sob a cabeça.

Possibility, de *Lykke Li*, soava melodiosamente em meus ouvidos, me fazendo aumentar o volume do meu iPod ao máximo.

Ou talvez ele se lembrasse. – voltei ao pensamento anterior, enquanto sacava meu celular do bolso traseiro da calça e relia, talvez pela vigésima vez, o SMS que havia recebido uma semana atrás, de um número que, até então, me era desconhecido, mas que, com a assinatura no final e com o conteúdo da mensagem, eu pude identificar seu remetente.

Ele não está aqui.

– Phil.

Aquela simples frase, aparentemente sem significado algum, – observando toda a história de fora – foi o que fez meu coração se acalmar um pouco e também conseguiu fazer com que eu aceitasse essa viagem.

O caminho de vinte minutos de minha casa até o aeroporto nunca fora tão demorado, e durante o voo, eu achei que fosse morrer sufocada.

Eu estava inquieta, nervosa, mas tirando minhas mãos unidas, consequentemente um pouco suadas, e se mexendo freneticamente em meu colo, – uma mania adquirida com o tempo – nada parecia fora do normal, por isso meus pais não perceberam nada.

Chegamos à capital do Tennessee, Nashville, perto das seis horas da tarde, e estava muito mais frio que em Los Angeles, por isso todos os casacos precisaram ser colocados. Lá fora estava muito pior, como pudemos notar logo ao sair do aeroporto, com a visão de uma paisagem esbranquiçada e ruas escorregadias.

Ainda era cedo para ter neve. Geralmente, em todas as partes do país em que neva, isto costuma ocorrer próximo ao Natal, porém, parece que esse ano as coisas resolveram ficar congeladas mais cedo.

Ah, o interior... Mesmo sendo a capital, totalmente urbanizada, com altas construções empresariais, ainda sim estávamos no interior e a neve não apagava todas as características daquela região.

A natureza, agora morta por conta da neve e do frio, nos acompanha em todo o nosso caminho para a fazenda – ou rancho, para mim tanto faz.

Dentro do carro alugado no aeroporto, a estrada em direção ao rancho dos Lewis traziam lembranças, memórias, algumas felizes, outras tristes... Aliás, desde que pisei na cidade minha mente se enchia com essas lembranças. Marcus adoraria estar aqui, e adoraria ainda mais ser o primeiro a formar uma pequena bola de neve e jogar em meus cabelos.

Meus fones, que permaneceram em meus ouvidos o tempo todo, mesmo que não estivesse ligado em diversos momentos da viagem, não conseguiram impedir que eu ouvisse minha mãe dizendo, enquanto meu pai dirigia, o quanto estava feliz de ter férias com toda a família, já que desde que ela havia 'se aposentado', meu pai não havia tido tempo para um descanso, e isso já fazia mais de dois anos.

Só que a família não estava completa, não pude evitar meu pensamento nisso mais uma vez. Marcus não estava aqui.

Revirei os olhos enquanto ela comentava com meu pai sobre as receitas que pretendia aprender com tia Lily durante nossa estadia em sua casa. Ultimamente, ela só pensava em cozinhar, cuidar das plantas e todas essas coisas que uma dona de casa deve fazer.

O que posso dizer? Ela estava recuperando todo o tempo em que ficou longe de casa e aprendendo tudo o que não sabia. Três anos atrás, qualquer comida salgada feita pela senhora Nora Stewart não era sequer comestível.

Em pouco mais de meia hora de carro pela longa estrada, finalmente pude ver a entrada do rancho, a porteira de ferro, a cerca e a grande área, antes verde, agora congelada.

Tio Joe e tia Lily só não foram nos buscar no aeroporto por meu pai ter insistido muito que não havia necessidade, por isso, um dos portões estava aberto, já que sabiam que iríamos chegar mais ou menos neste horário, e foi por ele que adentramos as terras da família.

Enquanto atravessávamos o quintal, pude observar minha tia, na varanda da casa, com cobertores nas mãos e, vendo mais de perto, canecas com algo fumegante. Se bem conheço Lily, as canecas estavam cheias com seu delicioso chocolate quente.

Eu sabia que minha mãe falava comigo, porém somente dei atenção quando ela pegou em meu braço e sinalizou para que tirasse os fones do ouvido, como se eu não estivesse escutando.

Só assim eu os tirei, afinal, não queria que meu disfarce fosse descoberto assim tão fácil...

-Tire os fones do ouvido quando eu estiver falando com você. Pode ser gentil com sua tia?

-Sempre sou gentil, ainda mais com Lily.

-Não o tem sido ultimamente.

São as lembranças, mãe. – quis dizer, porém não o fiz, assim como em todas as outras vezes em que pensei em lhe contar a verdade.

Ao invés disso, encolhi os ombros e abri a porta, saindo do carro e me juntando a meu pai.

-Oi tia Lily. – disse, abraçando-a, após minha mãe e meu pai a cumprimentarem. Havíamos nos visto dois anos atrás, quando ela apareceu para uma visita rápida, mas eu quase não a vi por conta da rotina escolar.

-Olá querida. Como você cresceu, está diferente. Não se parece em nada com aquela garotinha que vi da última vez, apesar de continuar linda.

-Obrigada tia Lily. – sorri, tentando não criar pensamentos sobre a última vez em que estive aqui. Não agora, onde não tenho para onde correr.

Ela entregou um cobertor para cada um, indicando as canecas em cima do muro da varanda.

-Venham, vamos entrar. Joe deve estar chegando do trabalho em alguns minutos.

Ela tinha certo sotaque típico do interior, confesso que bem menos do que eu lembrava e esperava. Lilian era uma mulher da cidade que se apaixonou pelo interior quando se encantou por Joe, quando eram muito novos, mas ela sempre amou a agitada Los Angeles.

Lily não era muito alta, assim como minha mãe, e mesmo não sendo irmãs de sangue, ambas eram muito parecidas fisicamente, exceto pelo cabelo, mas ousou dizer que essas duas eram mais ligadas uma à outra do que algumas verdadeiras irmãs.

Entramos na grande casa, toda trabalhada em tons de marrom escuro, a neve cobrindo toda a parte do telhado e, olhando do lado de fora, ela se parecia muito com todas as outras casas próximas a ela, porém, por dentro, demonstrava o que todos já sabiam: a riqueza das famílias Stewart e Lewis. Quando o rancho foi comprado, tio Joe queria algo grande, mesmo que isso significasse que ele próprio tivesse que construir sua residência. Naquela

época, lá em mil novecentos e bolinha, ele ainda pretendia montar uma fazenda, com vacas, bois, uma criação de gado mesmo, cultivar uma gigantesca horta, e acreditem, há espaço para tudo isso aqui, porém logo após o casamento e o nascimento de Philipe, ele decidiu – por influência de Lily – que seria melhor deixar a ideia de lado.

E assim o *sonho* de ter uma *fazenda* – ou rancho – foi esquecido. Gemi de frustração e agradeci mentalmente.

Quem, hoje em dia, *mora* numa fazenda?

É claro que eu sempre fora encantada por esse lugar, o cheiro do mato, as cores, a vivacidade que a cidade me trazia na infância... Agora, no entanto, esse lugar só me trazia lembranças ruins e meu cérebro não conseguia registrar que existiam mais pontos positivos que negativos em estar ali. E, mesmo que não houvesse um ‘porém’ em minha história, ainda não sei se conseguiria viver aqui 365 dias por ano, conhecendo Los Angeles como conheço.

Meus pais passaram por mim, colocando as malas no chão, enquanto eu continuei parada perto da porta de entrada, dando, literalmente, um giro por toda a casa.

Estava *totalmente* diferente do que eu me lembrava.

As paredes da sala que remetiam à madeira, antes cheias de obras de arte que deveriam custar rios de dinheiro, agora estavam cobertas por belas pinturas de paisagens locais, pude até reconhecer algumas, como o lago que fica há alguns metros da casa e a montanha do outro lado da floresta. O traço fino e as cores vibrantes marcavam presença em todas as obras, por isso percebi que deveriam ser do mesmo artista.

Todos os móveis à vista são do mesmo tom de madeira que predomina a casa inteira, desde a faixa da, às paredes, o teto e até o chão. Era tudo tão escuro e ao mesmo tempo tão iluminado, com todos aqueles quadros e os enfeites coloridos por todos os lados.

Mesmo com todo o jeito rústico da decoração, a tecnologia fazia parte da casa, não só na iluminação que se acendeu assim que pisamos na casa, mas em todos os eletrodomésticos e eletrônicos espalhados pelo lugar.

A sala e a cozinha eram divididas por uma bancada, está última, pelo que

pude ver não havia mudado muito.

O ambiente era aquecido pela lareira acesa e, quando me sentei no sofá, encolhida com o cobertor sobre mim e o chocolate quente soltando sua fumaça em meu rosto, eu me senti... em casa.

Mesmo que, eventualmente, as lembranças voltassem.

Tentei me concentrar na conversa animada entre Lily e Nora enquanto tomava meu chocolate quente, mas fora quase impossível quando as duas engataram uma conversa sobre o jantar de logo mais, que, de acordo com tia Lily, já estava no forno.

Antes que eu pudesse dizer algo ao me levantar, minha tia apressou-se me dizendo qual quarto que ela havia preparado para mim e, carregando uma das malas pretas de rodinhas e a nécessaire, colocadas perto da porta e que me pertenciam, subi as escadas, indo para o segundo andar da casa, em direção a um quarto do lado esquerdo da casa, ao fim do corredor.

Havia mais quadros ali, três pequenos e que se completavam se colocados próximos, exatamente como estavam bem acima do aparador, que continha um vaso de flores artificiais.

Enquanto caminhava em direção ao quarto, pensei sobre o fato de que, se ele não havia mudado de quarto, eu estaria dormindo bem ao lado de Philipe.

Não que isso fosse algo grande, mas pelo menos sabia que se sentisse medo, ele estaria logo ali ao lado.

Ao adentrar no cômodo, o calor emanando dali era muito mais forte do que o que rondava por toda a casa. Tia Lily, sempre mantendo tudo pronto... A decoração foi a segunda coisa que me surpreendeu. Em sua maioria, na cor branca, misturada com um tom bem clarinho de rosa, os móveis e detalhes me remeteram à decoração do meu quarto em LA, e não me fugiu o pensamento em para *quem* Lily havia decorado o quarto?

À cima da gigantesca cama de casal, também havia um quadro, um ao qual me apaixonei assim que bati o olho. Uma bailarina em um dos movimentos que eu, uma quase leiga quando se trata desse tipo de dança, acho o mais feminino e delicado quando se trata de ballet. A cabeça levemente inclinada, a mão curvada ao alto, acima dela, o olhar elevado e a sutil leveza

do corpo ao completar o movimento com uma das pernas flexionadas para dentro na altura do joelho.

Suspirei e joguei a mala em cima do baú ao pé da cama, abrindo-a a retirando um conjunto de moletom bem quente lá de dentro.

Andei um pouco pela suíte, como constatei assim que abri uma segunda porta do cômodo, conhecendo o quarto ao qual que seria meu pelos próximos quinze dias, observando os detalhes daquele quarto tão feminino.

Depois de alguns minutos, ouvi o barulho de um carro, provavelmente era tio Joe que estava chegando do trabalho, o que me fez correr para o banho, antes que minha mãe subisse até aqui para me chamar para o jantar e me encontrasse do mesmo jeito que estava quando deixei a sala.

Assim que saí do banheiro, já vestida com o moletom roxo de veludo por fora e algodão na parte interna, bem quentinho, e com os cabelos curtos e negros secos somente com a toalha, me deparei com Victor – meu primo mais novo, de apenas 13 anos – sentado em minha cama e com meu iPod em mãos.

-Hey, pestinha.

-Oi, Mel. Não sou pestinha, me comporto muito bem, pergunte para a mamãe. – disse sorrindo, enquanto eu lhe dava um abraço rápido.

Eu não sei se ficava surpresa por ele ter me reconhecido ou encantada sobre como ele havia crescido. Da última vez que nos vimos, ele ainda era uma criança birrenta que desligava a TV quando queria chamar a atenção. Sabia, por minha mãe, que seu comportamento havia mudado muito, mas não sei bem se fora por influência de Philipe ou se a maturidade chegou até ele mais cedo.

-Que bom, continue assim. Encontrou algo legal aí? – disse apontando-lhe o iPod.

-Oh, desculpe. – sorriu sem graça, devolvendo o aparelho ao mesmo lugar em que estava antes, em cima de uma das jaquetas que eu vestia anteriormente. – Eu só queria saber como era. Você sabe, eu ainda não tenho um, papai quer que eu o convença.

-Hum, sei. Não se preocupe, ele fez o mesmo quando Philipe queria um *discman* na sua idade. Você vai ganhar um, só precisa estudar e conseguir

boas notas, ser bonzinho com sua mãe e ajudar quando for necessário. Mas você já faz isso não é?

-Sim. Obrigado Mel. – fez uma pausa – Você está diferente...

-Diferente como?

-Sei lá – disse me olhando com a cabeça inclinada – Está mais bonita do que nas fotos que mamãe me mostrou.

-Mais bonita, claro. – concordei falsamente enquanto sorria – São só os seus olhos, pequeno.

-Tem razão. São só seus olhos, Victor. – disse uma voz grossa, vinda da direção da porta – Aos meus, ela está mais que bonita, está maravilhosa. – vindo até mim, enrolou seus braços em minha cintura, segurando-me em um abraço.

O abraço que me fazia mais calma em todas as situações e que fora a minha *salvação* há alguns anos.

-Hey, *blonde*. – sua respiração forte em meu pescoço, os pelos daquela região se eriçando e a sensação de estar em casa. – Senti sua falta. – disse cheirando meu cabelo, como fez tantas outras vezes há cinco anos.

-Também senti sua falta. – sussurrei – E eu não sou mais loira, Phil. – ele riu. *Aquela risada*. Como senti falta disso. Os olhos dourados brilhavam em minha direção, a pele morena e os cabelos negros na altura da nuca, caindo lisos em seu rosto. Exatamente como eu me lembrava. Talvez tivesse crescido alguns centímetros e até mesmo ter adquirido alguns pelos a mais no rosto, mas ainda era o mesmo de antes.

-Uma pena, apesar de você combinar bastante com o cabelo escuro, eu ainda prefiro seus cabelos loiros. Afinal, qual o prazer em jogar ovos em você com esse cabelo “não-tão-perfeito”?

-Muito engraçado... – disse me lembrando de quando eu tinha 11 anos e fui maldosamente atingida por ovos de galinha, diretamente em meus longos, loiros e *perfeitos* cabelos.

Philipe Lewis, meu próprio primo, ganhou a minha inimizade naquele momento, e eu o odiei por um longo tempo, inclusive me vinguei, de certa forma...

Revirei os olhos ao me lembrar disso.

Só hoje percebo o quão fútil eu era.

Philipe e eu caímos num silêncio profundo assim que a lembrança de meu dia desastroso aos onze anos foi embora.

Ele me olhava de um jeito que eu sabia, exatamente, o que ele estava pensando. Ele queria me contar algo. Logo.

-Lily pediu que eu viesse chama-la para o jantar. – disse, quebrando o silêncio.

-Eu também, mas acabei me distraíndo. – disse Victor, que até aquele momento havia ficado calado, fazendo com que eu até me esquecesse de que ele estava ali.

-Sim, claro. Eu já estou pronta.

E, então, seguimos pelas escadas rumo ao andar inferior, já podendo ouvir as vozes altas e alegres de meus pais e tios.

O chão daquela área, ao contrário de todas as outras, era azulejado, porém ainda assim num tom escuro. A cozinha totalmente equipada com móveis e utensílios em madeira, inox, acrílico e vidro, e por mais estranho que tudo isso junto possa parecer, tia Lily soube como coloca-los juntos.

Antes de ocupar meu lugar à mesa, parei para cumprimentar tio Joe com um beijo no rosto – ganhando um beijo na testa em retorno – e um abraço apertado. Fazia muito tempo desde que ganhei um abraço de alguém assim. Havia abraçado Phil há alguns minutos, mas era diferente como ele. Ele conhecia todos os meus medos, tio Joe não.

No entanto, mesmo não sendo meu tio de sangue, nem Lily minha tia, eu os amava como se fossem, e Joe tinha algo que o fazia especial.

Ele sempre sabia quando as coisas não estavam bem, mesmo que não quisesse se intrometer e perguntar o que estava acontecendo. Ele simplesmente sabia, cedia espaço e respeitava o seu tempo e, se quisesse conversar, ele estaria lá por você.

Sentei-me à mesa, ficando de frente para Philipe, no mesmo momento em que minha mãe depositava a grande travessa com algum tipo de suflê, seguida por Lily com a travessa de lombo recheado assado. Eu simplesmente amava isso.

-Atrasada novamente. – disse Philipe, com um sorriso no rosto, e percebi que Lily estava atrás de mim, olhando para ele, e sua fala fora claramente sua resposta para alguma pergunta muda.

-Então, vamos comer.

O jantar seguiu permeado por boa comida e boa conversa, meus tios

falando sobre a reforma na casa e como gostaram do resultado final, ficando tudo do jeitinho que Lily queria desde que eles construíram a casa.

Quando todos haviam terminado a refeição, Philipe e eu ajudamos sua mãe a levar a louça suja para a cozinha, e ela se ocupou pegando a sobremesa na geladeira, enquanto nós voltávamos para a mesa com as taças de vidro que ela havia nos entregado.

-Olá tia Lily – ouvi alguém dizer, um vento frio vindo de algum lugar pelo outro lado da cozinha, provavelmente pela porta que havia ali – desculpe o atraso para o jantar. Minha mãe me prendeu mais que o necessário esta noite.

-Não se preocupe, querida. – ouvi barulho de água correndo e me esforcei para não me virar e ver quem era a visita. – Sente-se, posso preparar um prato para você. Irei servir a sobremesa agora.

-Não precisa se preocupar com o meu jantar. Estava tarde, eu e minha mãe comemos um sanduíche na volta para casa.

-Hum, sua mãe e suas técnicas nada saudáveis. Vamos, se você sentir fome mais tarde, sabe que pode pegar algo da geladeira ou dos armários.

-Sim, eu sei.

Eu estava curiosa, é claro.

Não sabia que tia Lily estava esperando visitas, ainda mais alguém que a chamasse de tia. Ela não tem sobrinhos, a não ser Marcus e eu, tio Joe não tem irmãos, então não existia nenhum primo desconhecido por aí também.

Tia Lily se aproximou da mesa e depositou um refratário de vidro no centro da mesa, contendo um pavê de chocolate com morangos, algo que ela sabia que eu amava – como ela mesma anunciou ao sentar-se.

Logo depois disso, a visitante apareceu, com um refratário menor, contendo alguns *cupcakes*, ao qual depositou na mesa, próximo ao pavê.

De estatura mediana, isso significava que era bem mais baixa que eu, cabelos longos, ondulados e castanhos, com grandes olhos cor de mel e trajando roupas típicas da região, grossas calças jeans, botas e casacos por conta do frio, ela deu a volta na mesa, sentando-se ao lado de Philipe – que por sua vez, se encontrava à minha frente – e após ajeitar-se na cadeira, virou-se para ele, depositando um pequeno e leve beijo em seus lábios, nada mais que um selinho.

Aquilo me assustou. Demais!

Desde quando Philipe tinha uma namorada?

Por que meus pais ou tia Lily nunca haviam mencionado isso?

-Esta é Marie McHale e, como puderam observar pela demonstração de afeto em publico, – disse tia Lily, olhando para ambos, levemente brava – é namorada de Philipe. Ela é filha de Keith e Alexis McHale, vocês devem se lembrar deles, nossos vizinhos.

Meu cérebro parou de funcionar, a partir do momento em que as últimas palavras de tia Lily foram pronunciadas.

-É um prazer conhece-los, senhor e senhora Stewart, Melissa. Philipe falou muito sobre todos vocês. – a garota sorria enquanto nos olhava. Sua mão estava entrelaçada com a de Philipe em cima da mesa, mas não era isso o que me incomodava. Não mesmo!

Eu parei. Olhei para Philipe, que já tinha seus olhos fixados nos meus, e eu soube que ele sabia que estava doendo, e que aquilo era praticamente irrereal. Olhei para a garota que estava sentada ao seu lado, dizendo algo em resposta para o que quer que seja que meus pais haviam perguntado.

Minha respiração não estava normal, meus olhos estavam marejados, e antes que as lágrimas caíssem, denunciando o meu estado emocional, murmurei um pedido de licença, dizendo que não estava bem e me retirei da mesa.

Ainda consegui ouvir Philipe exclamando um palavrão, ao qual foi repreendido por sua mãe, e os passos pesados atrás de mim enquanto eu subia as escadas correndo, entrando em meu quarto e me jogando em minha cama, as lágrimas já tomando conta.

Ela era filha *dele*.

E Philipe estava namorando-a. Por quê? Como?

Tentei controlar os soluços desesperados, fazendo, assim, com que saíssem esgançados, doídos, meu corpo tremendo mais que o normal.

Enfiei-me embaixo das cobertas ao mesmo tempo em que Philipe adentrava em meu quarto, fechando a porta com a chave atrás de si.

Não, eu não havia visto seus movimentos, mas sentia seu perfume, o mesmo de sempre e, desde o *acontecido*, minha audição e olfato eram terrivelmente aguçados em alguns momentos.

-Mel, por favor, vamos conversar... – disse a voz grossa, porém baixa, bem próxima, e logo senti o colchão afundar com seu peso.

-Não quero conversar com você. Saia! – respirei profundamente para logo depois o ar sair de minhas narinas, batendo no travesseiro, e voltando ainda quente para meu rosto.

Senti a mão – grande, pesada e quente – de Philipe em meu braço, e esse toque, o mesmo toque que senti anos atrás, surtiu o efeito desejado... Ele me acalmou.

-Por que *ela*?

-Eu não escolhi isso, simplesmente aconteceu.

-Como?

Ele suspirou e, segurando em meus ombros, me fez virar de frente para ele, ainda deitada na cama.

-Eu só queria saber se estava tudo bem, se nada havia acontecido... Você sabe do que estou falando.

-Mas vocês nem se conheciam direito.

-Eu sei, mas eu não queria ver mais nenhuma garota do jeito que eu vi você naquelas férias, Mel. Eu só queria saber se tudo estava como deveria ser, mas precisava me aproximar, ela nunca se abriria para um desconhecido. Viramos amigos, com o tempo, e o resto... Bem, ele simplesmente veio.

-Então ela...

-Não, nada aconteceu.

Assenti, mas acredito que tenha sido mais para mim mesma do que para ele. Eu não desejava mal a ela, eu simplesmente... Era difícil saber que ela era filha *dele*, e estar embaixo do mesmo teto que ela, agora que eu sabia.

-Eu sinto muito, eu só...

-Eu sei. Eu sei. Eu deveria ter conversado com você antes, avisado sobre ela, mas eu simplesmente não sabia como falar.

-Vai ficar tudo bem... Eu acho. – levantei-me, sentando na cama, e olhei fixamente em seus olhos, aquele olhar que sempre me lembrava chocolate derretido, sempre brilhando. – Eu só preciso que me prometa... Me prometa que *ele* não estará aqui. Prometa que eu não o verei enquanto

estiver aqui.

-Eu prometo. Ele não está aqui, você não precisa se preocupar com ele, nunca mais, ok?

Assenti levemente, meu queixo apoiado em seu ombro enquanto ele me abraçava apertado, como se estivesse precisando disso.

Eu, pelo menos, estava. Eu precisava daquele abraço. Há quanto tempo eu não abraçava alguém daquela forma? Forte, quente, agradável, e, principalmente, sem sentir *medo*.

Eu estava esperando que assim que saísse daqui e voltasse para a casa, tudo voltasse ao normal e que eu esquecesse novamente de todos os acontecimentos do passado. Porém, nada estava saindo como o planejado, e agora, eu teria que *sobreviver* a essas duas semanas. Novamente.

Me mantenha salva dentro de seus braços que são como torres...

Torres sobre mim.

We Are Broken, Paramore

2. O diário

Segunda-feira, 15 de dezembro de 2008.

(...) Philipe estava estranho hoje, e eu não sei dizer o que havia acontecido. Num momento, estávamos brincando como sempre. Perdi o jogo e ele fazia cosquinhas em mim. No momento seguinte, ele parecia uma estátua e saiu correndo sem nenhum motivo.

*Tio Joe viu tudo e disse que iria conversar com ele.
Estranho.*

PHILIPPE PERMANECEU COMIGO DURANTE longos minutos, mas eu não saberia precisar quantos. Seu abraço me confortou depois que suas palavras penetraram em meu cérebro, e eu finalmente entendi que *ele* não estaria aqui.

Isso aliviava o meu medo, apesar de não eliminá-lo totalmente. Isso nunca iria embora.

Acabei adormecendo em seus braços, mas ele não estava mais ao meu lado quando acordei.

Encolhida e com o grosso edredom em torno de mim, me sentei na cama, ajeitando meus cabelos que, com certeza, não deveriam estar muito em ordem no momento.

Em minha mesa de cabeceira, um pequeno pedaço de papel rabiscado, e eu reconheci seu garrancho, que mais parecia com a letra de uma criança em fase de aprendizagem, algo que ele chamaria de *letra bonita*, só para me sacanear. Ao lado, uma taça com um exagero de pavê, a sobremesa que eu amava e deveria ter comido no jantar se eu não tivesse fugido, além de uma jarra cheia de água, um copo vazio e um copo com chocolate – que deveria estar quente, mas agora, no entanto, estava apenas morno.

Atencioso, como sempre.

Ignorando todos os itens ali, levantei da cama num pulo e, olhando o horário em meu celular, constatei ser apenas meia noite e alguma coisa, sendo assim, mesmo que meus pais e tios estivessem dormindo, Philipe poderia estar acordado.

Eu não sabia se ele continuava dormindo no quarto à frente, mas correria o risco e bateria na porta. O máximo que poderia acontecer era não ser, realmente, mais o seu quarto, ou ser o quarto de Victor, ou ainda estar apenas vazio.

Tomando a coragem que me faltava, saí do quarto e caminhei em linha reta até a porta da frente, hesitando e pensando duas vezes antes de bater, quando ouvi um barulho vindo do andar de baixo.

Andando pelo corredor até o início das escadas, pude ver uma luz vinda da sala de estar e decidi descer.

Parei quando ainda faltavam alguns poucos degraus e agradeci por estar calçada com apenas um par de meias, assim meus pés não faziam nenhum barulho audível a longa distância.

A TV estava ligada em algum filme romântico enquanto Philipe e a garota, Marie, se beijavam deitados no sofá. Philipe disse algo que a fez rir baixinho e ela se contorceu em baixo dele quando ele passou a depositar beijos em seu pescoço.

Subi dois degraus ainda olhando aquela cena como se fosse num filme e, sorrindo, voltei ao meu quarto.

Estava feliz por Philipe estar feliz. Ele era um cara legal e se Marie fazia bem a ele, eu não me intrometeria em seu relacionamento, mesmo que fosse difícil estar perto dela agora.

Permiti-me sentir inveja dela, também.

Mas não por Philipe, é claro. Nunca havia pensado nele de outro jeito que não como meu primo e amigo, apesar de sempre ter suspeitado que ele gostasse de mim de um jeito diferente... Na época, descartei essa possibilidade no momento seguinte de tê-la imaginado.

Por que ele se interessaria por uma garota defeituosa? Por que alguém, qualquer pessoa, se interessaria por alguém defeituoso... como eu?

De qualquer forma, todas as possibilidades de uma relação amorosa estavam fora de cogitação. Não que eu tivesse me interessado por alguém, também.

Suspirei, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se isso fosse apagar todos os últimos pensamentos, e peguei a caneca que continha o chocolate-não-tão-quente.

Eu poderia ir até a cozinha e esquentá-lo, porém, além de chocolate-quente

requeentado ser terrivelmente ruim, eu teria que passar pela sala para chegar à cozinha, o que atrapalharia o casal no sofá.

Peguei o controle e liguei a TV, sentando-me apoiada nos travesseiros, cobrindo-me com o grosso edredom branco que continha desenhos de pequenas flores rosa, reconheci imediatamente o filme que também passava na sala.

Lembranças não é o tipo de filme para se namorar enquanto assiste, é o tipo de filme que te faz chorar no final, onde, apesar do romance, o drama domina a maior parte da trama.

Com o papel deixado ao lado do chocolate quente e da taça com pavê, consegui decifrar o pequeno recado de Philipe.

***Para adoçar sua noite.
Com amor, Phil.***

Tomei um pouco do chocolate-quente, sentindo o gosto amargo do chocolate, enquanto deixava o bilhete de volta no lugar.

Observei Tyler e Emily no restaurante com o pai dele, conversando. Já havia assistido a esse filme tantas vezes que poderia dizer as exatas frases dos personagens a cada momento.

Sempre fico pensando em como Tyler, mesmo estando num momento de – aparente – trégua com o pai, ainda assim ele não está totalmente relaxado, é como se ele não estivesse ali integralmente.

Eu me sinto assim, às vezes. Não como se eu estivesse invisível em qualquer lugar que eu fosse, mas como se eu não fizesse parte daquilo, como se eu não devesse estar ali.

Inevitavelmente, adormeci após chorar com o cruel destino do personagem principal – já que não importa quantas vezes eu assista ao filme, as lágrimas sempre vêm – e pensando sobre como o nosso destino nos prega peças...

-Hei... Dorminhoca, acorda! – murmurou uma voz rouca bem próxima. Próxima demais.

-Humm... – gemi baixinho e virei-me para o lado contrário ao qual estava deitada, dando de cara com ele ao abrir os olhos. Philipe estava agachado ao lado de minha cama, com a cabeça apoiada na cama enquanto olhava para mim e eu gostaria de saber o que ele estava pensando.

-Hora do café. Na verdade, você está atrasada, mas não tem problema. Nossos pais acabaram de sair. Vem, quero te mostrar algo antes do almoço.

Lutando contra o frio, tomei um banho rápido e trajando duas calças de algodão, casaco, luvas e cachecol em mãos, desci as escadas após calçar botas de cano longo.

À mesa posta, Philipe e Marie estavam sentados lado a lado e eu não pensei muito antes de me sentar à frente deles.

A garota de longos cabelos castanhos sorriu para mim como se eu não tivesse a ignorado noite passada, e eu soube que Philipe havia contado tudo e, não, isso não acontecera agora.

Pensei em respirar fundo três vezes antes de dizer qualquer coisa, porém Marie foi mais rápida e estendeu sua mão para mim.

-Sou Marie. Espero que tenha tido um sono agradável. – disse ela ainda sorrindo.

-Melissa, mas... – me virei para Philipe, mostrando minha melhor (ou seria pior?) cara feia, enquanto apertava sua mão – ...eu tenho certeza de que você já sabia isso.

-Philipe só falou coisas boas sobre você, não fique brava com ele. – olhou para ele, que devolveu o olhar, ambos sorrindo.

Mas que porra! Será que eles eram o *casal sorriso* ou algo parecido?

-Bem, eu adoraria ficar, mas preciso ir. – disse a garota sorriso se levantando. Philipe a seguiu até a sala, onde eles se beijaram e observei Phil falar algo a ela que, é claro, não consegui escutar.

Quando Phil voltou à mesa, eu já havia me servido com um copo de chocolate quente, dessa vez estava realmente quente, e uma fatia de bolo, cujo sabor eu só descobriria quando experimentasse um pedaço.

Desde que eu era criança, tia Lily fazia bolos diferentes a cada dia, porém, se você apenas observasse, pensaria que o bolo era simples sem sabor algum, e então quando mordesse teria uma surpresa.

Às vezes acordávamos, Philipe e eu, mais cedo, só para descobrirmos o

sabor do bolo antes de todo mundo, só pelo cheiro dele enquanto assava.

-Onde ela foi assim tão cedo? Não vai me dizer que você está namorando uma colegial?

-É claro que não – gargalhou – Marie ajuda a mãe numa galeria de arte no centro.

-Oh, é de lá que vêm todos esses quadros?

-Sim e não. O primeiro meus pais compraram lá, mas os outros foram pintados aqui mesmo. Marie é a artista.

-Wow, ela é simplesmente genial. – eu estava espantada, realmente. Os quadros haviam me encantado desde o início... Opa.

-A bailarina, o quarto cor de rosa...

-Minha mãe decorou para Marie. Era um quarto vago na casa e quando começamos a namorar, minha mãe achou melhor que fosse assim. Você sabe, todo aquele lance da moral e dos bons costumes. Obviamente, não durou muito.

Não achei que tia Lily fosse permitir que Philipe dormisse com alguma garota, no mesmo quarto... Bem, minha mãe não deixava Marcus trazer garotas para casa, mas eu acho que isso só acontecia pelo fato de meu irmão sempre se interessar pelas garotas erradas e por não querer que elas fossem uma má influência sob mim.

-Hummm... – murmurei, decidindo que aquela era uma boa hora para descobrir o sabor do bolo.

Morango, meu preferido.

-Onde nós vamos?

-Em lugar nenhum. O que eu quero te mostrar está aqui dentro.

-Ok...

Aquilo estava estranho. Mas, tudo o que eu podia fazer era terminar de tomar meu café da manhã logo e esperar o que quer que Philipe estava querendo me mostrar.

Caminhamos até o segundo andar, Philipe nunca me disse onde estávamos indo, porém eu logo descobri, ao pararmos em frente ao que eu imaginava que ainda fosse seu quarto, logo em frente ao meu.

E eu estava certa, aquele continuava sendo o seu quarto. A cor e decoração

não eram mais as mesmas, o antigo quarto cheio de carrinhos de brinquedo que decoravam a estante inutilizada acima da cama de solteiro não existia mais, nem o azul bebê das paredes ou as cortinas desenhadas por ele mesmo.

O quarto era um padrão de cores frias e neutras, sóbrias, o que significava que Philipe havia mudado consideravelmente de comportamento em todos esses anos em que não nos vimos. Apesar disso, pude ver alguns *posters* de bandas de rock, além de fotografias em que ele aparecia com – o que eu supus serem – seus amigos, uma com meus tios e várias com Marie. Em frente à escrivaninha com o computador e alguns livros, uma foto de Marie – sozinha – de um lado, e uma minha, junto com ele e Victor, tirada anos atrás, do outro.

-Sente-se aqui, eu já volto. – disse de repente, me assustando enquanto apontava para a cama acolchoada com um edredom negro.

Seguindo seu pedido, mais confusa do que antes, observei-o entrar no closet e voltar alguns minutos depois, com um embrulho em mãos.

O saco em TNT vermelho preso com um laço de fita branco estava mal embrulhado e não tinha cara de nem ser ao menos algo novo, e eu só entendi o porquê quando Philipe retirou o embrulho vermelho revelando algo que eu não via há exatos cinco anos.

-Oh, meu Deus... – levei a mão à boca, sentindo as lágrimas apontando em meus olhos, porém, evitando ao máximo que elas caíssem. – Como você conseguiu isso?

Minha voz estava embargada, minha respiração estava acelerada, bem como as batidas de meu coração, simplesmente pelo fato de estar cara a cara com o meu antigo diário.

Bom, pelo menos essa é caixinha em que eu o guardava e ele estava ali dentro na última vez em que o peguei.

-Há dois anos, quando a reforma da casa começou, eu e Victor ficamos encarregados de construir a estufa que Lily tanto queria. Encontrei isso enterrado lá quando fomos cavar a terra, atrás da casa, onde hoje fica a estufa. – ele parou e se sentou, me olhando, enquanto colocava aquilo no meio de nós. – Mas a pergunta é: porque você enterrou o seu diário? Eu via você com ele o tempo todo enquanto estive aqui, perdi a conta de quantas vezes vi você no lago congelado escrevendo nisso. – apontou para a caixa. –

O que aconteceu, o que mudou que você desistir do seu diário?

-Você leu isso?

-É claro que não! – disse, enquanto me observava tirar o diário da caixinha de metal rosa. – Responda, Mel.

-E você ainda me pergunta o que aconteceu? – disse o encarando. – Você sabe o que aconteceu, Philipe. Você sabe sobre isso mais que qualquer outra pessoa.

Mesmo com a distância nos separando, superando o fato de que não nos dávamos tão bem quando eu era mais nova, Philipe se tornou a única pessoa com a qual eu podia falar e por esse motivo, não havia porque me esconder.

-Depois do que aconteceu, eu mudei. Mudei completamente. E muito do que está escrito aí dentro – aponte para o diário – representa o que eu gostaria de ter sido e não pude.

-Não pode por quê? Mel, a sua vida não acabou. Você ainda tem muito que viver, você não tem que fazer isso. Não se prive dos seus sonhos. – sua mão estava em meu pulso, impedindo que eu me levantasse assim que tentei, porém mesmo assim eu saí de seu alcance, indo para a janela e observei toda a neve lá fora.

-Você não sabe nada sobre os meus sonhos.

-É claro, você só os dividiu com o seu diário. Mas seja o que for, volte naquele lago, supere tudo e siga em frente. – fechei os olhos ao sentir seus braços circundando-me pelos ombros, a respiração quente em minha nuca e o cheiro de perfume invadindo minhas narinas. – Todo mundo precisa seguir em frente, Mel. Você precisa superar. Quantos anos da sua vida você ainda vai perder por causa do que aconteceu há cinco anos?

-Eu só... – respirei fundo, sentindo a primeira lágrima escorrer pelo meu rosto – Não sei o que fazer... Você não entende!

-Que merda que eu não entendo, Melissa? Eu estava lá, eu vi tudo o que você passou, eu fiquei com você. Você sofreu, eu sei, e eu e Marcus apoiamos todas as decisões que você tomou. – me virou de frente para ele, levantando a mão para enxugar minhas lágrimas, que agora caíam em rios. – Mas já se passaram cinco anos, Mel. Cinco fodidos anos, não cinco meses. Ele soltou um suspiro alto e levantou meu rosto para encarar o dele.

-Eu perguntei isso uma vez, você disse que não. Hoje eu pergunto novamente e espero ouvir uma resposta diferente. Você precisa de uma ajuda profissional? Podemos ir até Jennifer e pegar um encaminhamento,

você pode se consultar em alguma clínica perto da sua casa...

-Ah, claro, só porque eu estou super a fim de fazer com que meus pais descubram isso. Não, obrigada, eu não preciso de nada.

-Existe uma coisa chamada sigilo médico-paciente e você pode pagar com dinheiro, assim eles não descobririam, mesmo eu sendo totalmente a favor de que você conte a eles.

-Eles nunca vão saber. O que iria adiantar? O que iria mudar?

-Você vai procurar ajuda?

-Ninguém conseguiu me salvar cinco anos atrás, porque iriam conseguir isso agora?

Imediatamente vi sua expressão mudar, e soube que aquilo o havia machucado.

Acho que meu irmão e ele sempre se culpariam por não terem percebido nada antes de acontecer.

-Me desculpe, eu não quis... Eu...

-Mel, eu sou o único aqui a ter que pedir desculpas. Eu não dei o meu melhor, eu podia ter feito mais... Se Marcus e eu tivéssemos ficado com você naquela noite, tudo teria terminado bem.

-Não se culpe. Eu não culpo você, nenhum de vocês. Se eu não tivesse saído de casa durante a noite, nada teria acontecido.

-Não faz isso. Não culpe a si mesma, você é a última pessoa a ser culpada, você não fez nada de errado. – ele fechou os olhos e me abraçou bem forte. – Prometa... – fungou. Ele nunca me deixaria vê-lo chorar. – Prometa que irá procurar alguém. Não diga que não precisa, porque você sabe que precisa. Não tem que ser agora, mas faça isso, por favor?

Eu não queria mentir, mas sabia que ele não pararia de pedir até que eu dissesse que sim, mas eu também estava com muito medo de dividir todos os meus sentimentos com um estranho.

-Eu prometo tentar... – respondi quando ele segurou meu rosto e depositou um beijo em minha testa.

Considerando essa ideia a longo prazo, e pesando o fato de que ele não estaria perto para “fiscalizar”, não havia mal algum em dizer sim para algo que, possivelmente, não irá se concretizar.

-Espero que você faça isso, de verdade, que isso não seja da boca para fora. E isso... – voltou para a cama, onde pegou a caixinha com o diário dentro e levou até onde eu estava. – Eu tenho certeza de que você vai

querer se lembrar de tudo o que está guardado aqui dentro.

A caixinha foi empurrada para os meus braços e eu a segurei, sentindo a frieza do metal encostado em minha pele quente.

-Faça isso por você, não por mim ou por seu irmão. Faça o que fizer você bem, feliz.

Philippe e eu nos abraçamos e ficamos assim por longos minutos, até seu telefone celular começar a tocar.

Nossos pais estavam no supermercado e queriam saber se precisávamos de algo de lá. Disseram que ligaram no telefone fixo, mas que ninguém havia atendido, e de fato, não havíamos escutado daqui de cima e Victor havia dormido na casa de um amiguinho.

Esta foi a deixa para a conversa chegar ao fim, o que eu agradeci.

Enquanto Philippe seguia as ordens da mãe pelo telefone e ia buscar o irmão em uma das fazendas vizinhas, com o diário em mãos, segui em direção às escadas.

Eu estava com meu casaco, mas sabendo que poderia estar muito mais frio lá fora do que fazia aqui dentro, entrei no armário embaixo das escadas e puxei o primeiro casaco que vi pela frente e, pelo tamanho e cor, – cinza – deduzi que fosse de tio Joe e o vesti, antes de sair pela mesma porta que Philippe havia saído minutos antes.

Fiz o caminho totalmente conhecido por mim, o mesmo que tantas vezes havia feito – sozinha ou acompanhada – por diversos anos enquanto estava aqui, desde que tinha oito anos. Aquele lugar era importante para mim, ele me marcara de diversas formas boas – e apenas uma ruim – e ainda era parte do meu sonho.

O lago congelado ao lado da casa dos meus tios era um dos meus esconderijos particulares e fora ali que eu patinara pela primeira vez. Sentando-me em uma das pedras, encolhendo as pernas coladas em meu peito, fazendo com que o grosso e cumprido sobretudo me acolhesse. O ar quente que saía pelas narinas faziam fumaça em contato com o ar gelado e eu procurei me esquentar – como se fosse possível – antes de fazer o que viera fazer.

Eu estava com medo, morrendo de medo, para ser mais exata. Aquele fantasma ainda me assombrava e, estando aqui, ele só se multiplicava. Depois de alguns minutos, desistindo de esperar o meu corpo se acostumar com a baixa temperatura que fazia ali fora, peguei a caixinha de metal em meu colo e abri, observando o conteúdo por um momento antes

de segurá-lo com as mãos.

A pequena chave antiga que abria o cadeado que impedia que visitantes indesejados lessem o diário estava ali, solitária num canto vazio da caixinha, presa com o laço rosa – agora meio desbotado – que eu costumava prender no pescoço.

Abrindo o cadeado com a chave, devolvendo-a para o meu pescoço – ao invés de coloca-la na caixa novamente, abri o diário em sua primeira página.

Reconheci, imediatamente, a letra da criança que eu era aos oito anos, quando ganhei o diário e escrevi nele pela primeira vez.

As páginas estavam amareladas, um pouco manchadas até, e mais finas do que me lembrava, porém ainda era o mesmo diário de cinco anos atrás, conservado da chuva e da terra por aquele mesmo saquinho de plástico transparente e a caixinha de metal, que sempre fora a guardiã do diário. O Diário Secreto de Melissa.

***God knows that I tried – I'm wide awake - Seen know but me. I'm not
hide anymore. I'm wide awake...***

Wide Awake, Katy Perry

3. Descobertas

Terça-feira, 23 de dezembro de 2008.

Tia Lily está preparando uma festa. Ela já convidou todos os vizinhos mais próximos, os McHale, os Damphord e os Wright estarão aqui para comemorar o Natal com os Stewart e com os Lewis.

Graças a Deus, nenhum deles tem filhos pequenos, porque se não, essa festa viraria uma bagunça completa.

Todos estarão aqui pela manhã para ajudar na decoração e comida.

Acho que tia Lily e tio Joe gostam da casa cheia...

EU NÃO LI NENHUMA PÁGINA DO DIÁRIO naquela manhã, eu acho que ainda não estava pronta.

Mas sentada ali, onde tudo começara e terminara, decidi que tentaria, ao menos.

Eu também não retornei ao lago na semana que se seguiu, e quando menos esperei, estávamos na véspera de Natal.

Philipe, Marie e eu saímos com Victor durante a semana, fomos à festa de aniversário de um de seus amiguinhos da escola, nada muito interessante, mas aparentemente, os dois gostavam de participar da vida do garoto quando os pais não podiam.

Eu achava isso legal. Meu irmão fazia o mesmo comigo... antes de se meter com más companhias...

Sexta-feira à noite, Philipe quis me levar para conhecer uma casa de shows no centro. É claro que eu rejeitei a ideia, country não é muito o meu estilo, apesar de ouvir algo do gênero por causa dos meus pais. No entanto, não é algo que eu ouviria se tivesse escolha. Foi aí, então, que ele me surpreendeu dizendo que era uma casa de shows nova por ali, onde rock era o som predominante.

No final, acabei aceitando e não me arrependi nenhum pouco.

O som era um pouco mais pesado do que eu estava acostumada, mas foi bom ouvir algo diferente do que está no meu iPod.

Eu ainda não havia me acostumado com a presença constante de Marie, mas o que eu poderia fazer? Ela era sua namorada.

Para a minha surpresa total, Philipe estava lá com uma banda, subiu ao palco e tocou duas músicas, ficando na guitarra e nos vocais.

Minha mãe nunca havia mencionado que Philipe tinha uma banda, na verdade, acho que e tivera pouquíssimas notícias sobre ele durante todos esses anos, ao contrário do que acontecia antes, já que todas as vezes em que ele aprontava na escola, tia Lily contava para minha mãe sobre como ele estava seguindo os passos errados de Marcus.

Por ser um dia de semana, o lugar não estava lotado, – mesmo que muitos dos frequentadores estivessem de férias – de acordo com Philipe, a casa só ficava lotada, realmente, aos sábados.

No final das contas, eu realmente consegui me divertir naquela noite, apesar de ter que aturar os dois pombinhos se tocando constantemente, beijos aqui e ali e eu me segurei para não manda-los procurar um quarto.

Raissa, Sylvia e Natalie me ligaram no sábado, elas estavam na casa de Dan e me bombardearam com as novidades dos últimos dias da escola, que eu havia perdido por ter sido dispensada mais cedo por causa da viagem.

Valentine – mãe dele – havia feito algumas guloseimas e estavam todos tendo uma noite de filmes, que estaria completa se eu estivesse lá com eles. Conversei com os quatro por mais de meia hora, Natalie me contando sobre sua mais recente conquista – um cara mais velho, como sempre – Raíssa havia brigado com Connor, seu namorado de infância, Sylv apenas disse que estava tudo normal, o que significava que sua vida amorosa continuava zerada. Daniel sempre evitava falar sobre qualquer tipo de relacionamento com o sexo oposto, apesar de eu saber que era gigantesca a lista de garotas atrás de meu melhor amigo com seus lindos olhos azuis. Ele costumava comentar pouco sobre esse assunto, mas seu melhor amigo do sexo masculino sabia de todas as suas conquistas. Comigo, porém, ele simplesmente não tocava no assunto. Todos eles sentiam minha falta – o que era totalmente recíproco – e queriam confirmar se não seria possível que eu estivesse de volta para a virada do ano, mas eu logo neguei dizendo que meus pais ficariam no Tennessee até o dia 3 de janeiro, já que os aeroportos estariam lotados nos dias 31 de dezembro e 2 de janeiro.

Enfim, a véspera de Natal chegou e o clima natalino me fez esquecer um pouco sobre estar longe dos meus amigos, porém não conseguiu amenizar o medo que eu estava de estar aqui nesta noite e nem do que poderia acontecer. Principalmente nesta noite.

Os Wright, assim como Marie e sua mãe, juntaram-se a nós na preparação para a tradicional noite de Natal da nossa família.

Jennifer fora a primeira a chegar, com os pais Cynthia e Davon, e eu pude reconhecer a jovem – que hoje, com certeza, havia se tornado – psicóloga.

-Eu não acredito que é você! – disse ela após os pais terem se dirigido à cozinha, onde já estavam meus pais e tios. – Meu Deus, você cresceu tanto e está tão bonita, não que já não fosse antes, é claro. – ela riu enquanto se aproximava, ainda me observando. Eu a abracei.

Ela não havia mudado em nada, e gargalhou no meio do abraço quando lhe disse isso.

-Você está bem, certo? Procurou ajuda? – disse num sussurro. Ela não pode ver, mas eu tenho certeza de que sentiu o movimento de minha cabeça em seu ombro, de um lado para o outro, negando. – Então você precisa e você sabe disso.

-Philipe me disse a mesma coisa. – disse sorrindo amargamente, quebrando o abraço.

-Porque ele se preocupa com você. Podemos conversar mais tarde, fazer uma avaliação para ver se você precisa de acompanhamento médico. Mas vamos deixar os assuntos pesados para depois, ok? Quero ver você antes que vá embora, pode ser em minha casa ao invés de em meu consultório. Eu sorri e assenti para a mulher à minha frente e, então, seguimos para a cozinha, onde Lily logo foi distribuindo tarefas.

Jennifer era alguns bons anos mais velha que eu, mas mesmo assim sempre fora atenciosa comigo quando criança. A verdade era que ela era o “caso de inverno” – se é que isso existe? – de meu irmão. Isso deve ter acontecido dos meus sete aos doze anos de idade, quando ela simplesmente cansou da relação aberta e à distância que tinham, além de não concordar em nada com o comportamento de Marcus, que havia mudado muito nos últimos três anos antes de ele se mudar para Londres.

Como o esperado, eu, Jennifer, Philipe e Marie – que ainda não havia

chegado – ficamos com toda a parte de decoração da casa e decidimos, por bem, começarmos pelo lado de fora.

Algumas luzes coloridas foram colocadas ao redor de toda a casa e também na estufa de Lily.

Philipe avisou-nos que Marie só chegaria com a mãe, Alexis, após a hora do almoço, já que ambas estariam na galeria de arte por meio período. Dito e feito, quando nossos pais já haviam colocado todas as bebidas para gelar e nossas mães haviam deixado o peru assando no forno, Marie apareceu e foi logo se pendurando ao pescoço de Philipe, o que me fez revirar os olhos.

Perto das seis da tarde, a ceia já estava pronta, bem como a decoração da casa e da árvore, enquanto os outros se espalharam pela casa para se arrumarem para mais à noite, eu e Marie ficamos encarregadas de arrumar a mesa.

Aquela fora a oportunidade que tive de conversar com ela, apesar de ela ter sido quem puxou a conversa.

-Você parece apavorada de estar aqui comigo, como seu eu fosse um bicho ou estivesse me preparando para mordê-la. Se for isso, não se preocupe, eu não mordo... Só quando o Phil pede.

-Ew, isso foi tão desnecessário.

-Desculpe – ela gargalhou enquanto colocava a toalha de mesa vermelha em seu devido lugar – Depois que eu disse vi que era mesmo desnecessário, mas foi só para descontrair.

-Eu não estou... com medo ou assustada por sua causa... Eu só...

-É, eu sei. Eu não acho que ele deveria ter me contado tudo sobre ‘você sabe o quê’ sem antes conversar com você, mas ele fez. Ele me contou tudo o que ele sabe sobre o que aconteceu naquela noite e... eu, realmente, sinto muito.

Philipe, Marcus e Jennifer foram, – quando aconteceu – e ainda o são, tão cuidadosos ao mencionar aquela noite que eu me assustei com o jeito de Marie falando sobre isso.

Ok, ainda assim ela não disse a palavra que todos evitavam tanto, e analisando novamente suas palavras, elas não tinham sido muito distantes do que eu havia ouvido de Philipe, na semana passada, ou de Jen, hoje mais cedo. Acho que pesava mais o fato de que ela estava de fora, não havia me visto no estado calamitoso daquela noite e hoje falava como se estivesse lá. Isso além do fato de ser filha *dele*.

Talvez eu estivesse sendo um pouco frágil demais em relação a isso, mas que porra, ainda doía, ainda estava marcado e estaria para sempre.

-É, eu também sinto. – respondi. – Mas esse não é o único motivo de eu ter um pé atrás com você.

Mudança de foco. Sempre funcionava.

-Ahn, não? Então o que mais?

-Você está namorando um dos meus melhores amigos, além de primo.

Como vou saber se você é boa o bastante para ele?

-Eu não sou. Eu sei disso, você sabe disso, ele sabe disso. Mas eu estou aqui e vou estar até que ele diga que não me quer mais.

E foi aí que eu percebi – ou achei que tinha percebido – toda a situação. Marie era mais parecida comigo do que eu esperava...

-E quanto ao meu pai, você não precisa se preocupar com ele. Nunca mais. Eu só não deixei os pratos que estavam em minhas mãos irem direto para o chão porque eu já estava colocando-os em cima da mesa.

Eu não sabia, apesar de imaginar, o que aquelas palavras significavam. Era esse o motivo de Philipe ter me assegurado que *ele* não estaria aqui?

Eu não perguntei na hora o que ela estava querendo dizer com aquilo, mas também não deixaria passar.

Tudo correu bem no decorrer da noite, porém eu estava em estado de alerta e por isso me ative aos detalhes.

A expressão de Alexis e o jeito com que falava comigo, me diziam que ela não sabia de nada... Pelo menos, não sobre mim.

Mas eu não sabia nada sobre o que havia acontecido, se existiam outras por aí... Eu sequer sabia se existiam outros tipos de problemas ou o que havia acontecido com ele.

Tudo o que eu sabia era que para Marie e a mãe era como se estivesse faltando alguém, como se ele não fosse voltar... Como se ele estivesse *morto*.

Seguimos o ritual do Natal, à meia noite, com todos sentados à mesa, a prece feita por tio Joe e meu pai, a ceia, a sobremesa e, enfim, todos estavam livres.

Nossos pais foram os primeiros a se retirarem, indo até a sala de jogos para conversar, beber e jogar.

Jennifer se aproximou de mim no sofá enquanto eu ligava para minhas amigas e, colocando no viva voz durante todas as ligações, fiz as apresentações de todos, até Victor.

Elas, que iriam estar juntas na virada do ano, prometeram me ligar assim que os ponteiros marcassem meia noite, para que, de alguma forma, pudéssemos ficar juntas logo nos primeiros minutos de 2014.

Perto das duas da manhã, Lily apareceu na porta, dizendo que já havia passado da hora de Victor ir para a cama. Ele saiu resmungando e eu, imediatamente, recordei-me de quando éramos Philippe e eu no lugar dele, tendo que dormir cedo quando sabíamos que nossos pais iriam ficar acordados.

-Hey... – uma mão se movimentava freneticamente a frente de meus olhos e eu chacoalhei a cabeça levemente antes de olhar para Jennifer ao meu lado. – Estava dormindo acordada?

-Ahn, não... Só pensando...

-Hum, sei. Bem, agora que os pombinhos foram para sei lá onde, vamos conversar. Tudo bem para você?

-Na verdade, não, mas como sei que nem você e nem o chato do meu primo irão parar de encher o saco sobre esse assunto, então que passemos por ele logo.

Preferi ir até o meu quarto, já que nossos pais poderiam entrar na sala de estar a qualquer minuto, e mesmo que eu não pretendesse dizer nada comprometedor demais – afinal, ela já sabia de tudo – ainda assim eu não queria que meus pais ouvissem nada sobre essa história.

-Okay. – disse ela olhando fixamente para mim, já sentada em minha cama, de frente para mim. – Vamos conversar e lembre-se, estou aqui não só como médica, mas como amiga também. Sabe que pode confiar inteiramente em mim, não é?

-Sim, eu sei, mas nem por isso falar sobre esse assunto se torna mais fácil.

-Melissa, *falar* sobre isso torna as coisas mais fáceis. Tenho certeza de que seus medos e receios serão eliminados com um pouco de terapia. Não estou dizendo que sua memória será apagada e que será como se nunca tivesse acontecido. Mas posso garantir que não doerá tanto.

-Apenas faça o que acha que deve ser feito.

Eu não era cética, ou pelo menos achava que não, mas era verdade que eu não acreditava que falar fosse ajudar, pelo contrário, aquilo só faria a ferida se abrir mais e mais, até voltar a sangrar.

Mas Jennifer e Philipe haviam feito muito por mim, assim como meu irmão, então porque não deixa-los felizes por um dia...?

-Como você se sentiu depois do que aconteceu?

-Você sabe como.

-Mel, falar ajuda, lembra?

-Eu me senti... Roubada. – disse, relutante – Eu... Era como se eu estivesse assistindo a um filme de terror, só que eu era a protagonista. Eu me senti fraca, sem esperança, sem fé, sem nada. Eu senti como se minhas forças estivessem acabado, talvez a pilha ou a bateria tenha enfraquecido, e não existia, não existe, razão para mais nada em minha vida.

-Seus sentimentos são muito profundos, Melissa. E isso é bom. Outras pessoas em seu lugar, teriam se tornado pratos rasos, ou estariam ocas por dentro. Eu sei que você tenta passar a todos essa imagem de “eu não me importo com ninguém”, usando suas roupas e maquiagens escuras, falando somente o necessário, quando, na verdade, você deve ser a que se importa mais que qualquer outra pessoa. Isso mostra que você está viva, que você *sente*.

-São sentimentos confusos e apavorantes, vistos de dentro da minha cabeça.

-Não dá para esquecer que você tem um trauma, é por isso que você precisa de um psicólogo, só ele mostrará um caminho, seja tomando remédios ou não, seja fazendo tratamentos alternativos ou simplesmente só conversando. Eu adoraria atender você se você morasse aqui, seria mais fácil e rápido para nós duas, mas posso indicar alguém na Califórnia.

-Eu não preciso de ajuda, tudo está bem.

-Não está e você sabe disso. Quantas vezes mais eu precisarei repetir isso? Somente assenti, não respondendo nada, enquanto ela me perguntava se eu havia me relacionado com alguém nesses anos.

Depois de aproximadamente meia hora conversando, Jennifer disse que estava na hora de ir e eu a acompanhei escadas abaixo até a porta da casa. As palavras “você sabe”, “precisa”, “ajuda” e “psicologia” foram as palavras mais usadas durante nossa conversa e, apesar de prestar atenção em tudo

o que ela estava falando, toda aquela conversa estava me sufocando.

Ela se levantou e segui para a porta do quarto.

-Está na hora de ir. – olhou para o relógio em seu pulso – Mel, faça isso por você. Mas se não fizer por você, faça pelo seu irmão. Seja forte como ele foi.

Falar sobre a reabilitação de Marcus era sacanagem. Esse era um dos meus pontos fracos e ela tinha conhecimento disso.

E por isso, só por isso, disse que estava disposta a ver um médico. Ela, então, ficou de me ligar ainda essa semana, antes do ano novo, para me indicar alguns médicos e eu disse que preferiria ser atendida por uma mulher, quando ela me questionou se eu tinha preferência de sexo.

Se eu estava considerando conversar com alguém sobre o meu problema, com certeza não seria para um homem.

Pelo silêncio no andar de baixo, meus pais e tios já deveriam ter se deitado, e nossos convidados já deveriam ter ido embora, e por isso, depois de me despedir de Jennifer, encarei meu primo no sofá.

-Todos já foram embora? – ele apenas meneou a cabeça, assentindo. – Por que não me disse que ele estava morto?

-Quem te contou isso? – sentou-se rapidamente, fixando seu olhar no meu.

-Então é verdade? – a careta que ele fez quando descobriu que eu apenas havia jogado verde e ele havia caído como um patinho – Ninguém me disse, mas o fato de ninguém saber sobre o que me aconteceu e mesmo assim ele não estar aqui com a família contou pontos, mas enquanto conversávamos, Marie mencionou que seu pai não estaria aqui “nunca mais”, lembro de ouvir você dizendo algo parecido, então...

-O que? Você e Marie conversaram?

-Não tente me distrair. Comece a explicar.

-Não há nada para explicar. O cara era cardíaco e, pelo que Marie me contou, ele se assustou com algo e *puf*, morreu.

-Ok, agora a verdade.

-Melissa...

-Já aguentei tanta coisa que saber como esse monstro morreu será o de menos.

-Ele... – suspirou – Foi preso. Uma garota, ela devia ter 14 ou 15 anos na época, o denunciou.

Ainda estava registrando suas palavras, quando, depois de alguns minutos de silêncio, ele tornou a falar.

-Ele foi preso e julgado culpado, já que ao contrário do que fez com você, foi descuidado e deixou provas. Ele ficou preso por, aproximadamente, dois anos. Em uma manhã, Marie recebeu uma ligação do presídio, informando que o pai havia sido encontrado morto em sua cela. Até onde foi provado, ele ingeriu uma grande quantidade de veneno, o que ninguém sabe é como o frasco foi parar lá.

-Quanto tempo faz?

-Ele morreu um ano e meio atrás.

-Por que você nunca me disse?

-Por que eu diria?

-Porque... Porque era importante! Eu precisava saber que...

-Por quê? Por que você saberia que ele não faria com outras garotas? Não me diga isso, porque se você não quisesse que ele fizesse novamente, você teria o impedido, denunciado.

-Você não sabe o quanto é difícil admitir o que aconteceu para mim mesma, você realmente acha que eu seria capaz de ir a uma delegacia e contar tudo para todo mundo? Você também não sabe o quanto eu quis fazer isso. Eu apenas não pude.

-Não pode mesmo ou simplesmente não quis? A lei do menor esforço, conhece?

-Não foi nada disso. É difícil para mim, ok?

-Se fosse tão difícil teria procurado ajuda médica.

-Então tudo se resume a isso? Eu sofri menos, foi menos difícil para mim do que deve ter sido para todas as outras, se é que existem outras garotas, só porque eu me calei?

-Não, Mel. A diferença entre você e as outras é que elas devem ter seguido em frente. Você não! Está estacionada, parada, há cinco anos.

-Se esse é o problema – disse ignorando parcialmente suas últimas palavras. Fiz uma pausa em minha fala, enquanto ia até o armário embaixo da escada. Sabia que o objeto que eu queria estava lá. – Eu vou marcar uma consulta com uma psicóloga quando voltar à Los Angeles.

Saí pela porta da frente com um pé do par em cada mão, me arrependendo na mesma hora em que coloquei o pé direito para fora.

A noite estava extremamente parecida com a noite em que tudo aconteceu cinco anos atrás, e mesmo parecendo ridículo sentir medo de alguém que não estava mais entre nós, eu não conseguia evitar.

O ar gélido vindo de encontro ao meu rosto, entrando em meus pulmões a toda força, me fez respirar rápido, o que não fora uma boa ideia.

Tentei respirar não tão profundamente, meu coração batia rápido, mas eu

não parei.

Dando a volta na casa, cheguei ao lago e corri até a pedra que havia sentado da última vez em que estive aqui, na semana passada, o mesmo lugar onde eu sentava para escrever em meu diário.

Sentada ali pela última vez durante esta viagem, retirei os *soakers** e calcei os patins que peguei no armário embaixo da escada. Sabia, pelo tamanho, que aqueles eram os de tia Lily e deduzi, por não haver mais nenhum patins lá dentro, que somente ela continuava patinando.

Com medo de ter esquecido como se fazia por causa do tempo sem praticar, deixei o pequeno lampião aceso no chão ao lado da pedra e caminhei devagar até o lago congelado. Eu sabia que ele estava seguro, desde a outra vez em que estivera aqui percebi que o gelo estava espesso o bastante, o que se dava pelo fato de o inverno ter vindo mais cedo e com força total por aqui, e tia Lily havia comentado sobre isso no café da manhã num outro dia.

Ela mesma havia vindo patinar.

Arrisquei um pequeno passo, um tanto quanto hesitante e meio desequilibrado, dando outro logo em seguida. O terceiro e quarto impulsos foram mais controlados e os passos seguiram sucessivamente até chegar ao outro lado do lago.

Fiz o caminho de volta para onde eu estivera anteriormente, parando perto do lampião, e repeti o caminho de ida e volta por diversas vezes até me acostumar um pouco com aqueles patins.

Eu não sabia se tia Lily ainda guardava meus antigos patins em algum lugar da casa, mas teria que fazer o mesmo processo de treinamento antes de dar passos maiores se eu estivesse com eles agora. Não dá para ignorar todos os anos em que fiquei sem colocar meus pés numa pista de gelo, mas é um pouco difícil, para quem já conhece a dança, se acostumar com patins novos e esperar isso acontecer para que possa fazer mais do que simplesmente se aquecer.

Depois de muitas voltas de ponta a ponta e de circundá-lo, parei ao meio do lago e fechei os olhos, tentando deixar meu corpo leve. Eu não tinha música, mas podia imaginar facilmente.

Imediatamente, *My Immortal*, música do Evanescence, me veio à cabeça e eu comecei, ainda de olhos fechados, a movimentar minhas mãos no ar ao

ritmo do piano.

Eu havia patinado muito ao som dessa música, por isso ela era a mais fácil de imaginar comigo estando aqui, prestes a dar o primeiro passo.

Dei um passo para frente e ao retornar, deslizei com os patins até a outra ponta do lago de costas, ouvindo o barulho das lâminas de encontro ao gelo com mais força. Levantei meu pé esquerdo quando estava quase no final do lago, mas aquilo era demais, e fora o suficiente para me desequilibrar, porém voltei o pé ao chão antes de parar e cair.

Tomando alguns segundos antes de tentar novamente, ouvi meu coração batendo cada vez mais forte, assim como a melodia que ainda ecoava em minha mente. Na segunda tentativa, partindo da ponta esquerda, desta vez, ao tentar o passo anterior, novamente eu me desequilibrei e fui ao chão. Bem, eu estaria roxa pela manhã, mas não pararia até que conseguisse completar algo básico na patinação.

Não sei dizer quanto tempo se passou até começar a nevar. Um pequeno floco de neve caiu em meu rosto, gelado e logo se tornando molhado, juntando-se com o suor frio em meu rosto.

Sorri e continuei a patinar, mesmo sabendo que em breve eu precisaria ir para a casa, já que com a neve, a pista se tornaria úmida.

Depois de diversas tentativas, havia conseguido realizar algumas piruetas e até dar um salto, o que representava muito para mim, mas é claro que eu havia caído muitas vezes também e minhas finalizações estavam péssimas.

Enquanto respirava, me preparando para deslizar e saltar, as luzes dos postes piscaram uma, duas, três vezes e se apagaram completamente. Exclamando um palavrão baixinho, segui a iluminação do lampião e me sentei na pedra, retirando os patins, após colocar novamente as soakers, para não me machucasse com a lâmina.

Depois de calçar meus sapatos, comecei a me levantar quando ouvi passos. Virando-me rapidamente, vi Philipe se aproximando, com um sobretudo cobrindo o corpo, uma mão no bolso e um lampião na outra.

-Vamos para casa. – disse ao se aproximar o suficiente para que eu pudesse ouvi-lo, aquele monte de fumaça saindo enquanto ele falava e respirava. – Está vindo uma nevasca por aí e a luz não deve voltar até amanhã de manhã.

Ele me pegou pelo braço, abrindo seu casaco e me abraçando, procurando me esquentar. Respirei em seu peito quente, unindo minhas mãos

próximas à boca e nariz.

Eu não sentia tanto o frio, porém sabia que assim que eu pisasse dentro de casa, após a adrenalina de estar patinando depois de tanto tempo passasse, o frio seria a primeira coisa a me abater.

-Você estava incrível. – ele disse simplesmente, pouco antes de entrarmos em casa.

Sorri sem dizer uma palavra.

O calor vindo da lareira acesa me deixou arrepiada, e Philipe me enfiou embaixo de um grosso cobertor no sofá, onde fiquei deitada e encolhida até que meu corpo esquentasse.

Uma xícara de chá foi depositada na mesa, seguida por uma de chocolate quente.

Saindo da bola que havia feito de mim mesma, rolei para o chão trazendo o cobertor comigo, ao mesmo tempo em que meu primo se jogava ao meu lado, tomando seu chá, e eu bebericava o chocolate quente.

Depois de uma discussão; onde apesar de saber que tudo o que ele disse tem um fundo de verdade e eu não estar disposta a admitir que ele estava certo; ter relaxado de uma forma que pensei que nunca mais faria, patinando, a noite terminou assim: Philipe e eu sentados no chão, em silêncio, ambos perdidos em seus próprios pensamentos e dividindo um cobertor.

You shoot me down but I won't fall. I am titanium.

You shoot me down but I won't fall. I am titanium.

Titanium, David Guetta ft. Sia (Madilyn Bailey cover)

**soakers*: capas macias para patins, usadas para proteger as lâminas da sujeira e do piso para quando o patinador precisa andar fora do gelo, além de impedir que elas enferrujem quando os patins não estão sendo usados.

PARTE 2

VIDA

“Meu melhor amigo tinha seus próprios problemas agora, minhas amigas, meu irmão, todos têm suas próprias vidas para cuidar... Estava na hora de eu me virar sozinha, aprender a cuidar de mim mesma. Seria difícil, talvez a coisa mais difícil que eu faria, mas faria de tudo para terminar bem.”

4. Escolhas

Domingo, 16 de julho de 2006.

Fui patinar com Raissa, Sylvia e Dan.

Encontramos Matthew por lá e Sylvie enlouqueceu, como sempre acontece quando vê o garoto. E o pior é que ele nem sabe de nada, é um bobo e não percebe que uma de minhas melhores amigas é mais que super a fim dele. No fim, chamamos ele para se juntar a nós, porque Sylv não tem coragem. Raissa também convidou Connor e acabamos ficando em casais, o que foi estranho, visto que Dan era o meu par...

PRIMEIRO DIA NA UNIVERSIDADE e se eu dissesse que não estava nervosa estaria sendo uma completa mentirosa.

Não estávamos falando do colegial, onde apesar de se renovar todos os anos, eu já conhecia a todos.

Tirando meus amigos, os que haviam se mudado para Westwood comigo, todas as outras pessoas seriam estranhas, estaria em contato direto com elas, que agiam de um jeito diferente do meu, pensavam de um jeito diferente do meu e eu não sabia se a minha recepção seria tão ruim ou pior a que tive quando voltei à escola depois do inverno de 2008. Ok, nada de crianças aqui, todos adultos – ou quase isso – e talvez as coisas não fossem tão ruins. Também não é como se eu fosse chegar muito perto, me envolver demais.

Ouvi um som de buzina e corri para a janela, avistando Dan acenando da janela da picape. Apressada, fui até o armário e peguei uma jaqueta jeans, sabendo que poderia esfriar um pouco mais e que minha segunda pele não seria suficiente para aplacar o vento gelado pelos corredores do campus, sem contar no ar condicionado dentro das salas.

Dei uma última olhada em meu cabelo no espelho antes de pegar minhas chaves e gritar para Raissa que estava saindo com Dan, batendo a porta logo em seguida.

Havíamos nos atrasado, culpa de Natalie que queria que saíssemos juntos ontem para comemorar o início da faculdade e da independência dos pais,

o que era algo ridículo para se comemorar, visto que ainda dependíamos deles financeiramente.

Lembro-me de ter revirado os olhos ao ouvir que ela trabalharia em um dos restaurantes do bairro, como se ela estivesse disposta a assumir esse tipo de compromisso enquanto cursava moda.

Teríamos voltado para casa cedo, se não tivéssemos encontrado Aiden no *pub* em frente ao nosso apartamento e ele não tivesse nos convidado para a primeira festa do ano em uma das fraternidades da UCLA.

Conhecemo-nos na noite em que nos mudamos para os dormitórios da faculdade, somos vizinhos de porta de sua namorada, Tessa, que acabou se aproximando muito de minhas amigas e eu.

A casa estava lotada e eu estava com medo da quantidade de bebidas batizadas poderiam ter rolado ali. Dan permaneceu ao meu lado durante toda a noite, impedindo, sempre que necessário, que algum bêbado de mão boba chegasse muito perto e controlou tudo o que eu bebia.

Ele era um bom amigo.

Fiquei com pena do estado em que Natalie encerrou a noite, o top meio torto que deixava sua barriga sarada à mostra, não revelando muita coisa, mas deixando margem para quem quisesse imaginar além de admirar sua pele negra e, já não tão lucida, não dizia coisa com coisa e tropeçando em seus próprios pés. Sylv, com seu jeito tímido e recatado, estava um tanto deslocada e apenas ficou atrás de Daniel e eu durante toda a noite, sempre fugindo dos cantos onde Matt podia ser visto.

Ela era apaixonada pelo baixinho de óculos fundo de garrafa desde a segunda série, mas nenhum deles teve coragem de conversar cara a cara sobre o assunto, mesmo que, aparentemente, ele também tivesse uma queda pelos cabelos louros de Sylv. No entanto, parece que ele havia decidido aproveitar o fato de que nenhuma das garotas ali o havia visto de aparelho dental para, finalmente, conhecer os prazeres da juventude...

Raissa também estava lá com Connor e por serem maiores de idade, assim como Nat, haviam bebido um pouco, – não que o resto de nós não pudesse beber em uma festa como essa – porém passaram a maior parte da noite do lado de fora da casa, dançando e se beijando no meio da multidão, o que resultou em um Connor com algumas marcas de batom e uma Raissa com os cabelos escuros um pouco bagunçados e as bochechas coradas.

O que me matava hoje, no entanto, não era o fato de ter bebido todas e estar de ressaca, – o que, definitivamente, não aconteceu – mas sim o fato de que eu havia ido dormir às quatro da manhã para estar acordada às nove, e fora por este motivo que acabei me atrasando em uma hora, acordando às dez, sendo que minha primeira aula começava às onze.

Entrando na picape do lado do passageiro, bati a porta um pouco mais forte que o necessário, já ouvindo Adam Levine ecoando pelos autofalantes. Minha mão automaticamente encontrou o botão de volume, abaixando quase completamente, fazendo com que *One More Night* se tornasse apenas um sussurro.

-Hey, você adora essa música. – reclamou Dan, me encarando, pelo que pude perceber ao olhá-lo pelo canto do olho.

-Não quando minha cabeça está estourando.

-Hummm, certo... Não está sol, por que os óculos escuros?

Simplesmente tirei meus óculos e olhei para ele, então meu rosto sem maquiagem denunciando escuras e gigantescas olheiras.

-Oh, certo. Acho que você não teve uma boa noite de sono.

-Yep! Lembre-me de nunca deixar que Natalie me convença a ir à uma festa de qualquer fraternidade ou irmandade durante a semana ou aos domingos.

Rindo, ele aumentou o volume do rádio o suficiente para se ouvir, enquanto dava ré e seguia em direção ao campus principal da UCLA cantando baixinho junto com o Adam e eu observei a paisagem enquanto nos afastávamos de meu apartamento.

Eu deveria estar apavorada com o primeiro dia de aula, mas não estava. Eu estava feliz de não estar mais morando com meus pais, apesar de precisar voltar para casa todos os fins de semana para visita-los, eu não me sentia mais tão presa a eles.

Tê-los convencido a comprar um apartamento próximo à universidade fora um sacrifício, mas a independência que adquiri com isso, compensava todas as discussões com minha mãe sobre o porquê de eu querer ir embora e sobre as responsabilidades que isso implicaria – como se eu fosse morar sozinha e fora da cidade, o que era totalmente fora da realidade.

Minha mãe só havia cedido à pressão psicológica quando meu pai entrou

na jogada e disse que deveriam me dar um voto de confiança e deixar que eu tivesse a experiência completa da universidade.

Nossa primeira aula era de História do Teatro, algo que, tanto eu quanto Dan, já conhecíamos, pois havíamos tido aulas há alguns anos.

Encontramos Tessa algumas vezes durante as trocas de aulas e combinamos de nos encontrar na hora do almoço, só para dividir nossas experiências do primeiro dia, confraternizar.

Ela também fazia Teatro, porém cursava o terceiro semestre e em nossa primeira conversa, quando ela havia ido se apresentar um dia após eu e as garotas termos nos mudado para o apartamento ao lado do seu e, toda entrosada e extrovertida, ela nos deu um relatório completo sobre as aulas, professores e a rotina dos estudantes aqui em Westwood, que – em suas palavras – significavam aulas compridas, alguns professores chatos e outros legais e festas ou jantares em casa, já que a maioria dos pubs estavam “fora da reta” ou é claro, as *frats*.

Ela era engraçada, fácil de conviver e não era daquelas intrometidas, ela apenas era... agitada.

As primeiras aulas se seguiram normalmente e no intervalo após a terceira aula, ao meio dia, praticamente fechamos metade de uma pequena cantina próxima ao campus, com meus antigos e novos amigos.

Ao todo, sentados à mesa, havia pouco menos de 20 pessoas, que logo eu consegui identificar sendo apresentada a eles, um a um.

Além de Daniel, Sylv, Raissa, Nat, Matt e Connor; Jessica e Kevin também estavam ali. Havíamos estudado todos na mesma escola no início da adolescência, mas Jess teve problemas com algumas garotas da turma e sua mãe decidiu coloca-la num internato, o que havia sido um choque para todas nós. Kevin, por sua vez, era amigo – ou somente colega? – de Dan, e saiu da escola dois anos antes do Ensino Médio, mas eu não sabia o motivo, na verdade, nem havia me lembrado dele antes de Dan nos apresentar. Dos amigos de Aiden e Tessa, conheci Cindy, sua melhor amiga, que ao contrário da companheira de quarto, era introspectiva, e se manteve calada a maior parte do tempo. Tudo o que eu sabia sobre ela era que tinha 20 anos e cursava TI.

Payton e Alex são irmãs gêmeas e da mesma turma de Teatro que Tessa,

que se tornaram amigas quando tiveram que trabalhar juntas no primeiro semestre. Owain é o namorado de Payton, ganhou bolsa para jogar futebol e cursa Engenharia Mecânica. Todd, Darren e Bud são os solteiros do grupo, assim como Ashton, que ainda tenta conquistar Alex com algumas cantadas baratas e todos cursam Psicologia – como Raíssa, o que fez com que Connor ficasse mais que incomodado com o fato de que ela teria uma ou duas aulas com Bud, que fez questão de demonstrar certo tipo de interesse em minha melhor amiga.

É, as coisas na universidade estavam longe de serem calmas... No começo, me mantive afastada de todos eles, mas as risadas e a conversa alta quebraram um pouco as minhas defesas, ainda mais quando as meninas fizeram questão de me envolver nos assuntos discutidos.

Naquele mesmo dia, enquanto algumas das garotas, principalmente Raissa e Sylv, tinham algumas tarefas para entregar no dia seguinte, acabamos pedindo uma pizza no fim da noite e convidando nossos vizinhos e Dan para se juntarem a nós.

-O que achou de tudo no primeiro dia? – Dan perguntou de repente, me assustando ligeiramente.

Estávamos lavando a louça do jantar enquanto as meninas se preparavam para dormir, já que hoje era o meu dia e, é claro, havia escalado Dan para me ajudar.

-Foi tudo muito agradável... Tirando a aula de História do Teatro, porque sinceramente a senhora Montgomery me irritou bastante.

-É, ela não é a pessoa mais agradável do mundo e o sotaque francês dela é um tanto quanto irritante, realmente. Mas... – colocou o prato recém-enxugado em cima da mesa da cozinha e cruzou os braços no peito, dessa vez me encarando olho no olho. – Não é disso que eu estava falando.

-Então é sobre o que? – disse imitando sua pose, encostando-me a pia e sentindo minhas costas umedecerem na altura da cintura.

-Agora que você já experimentou, viu como funciona, vai mesmo seguir no curso?

-E por que eu mudaria?

-Eu sei e você sabe que, por mais que você seja apaixonada por teatro desde a infância, essa não é a carreira que você deve seguir.

-E se eu fosse cursar Filosofia eu sequer teria uma carreira, a não ser que

eu fizesse mestrado depois. – brinquei com a segunda opção que ofereci aos meus pais.

-Certo, você vai continuar com o jogo. – ele assentiu com a cabeça para si mesmo e continuou me encarando firmemente por mais alguns minutos antes de descruzar os braços, pegar novamente o prato em cima da mesa e coloca-lo no armário.

Eu não sabia, ou não entendia, o que fez com que todos eles, de repente, se voltassem contra as minhas escolhas. Porque é isso o que elas são: minhas escolhas.

Eu escolhi não contar nada a ninguém, nem mesmo aos meus pais ou à polícia, eu escolhi não ir a um médico, – mesmo contra a vontade das únicas três pessoas que estavam ao meu lado – e agora, eu escolhi cursar Teatro como Dan, mesmo com ele sabendo que não era esse o meu sonho de infância.

Será que era tão difícil aceitar que as pessoas podem mudar? Ou será que estava tão na cara que minhas escolhas não foram boas escolhas?

-Eu só queria que você percebesse que o tempo passa, ele nunca para, e que você pode se arrepender muito de não ter feito a escolha certa. – e com um beijo no rosto, sem nem encostar a mão em meu rosto, como o de costume, ele se virou em direção à porta de entrada e saiu.

Ótimo, pensei. Primeiro Philipe, depois Jennifer e agora meu melhor amigo também?

O resto da noite fora silenciosa e, ao contrário do que desejava, demorei a dormir, pensando e repensando se fugir, ignorar, mentir e esconder eram realmente a melhor saída.

Ao acordar às nove da manhã, escolhi continuar como estava, doeria menos, e foi com esse pensamento que eu parti para a aula de Improvisação I, saindo mais cedo de casa e sem esperar que Dan buzinasse lá embaixo, indo a pé até o campus que ficava a apenas alguns minutos do apartamento onde morávamos.

Quando Dan chegou ao teatro, eu já estava lá, sentada em uma das filas do meio, guardando um lugar para ele. Ao final da primeira aula, percebi-o me

encarando, e soube que ele não voltaria a tocar nesse assunto pelo menos por algum tempo.

Na manhã seguinte, recebi uma mensagem de minha mãe, dizendo que meu irmão estaria de volta em breve, o que me deixou mais que contente, porém isso mudaria tudo.

-O que é, o que é, que acorda, pela manhã, em pé e só abaixa depois que você dá um jeito na situação?

-Essa pergunta não é proibida para menores de idade, certo? – Tessa perguntou.

-Diz o que você pensa que é.

-Bem, algo bem grande...

-Ei, temos garotas com ouvidos sensíveis a esse tipo de coisa. – interrompeu Daniel, rindo levemente.

-Como vocês são maliciosos. O que acorda, pela manhã, em pé e só abaixa depois que você dá um jeito na situação, é cabelo de mulher. – oh meu Deus, eu ainda estava tentando descobrir de onde saia tanta piada e mesmo que essa não fosse tão engraçada como as outras, todos riram novamente.

Estávamos na cantina novamente, eu e todo o meu grupo de amigos e Bud estava contando piadas, fazendo palhaçadas e nos fazendo rir muito.

Nossos almoços juntos se tornaram constantes, sempre passando grande parte do intervalo conversando, falando besteira e tentando nos policiar com os palavrões, o que sempre nos rendia boas broncas de Margareth, uma senhora de aproximadamente 50 anos e que cuidava da cantina.

A voz de Bud era grossa e estrondosa, ecoando alto no salão. No começo eu até pensei em tentar fazê-lo parar de falar, até perceber que ele chamava a atenção das pessoas e que todas as mesas a nossa volta prestavam atenção nele enquanto ele apresentava seu mini show de comédia.

-Hey, garotos... Uma hora da tarde, a próxima aula de vocês começa em quinze minutos, então está na hora de ir. – disse Margareth, entrando no salão com uma bandeja com o almoço de um casal que estavam mais ao fundo do recinto.

-Aaahhh... – os lamentos ecoaram por toda a nossa volta enquanto nos levantávamos e os rapazes iam pagar a conta.

Quando Bud apareceu, os aplausos vieram e eu demorei alguns minutos para entender o porquê de tudo aquilo.

-Então, você é o astro do campus? – eu perguntei, meio tímida por não saber muito sobre ele.

Eu ainda estava mantendo-me um pouco afastada.

-*Nope*, astro é uma palavra muito forte.

-*Nah!* Bud está sendo modesto. Ele é o astro do campus e isso o que você viu na cantina não é nada perto do show que ele faz. – disse Jessica, com ambas as mãos dentro do bolso frontal da calça. – Nos apresentamos no mesmo lugar, às sextas e sábados à noite, pelo menos uma vez por mês. Vocês deveriam vir qualquer dia desses.

-Verdade, o lugar é incrível e temos amigos talentosos por aqui. E se vocês souberem cantar, dá pra pedir pro Cliff encaixar uma ou duas músicas a mais por noite. – disse Tessa, caminhando ao lado de Aiden que tinha sua mão protetora e obsessivamente pousada em seu quadril.

-Pode ser legal! Eu não canto, mas o nosso amigo Dan aqui está pronto para estrelar musicais.

-Não exagera, Mel. – disse baixinho ao meu lado.

-Isso é demais. Você pode se juntar a mim no palco e cantar uma música com a banda. Nós estamos sem um baixista por enquanto, mas alguém pode ocupar esse lugar por uma noite. – ofereceu Jess e todos os outros concordaram em fazer com que Dan se apresentasse.

Natalie se animou na hora e já confirmou sua presença para esse final de semana, dizendo que seria uma ótima oportunidade para que ela nos apresentasse seu 'novo carinho'.

Bem, o que dizer dessa informação? O novo cara, com certeza, não duraria muito...

Quando chegamos à entrada do campus principal, todos foram se distanciando com curtos acenos e avisos de que nos falaríamos mais tarde.

-A gente se vê mais tarde, Mel. Tenho certeza de que você vai gostar da casa de shows. – disse Kevin, o único que ficou conosco, já que estávamos indo para o mesmo lado do campus, e depositou um beijo em minha bochecha. – Falou *brother*. – disse para Dan, os dois se cumprimentando com o típico toque de mãos.

Enquanto observava Kevin ir em direção à sua sala de aula. Ele era um

pouco estranho, sempre tinha algo para fazer antes de nos encontrar durante os intervalos e, aparentemente, conhecia metade do campus. A sobrelanceira de Dan arqueou antes que ele jogasse um olhar para mim.

-O que? – perguntei não entendendo o que ele estava querendo dizer.

-Acho que tem alguém... interessado. – o que?

-O que?

-Você entendeu o que eu quis dizer. Ele já foi mais discreto.

-Você está brincando, né?

-Na verdade, não.

Eu não conseguia acreditar nisso. Quantas vezes eu soube de alguém “interessado” em mim? Nenhuma?

Eu sempre fora a estranha da escola por causa das roupas e maquiagens escuras, pelo menos no início da adolescência, quando eu tinha 13, 14 anos, isso não era algo normal para as meninas de uma das escolas mais conceituadas – isto é, rígidas em termos de comportamento – de toda a Califórnia, a *Genevive St. Claire Institute*, uma casa cheia de meninos e meninas ricas como eu, mas que se deixavam controlar pelo sistema de ensino que lhes era imposto.

Não, eu não era má aluna, isso não fazia parte do meu jeito e eu também não era uma rebelde, mas essa era a minha máscara, que depois se tornou a minha identidade, o que, até dois anos atrás, poucas pessoas entendiam.

Na universidade a coisa era diferente, eu não era a única rockeira ali, e eu agradecia por não estar mais presa às regras escondidas atrás dos muros da St. Claire.

Mas, nem por isso eu deixava de achar estranho que um garoto estivesse atraído por mim de alguma forma. Ou será que isso havia acontecido outras vezes e eu nunca havia notado?

Talvez eu nunca ficasse sabendo sobre o Kevin se Dan não tivesse dito nada.

O problema era que isso me levava a tantas questões que eu nunca havia pensado e não sabia se tinha respostas para elas, mas sabia que precisaria encontra-las de alguma forma.

-Quer uma carona de volta pra casa? – Dan perguntou.

-Ahnn... Não, eu acho que vou ligar para a Jess, preciso falar com ela. – disse já sacando o celular da bolsa, antes que eu desistisse. – Vou de carona para casa.

-Certo. Qualquer coisa é só me ligar e eu venho te buscar.

-Eu sei, obrigada.

Coloquei o celular no ouvido após acessar a lista de contatos e selecionar o número de Jessica, enquanto observava Dan ir em direção ao seu carro no estacionamento.

Jess atendeu no sexto toque e, por sorte, ela ainda estava no campus e disse que me encontrava na entrada do estacionamento.

-Hey, tudo bem? – me abraçou, se virando logo depois para colocar sua bolsa e alguns livros no banco de trás do carro. Ela usava uma de suas combinações saia alta + blusa + casaquinho, com meias calça grossas e botas por causa do frio que fazia pela manhã. Ela variava entre calças jeans e vestidos, sempre em tons escuros.

-Tudo bem e você?

-Ótima. Você queria falar comigo?

-Sim. Eu achei que você poderia me dar uma carona para casa e poderíamos nos falar no caminho...

-Claro, entra aí. Mas eu preciso buscar a minha irmãzinha na escola, tudo bem?

-Sem problemas.

Dando a volta no carro, entrei no banco do passageiro enquanto ela assumia o do motorista e logo estávamos fora do campus.

-Eu não sabia que você tinha uma irmã mais nova. – comentei.

-Quando eu saí do St. Claire ela ainda não era nascida. Minha mãe resolveu que iria tentar dar ao meu pai o menino que ele tanto queria, porém veio Jane, ela tem 4 anos agora.

-E você toma conta dela?

-Durante o dia, enquanto meus pais estão trabalhando, sim. Quando não posso ficar com ela, chamo uma babá.

O silêncio se instalou entre nós durante alguns minutos, antes que ela parasse no semáforo e virasse para mim.

-Me conta. O que está acontecendo? – segurou minha mão com uma das suas e sorriu levemente. Seus olhos expressivos e marcados pela

maquiagem negra, me faziam sentir como se estivesse sendo analisada. Não de um jeito ruim, mas ainda assim, analisada.

Pela primeira vez naquele dia, analisei-a de volta, não querendo entender o seu interior, como parecia que tentava fazer comigo, mas como ela se parecia agora, tão diferente de quando a conheci, na infância.

-Eu não posso te contar tudo, pelo menos não ainda... Mas... Quando você saiu da St. Claire, você estava se consultando com uma... Psicóloga. Será que você ainda teria o número do consultório?

-É claro que sim. – disse enquanto colocava o carro em movimento novamente. – Eu ainda me consulto com a Dra. Miller.

-Ainda?

-Minha vida não é tão fácil quanto parece, Melissa. Mas acho que as minhas consultas, hoje, são mais para ter alguém de confiança para conversar do que para resolver algum tipo de problema.

-Me desculpe. – disse num impulso, como se isso estivesse preso em minha garganta há tempos e só agora tivesse arranjado um jeito de sair. Suas palavras me fizeram lembrar nossa infância e o quanto Jessica sofria nas mãos das ‘doces meninas’ do St. Claire.

-Pelo que? Você nunca fez nada. – disse, sabendo exatamente do que eu estava falando.

-Exatamente. Eu fui omissa, eu nunca fiz nada, só ficava lá, como uma boba assistindo tudo.

-Você era muito nova, não sabia o que fazer naquela situação. Mas você estava lá, era pra você e para Daniel que eu corria quando tudo terminava e era vocês dois, principalmente você, quem cuidavam de mim. Vocês foram meus amigos quando ninguém mais foi. – disse com a voz embargada. – E além do mais... – fungou – se meus problemas fossem apenas garotinhas mais velhas falando mal de mim, apontando o dedo em minha direção e se afastando como se eu fosse uma doença contagiosa, eu estaria ótima hoje.

-Mesmo assim, eu sinto muito.

-Eu também senti. – o carro parou. – Mas já passou, eu segui em frente e está tudo bem.

Foi só quando ela desafivelou seu cinto de segurança que eu fui perceber que havíamos chegado à escolinha onde ela iria buscar sua irmã.

-Eu já volto. – ela disse com um sorriso suave, antes de sair do carro, dando a volta a indo até a porta da escola. Ela falou com alguém e em poucos minutos uma garotinha que deveria ter, realmente, uns 4 ou 5 anos, com os

cabelos presos num rabo de cavalo com um laço em cima, usando o típico uniforme infantil de escola particular, saia de pregas azul e blusa branca, carregando uma mochila rosa nas costas.

Suas bochechas rosadas e seu sorriso alegre enquanto conversava com Jessica e ambas andavam em direção ao carro me fez sorrir.

-Então você realmente gostou da sua aula de ballet? – pude ouvir Jessica perguntando, quando ela abriu a porta da BMW para que a irmã entrasse, jogando a mochila no banco.

-Sim, foi incrível. E a minha professora é muito legal. – disse com sua voz infantil, mas com uma dicção perfeita.

-Que bom, acho que mamãe vai ficar feliz de saber que pelo menos uma de suas filhas está seguindo seus passos no ballet.

-*Nah*, acho que ela vai correr de pavor quando ver o quanto sou ruim. – a garota gargalhou e eu soltei um riso silencioso, ao som do seu sorriso.

-Isso é só no começo, garotinha. Se você se dedicar e gostar do que faz, tenho certeza de que será uma ótima bailarina.

-Vamos ver. – ouvi um clique e logo depois a porta de trás batendo.

-*Hey*, tem alguém no banco da frente. – a garota disse quando a irmã entrou no carro.

-Sim, essa é Melissa, uma amiga de infância. Estudamos na mesma universidade agora.

-Oi, sou Jane.

-Olá Jane, é um prazer conhece-la. – disse me esticando no banco para virar para trás e estender minha mão para ela. Ela se inclinou para frente para apertar minha mão, sorrindo e se encantou com a pulseira que eu estava usando.

No caminho até o meu condomínio, Jane foi contando a Jessica como havia sido seu dia na escola, sobre como ela havia se divertido e havia se comportado muito bem.

Quando Jess estacionou em frente ao meu apartamento, eu saltei já pegando as minhas chaves, e vendo os carros de Raissa e de Dan estacionados mais à frente.

Jess veio até onde eu estava e me entregou um pequeno papel.

-Eu não sei qual é o seu problema e você não precisa me contar, mas independente do que for, acho que a Dra. Miller pode te ajudar.

E depois de um abraço rápido, ela voltou para o carro, seguindo pela rua até o final, onde eu sabia ser sua casa.

***Go on and try to tear me down. I will be rising from the ground.
Like a skyscraper! Like a skyscraper!
Skyscraper, Demi Lovato***

5. Decisões

Quarta-feira, 16 de maio de 2007.

Eu sempre fico apavorada quando vejo a cena que vi hoje.

E ela acontece muitas vezes.

Não importa quantas vezes eu diga que na próxima vez irei ajuda-la, quando acontece novamente, eu apenas fico paralisada.

Isso é horrível.

QUANDO ENTREI NO APARTAMENTO, encontrei Raissa e Connor num sofá, – ela com um caderno em mãos, escrevendo o que eu supus ser algum dever, ele apenas ali com ela, assistindo TV – Dan jogado no outro, quase dormindo e um barulho vindo da cozinha.

Colocando as chaves no aparador ao lado da porta, entrei na sala e me joguei no sofá quase em cima de Dan.

Ele gemeu de dor quando meu peso entrou em contato com seu abdômen.

-Qualquer dia desses, você me mata pulando em cima de mim desse jeito.

-Own, coitadinho. – disse, apoiando minhas costas em sua barriga, sorrindo por ele ter se ajeitado melhor no sofá para que sobrasse um espaço para mim.

-E aí, tudo certo para hoje à noite? – disse Nat, entrando na sala com um de seus conjuntos de ginástica e segurando uma garrafa d'água, Sylv logo atrás vestindo um moletom confortável, o que, sinceramente, era tudo o que eu queria por hoje.

-Tudo certo. Todo mundo tem que estar pronto às seis e meia. – confirmou Raissa – Jess e Bud irão se apresentar, possivelmente, Dan também – ela foi cortada por um “Ei, tira o meu da reta”, vindo de Dan, mas continuou – e devem chegar mais cedo, às sete e quinze. Para não precisarmos ir cada um com seu carro, vamos nos dividir apenas em três, por isso vamos todos no mesmo horário.

Alguns minutos depois, quando Raissa nos disse que iríamos encontrar os outros na frente do apartamento de Jessica, Natalie saiu para a sua rotineira corrida, enquanto Sylv se trancou em seu quarto.

Raissa continuava concentrada em seu caderno e eu resolvi ir para o

quarto, trocar de roupa e, já vestida, analisar o cartão de visitas que Jess havia me dado, pensando sobre o que eu iria fazer com ele.

Eu estava realmente tentada a pegar a droga do telefone e discar os números, mas desisti depois de teclar os três primeiros números e joguei o telefone em cima da cama.

O cartão, no entanto, decidi guardar numa caixa de madeira pintada de rosa claro que havia em meu guarda-roupa. Ela fazia parte da decoração de meu antigo quarto, na casa de meus pais, e hoje, guardava meu diário.

Meia hora mais tarde, saí do quarto para beber alguma coisa e comer uma fruta na cozinha. Na entrada da sala, estaquei, ao ver Connor e Raissa na porta tendo seu momento *'in love'*, e eu fiquei ali, não querendo atrapalhar. Os dois estavam se beijando fervorosamente. As duas mãos dele estavam posicionadas no bumbum dela, enquanto ela o puxava em direção à sua boca pelo pescoço.

Repreendi-me por ficar olhando e analisando as atitudes de ambos como um casal, mas não tinha outra opção, era ou seguir para a cozinha e interrompê-los, voltar pro quarto, ou esperar.

Alguns poucos minutos depois, a seção despedida chegou ao fim e após trocarem algumas palavras sussurradas, eles se beijaram mais uma vez antes de ele ir embora.

-Não precisa ficar aí escondida, Melissa. – Raissa disse sem nem olhar para onde eu estava, ainda de costas fechando a porta, me assustando levemente. – E não, você não atrapalhou nada. – ela se voltou para mim com um sorriso e se dirigiu para a cozinha.

-Como sabia que eu estava aqui?

-Connor viu você. Ele acha que você fica estranha todas as vezes que nos vê quando estamos nos beijando. Ele disse que você parece assustada.

-Eu não fico assustada.

-Bem, algo em seu rosto diz isso a ele. Eu só acho que você é curiosa com as coisas que talvez não conheça.

-Eu já beijei um garoto, se é isso o que você está dizendo. – me juntei a ela na cozinha, pegando um copo e enchendo de suco de morango.

-Você nunca me disse.

“Há tantas coisas que eu nunca disse a você.” – pensei.

-Foi há muito tempo atrás, e eu já sei o que você vai dizer em relação a isso. Eu beijei o meu primo.

-*Argh*, isso não conta. Beijar o primo é quase como um ritual de infância.

Acho que eu só não beijei um dos meus porque eu já tinha Connor.

Namorados de infância, Connor e Raissa fazem parte de uma seleta lista de pessoas que namoram desde sempre e nunca tiveram outros pares, tendo todas as primeiras vezes juntos.

-Por falar nisso, você nunca sentiu vontade de ter um namorado? Não sente falta de ter alguém do lado, para abraçar, beijar... Ter sexo, – disse meio hesitante – ou só ficar junto?

“Não!”, seria a minha resposta imediata. Mas no fundo eu sabia que não era bem assim... No entanto, aquele assunto era difícil, muito difícil, e eu não falaria sobre ele com Raissa.

-Não quero falar sobre isso. – disse, fugindo para a sala – Dan já foi pra casa?

-Sim, se arrumar, como os outros. Mas não fuja do assunto, Mel. Nós estamos sempre dividindo nossas experiências, até Sylv fala mais sobre garotos que você. Porque nunca conversamos sobre você?

-Eu só não quero falar sobre isso, ok?

Ela deve ter percebido, pela minha careta, – algo em meu rosto, como Connor – que era melhor não insistir, então depois de me encarar por alguns minutos, soltou um suspiro pesado e assentiu com a cabeça.

Sozinha em meu quarto e encostada na porta fechada, soltei o ar preso pela boca.

Sabia que esse era o lado psicóloga de Raissa falando mais alto, mas ser “analisada” pela segunda vez no mesmo dia, não era algo que eu podia suportar.

O fato era que tudo relacionado a namoro e sexo me fazia mal, e mesmo que sim, eu sentisse vontade de ter alguém, curiosidade até, falar sobre isso ainda me torturava.

Meia hora mais tarde, eu já estava pronta, trajando um vestido preto liso e um casquinho rendado e brilhante, na maquiagem, porém, eu estava mais leve que o normal, apenas usando rímel. Nos pés, um par de sapatilhas com saltos baixos e uma bolsa a tira colo, apenas para guardar celular, dinheiro, documentos e alguns itens do meu estojo de maquiagem.

Ao chegar à sala de estar, Raissa e Sylvia já estavam lá, igualmente prontas, trajando uma blusa *off-white* de manga cumprida, saia preta soltinha alguns dedos acima dos joelhos e *ankle boots* para completar, e calças

jeans, camiseta branca e camisa xadrez por cima, respectivamente.

Eu estranhei o que Sylv estava vestindo e franzi a testa, porém antes que pudesse questioná-la sobre isso, ela se adiantou.

-Nem pergunte. Ainda não sei como Raissa conseguiu me convencer a usar isso. – disse apontando para a calça jeans que estava colada a suas pernas.

-Você está muito bonita Sylv. Deveria se vestir assim mais vezes.

-E correr o risco de ser morta por minha mãe ou meu pai? Eles já fazem um pequeno escândalo quando me veem de maquiagem um pouquinho mais escura.

-E você vai ficar na aba dos seus pais até quando? – resmungou Raissa.

Ao contrário do resto de nós, talvez por toda a influencia que seus pais tinham sobre ela, Sylv ainda era ligada a religião e aos ensinamentos do St. Claire. Não que eu, Raissa e Nat não fôssemos, mas não éramos extremistas como Sylvie e sua família.

Enquanto morávamos com nossos pais, ainda íamos à igreja todos os domingos, como bons católicos, mas sabemos o suficiente – e sofremos o suficiente – com o ensino do St. Claire para sermos religiosas, enquanto Sylvia ainda acompanhava os pais à missa.

Ela era a mais recatada, a que se vestia com roupas de uma adolescente normal, e isso incluía jeans não muito apertados.

É óbvio que queríamos que ela não fosse mais aberta às possibilidades e não tão certinha, mas isso era com ela, não nos meteríamos nisso mais do que dizer o que ela poderia trocar no guarda-roupa, mas eu vi em seu olhar quando Matt chegou ao nosso apartamento junto com Dan e Connor, que ele era o motivo de sua mudança repentina de roupa.

Acho que precisaríamos conversar sobre isso.

Natalie fora a última a ficar pronta e aparecer na sala, como sempre, e até mesmo o seu novo namorado/ficante havia tocado a campainha antes que todos os seus acessórios fossem colocados.

No caminho para a casa de Jessica, Nat o apresentou a todos nós como Lucas.

O moreno de olhos azuis e cabelos escuros, e com um sorriso digno de comercial de pasta de dente, me surpreendeu um pouco, porque apesar de

ser mais velho – como Nat gostava – ele não era nada parecido com os outros rolos que minha amiga teve, já que todos eles eram cor de leite puro, além de não aceitarem um relacionamento sério. Eles faziam um belo casal e pelo brilho nos olhos de Nat e suas mãos dadas, ele fazia muito bem a ela e a coisa deveria ser séria, ou pelo menos não era só um casinho de uma semana.

Todos os nossos amigos estavam em frente à casa de Jessica, bem, menos as gêmeas Alex, Payton e Owain e eles faziam barulho.

Os garotos da banda de Jess, a *Rockless*, também já estavam lá e fomos apresentados a eles.

Cameron – *Cam*, como ele disse preferir ser chamado – é o guitarrista. Richard é mestre nas bateras, Dave nos teclados, e Jess fica nos vocais. Eles estão sem um baixista, já que o irmão de Dave, que ocupava o cargo, precisou sair da banda por motivos pessoais, mas ninguém revelou muita coisa sobre isso.

Não demorou nem dez minutos, após termos chegado lá, para avistarmos as luzes do Dodge de Owain. Depois de adentrarmos nossos carros, seguimos para o centro da cidade e como era comum por ali, os *pubs* estavam lotados e as conversas altas e música popular se faziam presentes também.

Quando Dan parou o carro em frente a um portão escuro, Jessica e os rapazes da banda, que estavam à nossa frente durante todo o caminho nos guiando, saíram do carro carregando seus instrumentos enquanto todos os outros faziam o mesmo.

Só quando estávamos de cara com o portão é que consegui ouvir algum som saindo lá de dentro. Um segurança estava na porta e pediu nossas identidades, mesmo conversando com Jessica, só para confirmar que tínhamos mais de dezoito anos.

O lugar chamado *Soul* era bem bonito por dentro, logo após passarmos pelo segurança, uma placa anunciando o tema da noite, *covers*, o que significava que todas as bandas a se apresentarem, não tocariam suas próprias músicas e os garotos pareceram animados com isso.

Pelo que notei, o lugar era dividido em três partes, o palco, os banheiros e, acreditem ou não, uma lanchonete que não servia bebidas alcoólicas.

Jess, Richard, Cam e Dave precisaram ir para a área atrás do palco e, mesmo insistindo muito, Dan preferiu ficar de fora dessa vez, “apenas observando e conhecendo o público”, como ele mesmo disse.

A música cessou por alguns minutos, enquanto eu, as meninas e Dan comprávamos sucos e águas para nós e os outros, para recomeçar quando estávamos nos dirigindo para a área do palco.

Uma garota alta, magra, com os cabelos curtos e um vestido esvoaçante, entrou no palco com um microfone à mão e foi andando até o final, onde havia um piano.

Ela fez uma introdução, deu uma pausa e iniciou uma música que me era conhecida.

Sua voz grossa era muito diferente da voz de Regina Spektor, principalmente nas notas mais agudas de *Après Moi*, mas nem por isso não havia ficado bonito em sua voz. Seus dedos ágeis no piano e a harmonia entre voz e instrumento me fizeram ficar bem animadas por saber que realmente existiam vários talentos musicais aqui esta noite.

Após a garota ter saído do palco sobre uma chuva de aplausos, uma banda com cinco garotos subiu ao palco, todas as luzes se apagaram para voltar a acender com os primeiros acordes da guitarra e *Lies*, do McFly, tomou conta da galera, que cantava junto com os músicos lá em cima.

Mais uma banda se apresentou antes que a *Rockless* pudesse subir ao palco e quando isso aconteceu, foi, literalmente, um show e a casa veio abaixo.

Eu nunca tinha visto Jessica cantando antes e acho que com o mix de músicas que ela cantou, deu para perceber todo o seu potencial vocal e dos músicos também.

Começando com a introdução de Rihanna na música original, ela foi de *Live Your Life* para a primeira parte de *Mirrors*, de Justin Timberlake, com uma parada de alguns segundos, e Dave já foi engatando as primeiras notas de *Nine in Afternoon*, dos garotos do Panic! at the Disco e ainda teve tempo para *Now*, do Paramore e eles conseguiram mudar todas as músicas em rock perfeitamente.

Alguns minutos após a apresentação, eles vieram até onde estávamos, ainda um pouco suados de estarem no palco com toda aquela iluminação,

mas estavam prontos para os elogios e abraços de todos.

-Vocês foram incríveis!

-Valeu, Mel. Essa noite foi incrível. E esse é o Jason – disse indicando o integrante a mais no grupo – ele é o baixista da *Pure*, os que tocaram McFLY hoje, ele toca com a gente aqui até arrumarmos um baixista.

Esperamos mais duas bandas se apresentarem antes que um banco fosse colocado no centro do palco, com uma luz amarela bem em cima. Em alguns segundos, um som de batuque ritmado encheu o lugar, enquanto Bud entrava pelo fundo.

Ele ainda continuou com as baquetas em contato com a pequena caixa de madeira por alguns minutos até que parou.

-Eu adoraria continuar tocando isso por horas, mas eu peguei emprestado de uma das bandas lá atrás e eu realmente preciso devolver. – disse em tom de brincadeira, e algumas pessoas riram, indo ao fundo do palco, deixando a caixa com as baquetas por lá.

Quando voltou do lado escuro do palco, estava com um violão na mão, e o deixou no suporte ao lado do banco onde se sentou.

-Esse é meu mesmo, não se preocupem. – mais pessoas riram. – Eu espero não estar atrapalhando o show de ninguém, acho que ainda tem algumas bandas lá atrás, mas eu pretendo ficar aqui por um tempo, esse banco é bem confortável. – disse meio que pulando (?) no banco, como se fosse o mais macio sofá ou cama de casal.

-Vocês não devem saber, mas alguns amigos estão aqui pela primeira vez e eu pensei em contar como foi a minha primeira vez no palco. Eu tinha cinco anos e adorava cantar no chuveiro lá de casa. Me inscrevi no show de talentos da escola, estava me sentindo o cara, disse para os meus pais que iria me apresentar e até os meus tios estavam lá. E foi um horror! Quando eu vi toda aquela gente lá, a primeira coisa que eu fiz foi querer correr, mas a professora me empurrou para o palco. A segunda coisa que aconteceu foi que eu só fiquei parado lá, a terceira coisa, minha voz não saiu e eu fiquei só no “oh”, a quarta coisa é que eu ‘mijeí’ em minhas próprias calças por causa do nervosismo. Foi horrível e quando cheguei em casa ainda levei uma surra por ter molhado a calça que era nova. – alguém gritou: “aconteceu isso comigo também” e todos que já estavam rindo com a desgraça de Bud, riram mais ainda.

-Eu tenho cara de novo, mas é só cara mesmo, viu. Ano passado, eu estava namorando a garota dos meus sonhos, – ele levou uma das mãos levemente fechadas em punho a nariz e fungou. – ela era perfeita, não enchia meu saco quando queria sair só com os amigos, não ligava se alguma outra mulher atendia, sem querer, o meu celular, nunca reclamou de quando eu dizia que estava na casa dos meus pais quando, na verdade, não estava. Era a mulher que todo homem pediu a Deus. – então ele fez uma cara de decepção. – Até que ela exigiu um anel de noivado. – todos começaram a rir – E eu fui comprar, é claro. Mas quando voltei para casa com uma garrafa de whisky de presente, ela quase me espancou com uma vassoura. – mais risos.

-Eu sempre tive muito medo de avião, pânico mesmo, e o meu pai não curte carro, ônibus nem pensar, então ele comprou um jatinho, coisa baratinha, só pras necessidades mesmo, tipo uma viagenzinha de casa para a empresa, para encontrar os amigos, e coisas do tipo. – eu gargalhei – Mas aí o meu pai decidiu fazer uma viagem e quis que eu fosse junto. O destino? Reino Unido. Comecei a pirar antes mesmo de embarcar, mas fiquei mais calmo quando nós decolamos e estava tudo bem. De repente tudo começou a tremer e eu entrei em estado caótico de pânico e comecei a gritar. Aí o piloto disse pelo alto-falante: “Senhores passageiros, estamos passando por uma leve turbulência que será solucionada em breve, mantenham-se calmos e permaneçam sentados”. – ele disse imitando uma voz mecânica e pausada. “Sentado, seu filho da puta? Eu quero é sair dessa porra. Socorro, eu não posso morrer, ainda não fiz um filho, não plantei uma árvore, nem escrevi um livro”. – imitou uma voz histérica, como se estivesse apavorado.

Ele ainda contou outras piadas, e fez algumas imitações, assim como adaptações de músicas conhecidas, com uma pitada de comédia.

Quando Bud voltou para nós, após sua grande apresentação, palmas e gritos de “*uhul*” eram o mais se ouvia, e é claro que ele estava gostando de toda a atenção em cima dele, principalmente das mulheres.

Ainda faltavam algumas bandas a se apresentarem, e eu e minhas amigas estávamos esperando por uma banda *indie*, que de acordo com os nossos colegas que frequentavam o local, era magnificamente boa e a vocalista era digna de cantar as músicas de Florence Welch.

The Band and Alicia, se apresentaram uma hora depois e sim, eles eram muito bons. A voz da garota poderia ser suave num minuto e potente no segundo seguinte e a apresentação foi incrível.

Depois, eu e todas as meninas nos empoleiramos na lanchonete, sentados na fileira de bancos no bar, eu bebia um pouco d'água, enquanto esperávamos a próxima banda a se apresentar.

-Sem ofensas, mas achei seu namorado um gatinho. – disse Alicia, olhando em minha direção.

-Meu namorado? – olhei-a confusa. – Oh, Daniel? Ele não é meu namorado, é meu melhor amigo.

-Oh, me desculpe. É que vocês dois estão juntos a noite toda.

-Não se preocupe com isso. Esses dois são tão grudados que é até difícil de acreditar que não são namorados. – disse Raissa.

-Por quê? Você acha que um homem e uma mulher não podem ser somente amigos?

-Não, mas Daniel tem um cuidado com você que nem mesmo o seu irmão tinha.

-E eles têm uma sintonia só deles. – disse Sylvia.

-Gente, somos só amigos.

-Sim, mas você sabe que ele tem uma mega queda por você, não sabe? – perguntou Tessa.

-O que?

-Você está brincando que nunca percebeu nada? Isso está escrito na testa dele e cada vez que ele te olha, agora mesmo, enquanto estamos aqui, demonstra isso.

-Isso é ridículo. Então porque ele me diria que Kevin está ou estava interessado em mim?

-Talvez porque ele sabe que você não ficaria com ele, simples. Deve conhecer você o suficiente para isso. – disse Jessica.

-E quanto a Kevin, ele está interessado em qualquer coisa que use saia e esteja viva. Tudo o que eu sei é que depois que terminou com a namorada de três anos, virou pegador.

-Eu também fiquei sabendo disso, dizem que eles não terminaram bem. – disse Payton.

Quando senti Daniel, que apesar de passar a noite inteiro ao meu lado, estava um pouco mais afastado por não querer atrapalhar a conversa das garotas, se afastar com o celular de encontro ao ouvido, fiquei em alerta.

O ambiente não estava tão barulhento como estaria se alguma banda estivesse se apresentando, mas a conversa ainda era alta e pude ver que ele não conseguia escutar muito bem o que a pessoa do outro lado dizia. De repente, sua expressão mudou e ele seguia para a área da frente, ainda com o telefone no ouvido e eu fui até ele, preocupada.

-Como assim, o que aconteceu exatamente? – sua voz alguns tons acima do normal, seu olhar no chão enquanto sua testa enrugada me mostrava que algo estava errado. – Ok, qual hospital? – voltou a falar – Estou indo agora mesmo. Obrigado por me avisar. – e desligou.

-O que aconteceu? – me aproximei, tocando seu ombro, enquanto ele se encostava à parede com as mãos em seu rosto. Quando as mãos desceram, dor era o que seus olhos demonstravam.

-Minha mãe. – disse com a voz embargada – Minha tia ligou para avisar que ela foi internada às pressas.

-Valentine... O que ela tem?

-Eu não sei bem, Christine não quis me dizer por telefone, eu estou indo para o hospital. Você vai ficar bem aqui?

-É claro que vou, estarei com você. Vamos, precisamos avisar aos outros antes de irmos.

-Mel, você pode f...

-Nada disso. Você é meu melhor amigo, precisa de mim. – o abracei pela cintura. – E Valentine é como se fosse minha mãe também.

Assentindo, ele não disse nenhuma palavra enquanto eu avisava ao resto do grupo que havia surgido uma emergência e que precisávamos ir embora, eles conseguiriam se dividir entre os outros carros.

Quando chegamos ao carro dele, peguei as chaves em seu bolso da calça e o mandei se sentar no banco do carona, e por serem mais de duas horas da manhã, não demorei nem quinze minutos dirigindo até o hospital da Califórnia.

Corremos até o balcão de informações dando o nome completo de Valentine e logo estávamos no quinto andar, procurando por Christine. Ela estava aos prontos nos braços do marido, e Dan se juntou a eles, querendo informações sobre a mãe.

Eu dei espaço a eles, que permaneceram abraçados por alguns longos minutos.

De repente, um médico apareceu com aquele típico jaleco branco, um

estetoscópio pendurado no pescoço e uma prancheta em mãos.

-Vocês são os parentes de Valentine Coleman?

-Sim, somos nós.

-Me acompanhem, por favor.

Dan se aproximou de mim e segurou uma de minhas mãos com força, e eu apertei de volta, olhando para ele enquanto seguíamos o doutor, tentando passar um pouco da minha força para ele.

Quando chegamos a uma porta de vidro, pudemos ver Valentine acordada, porém deitada na cama e cheia de aparelhos ligados ao seu corpo.

Ver aquilo me deu calafrio ao pensar que eu poderia ter estado aqui anos atrás, mesmo que por motivos diferentes do dela.

A primeira coisa que Dan fez foi seguir até a mãe e abraça-la, ela o abraçou com a mão que não estava conectada a nenhuma agulha e murmurou que sentia muito.

Eu não permaneci perto o suficiente para conseguir ouvir a conversa baixa entre mãe e filho, mas era perceptível a expressão de tristeza no rosto de Valentine.

-O que minha mãe tem, doutor? – Dan finalmente perguntou, encarando o médico que ainda estava em silêncio, próximo à porta.

-Não cabe a mim dar essa notícia, sua mãe me fez um pedido. Eu estou aqui para eventuais perguntas.

-Mãe...

-Me deixem a sós com meu filho, por favor.

A voz de Valentine soou fraca, mas imediatamente todos começaram a se mover em direção à porta. Atirei um olhar preocupado para Daniel, se ele me pedisse para ficar, eu ficaria, mas ele logo acenou levemente com a cabeça em direção à porta e com um suspiro leve, saí por ela.

-Você é a melhor amiga do filho dela? – o médico perguntou, depois de alguns minutos lá fora, esperando. Quando apenas acenei com a cabeça, ele voltou a falar. – O garoto vai precisar de você, seja forte.

Eu não sou forte, pensei enquanto me sentava em uma das cadeiras ao lado da porta do quarto. Eu não era forte, mas seria forte por Daniel, se ele precisasse de mim, eu estaria lá por ele.

De repente, o silêncio mortal do corredor do hospital foi quebrado por um grito grave. “*Não!*”, dizia, e era a voz de Dan.

Antes mesmo de ouvir Valentine dizendo “*Daniel, espere!*”, eu já estava de pé e em frente à porta.

Ele abriu a porta e saiu após dizer: – Me desculpe, eu não posso, não agora.

Caminhando a passos largos pelo corredor em direção aos elevadores, saí correndo atrás dele, antes que ele fizesse alguma besteira.

Nunca tinha visto Daniel tão abalado e, infelizmente, não era tão difícil imaginar o que o deixara assim.

Quando o encontrei, no estacionamento, ele estava tendo um acesso de raiva, chutando o pneu dianteiro do carro, e por um segundo precisei pensar no que fazer.

Aproximando-me, toquei seu ombro sentindo seu corpo ficar rígido e logo depois relaxar, quando ele virou de frente para mim e o sufoquei num abraço.

Eu não sabia o que dizer, ou o que fazer, talvez eu devesse dizer a ele que tudo ficaria bem... Mas eu não sabia se tudo iria, realmente, ficar bem. Por isso, permaneci em silêncio, apenas ouvindo os primeiros soluços apontando, e logo ele estava chorando compulsivamente em meu ombro, onde eu consegui sentir as grossas gotas caindo, mesmo sob o casaquinho de renda que eu vestia, seu corpo tremendo e se chocando contra o meu.

Não acho que alguma vez em todos os nossos anos de amizade eu tenha visto Daniel chorar, pelo menos nada comparado a isso, um choro desesperado, dolorido, sofrido...

Ele continuou agarrado a mim por longos minutos, até que, finalmente, seu choro foi cessando, mesmo que os soluços continuassem.

Envergonhado, ele olhou para baixo, escondendo seu rosto virando para o outro lado enquanto enxugava suas lágrimas. Chegando perto dele, peguei seu rosto em minhas mãos e enxuguei o que restava de suas lágrimas com meus dedos, impedindo que ele as escondesse de mim, dando um beijo casto em sua bochecha, antes de abraçá-lo mais uma vez, porém rapidamente.

Destravei o alarme do carro e abri a porta do banco do passageiro, para que ele entrasse. Dei a volta no carro rapidamente e enquanto ele colocava o cinto de segurança, dei partida, dirigindo calmamente para meu

apartamento.

Nenhuma palavra foi dita, eu ainda não sabia exatamente o que havia acontecido naquele quarto de hospital, mas fosse o que fosse, ele não estaria me contando nada por agora.

Estacionei o carro em frente ao meu apartamento, e olhei para Daniel, que permanecia olhando para frente, estático, e se ele não tivesse se virado em minha direção, eu acharia que ele estava dormindo com os olhos abertos, ou até mesmo em transe.

-Posso dormir aqui hoje?

-Você sabe que sim. Vamos. – disse tirando a chave da ignição, saindo do carro e o encontrando em pé do outro lado.

Ele parecia se arrastar enquanto caminhávamos em direção à porta de meu apartamento e a primeira coisa que fez quando entrou nele, foi ir para meu quarto e se jogar na cama.

Eu não sabia muito bem como lidar com lágrimas, por isso esperava que ele não desabasse novamente, mesmo sabendo que seria totalmente compreensível em sua situação, porém isso não aconteceu.

Deitado no lado onde, geralmente, costumava dormir, ele afundou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, permanecendo ali, quieto, no mais absoluto silêncio.

Com aquilo eu podia lidar.

Fui até o banheiro com um de meus pijamas nos braços e me troquei, tirando toda a maquiagem escura e prendendo meus cabelos num coque frouxo.

Ao voltar para o quarto, Dan já estava deitado no outro lado da cama, virado para o lado onde eu iria ficar, já sem sapatos e, aparentemente, dormindo.

Segui para a cozinha, onde peguei uma jarra d'água e alguns comprimidos para dor de cabeça, já que ele poderia ter dores por conta do choro durante a madrugada.

Coloquei tudo na mesinha de cabeceira do meu lado da cama e finalmente encarei o lugar onde iria dormir.

A última vez que havia dormido na mesma cama com alguém, eu tinha

nove anos de idade e esse alguém era o próprio Daniel.

Quando éramos pequenos, meus pais não viam problemas em deixar-nos dormir na mesma cama, e isso acontecia sempre que Dan me ajudava com o dever, acabava ficando para o jantar e quando ficava muito tarde, ele dormia em casa, e mesmo com um quarto de hóspedes disponível e a opção de dormir no quarto de meu irmão, ele sempre terminava no meu. Mamãe proibiu-nos de dormir no mesmo quarto quando ele completou onze anos, provavelmente por causa da puberdade, e de lá para cá ninguém, nunca, havia dormido na mesma cama que eu, ainda mais depois do que aconteceu...

No entanto, não havia problema aqui, certo? Ele era meu melhor amigo, precisava de mim esta noite e eu poderia ceder o espaço vago em minha cama para ele só por hoje.

Rolando na cama de frente para ele, ouvi sua respiração calma e percebi que já havia dormido.

Tirei o cabelo caído em seu rosto, colocando-o atrás de sua orelha.

Aproximei-me para beijar-lhe a testa quando seus olhos se abriram.

Estávamos muito perto e seu hálito bateu em meu rosto quando ele, depois de alguns minutos de silêncio, disse:

-Ela tem câncer de mama. Minha mãe. Ela está morrendo. – sua voz falhando no final, e ele fechou os olhos ao sentir meu toque em seu rosto.

-Eu sinto muito.

-Ela é tudo o que eu tenho, Mel. – seus olhos brilhando com as lágrimas que insistiam em cair – O que eu vou fazer quando ela se for?

-Você tem a mim. Não estará sozinho, nunca. – eu o abracei, sentindo-o assentir.

Nenhum de nós quebrou o abraço.

Quando vi que ele havia adormecido, de verdade dessa vez, puxei o edredom que estava aos nossos pés com uma das mãos, nos cobrindo, para logo em seguida deitar minha cabeça em seu peito, onde adormeci sem pensar em mais nada além de como eu precisava estar inteira para reconstruir Daniel quando ele precisasse.

***This is the end. Hold your breath and count to ten.
Feel the Earth move and then. Hear my heart burst again.
Skyfall, Adele***

6. Mudanças

Terça-feira, 20 de novembro de 2007.

Hoje, uma orientadora foi até o St. Claire e conversou com a turma sobre os planos para o futuro. Alguns acham cedo demais para pensar nisso, mas já sei o que irei cursar na universidade. Dança. É o que eu amo fazer, mesmo que muito provavelmente os meus pais não me apoiem no início. Marcus não queria fazer faculdade, e isso magoava meus pais. Mas eu esperava que quando o meu tempo de fazer decisões como essa chegasse, meus pais estivessem um pouco mais abertos às minhas opções.

AO CONVENCER A MIM MESMA QUE não havia problema algum em dividir a cama com Daniel, eu não havia pensando em como seria acordar ao lado dele. Como acordar ao lado de um homem. E ainda pior, como acordar ao lado de um homem ao qual você passou a noite toda colada. Mas esse foi o primeiro pensamento que veio em minha mente quando senti o corpo de alguém colado ao meu.

Antes que pudesse me desesperar, senti o perfume de Dan, misturado com algo que deveria ser seu suor e relaxei, ainda não abrindo os olhos. Sua respiração veio como um sopro em meu pescoço e pelo cheiro de pasta de dente, ele já havia se levantado. Então porque ainda estava grudado em mim?

Uma de suas mãos tocou meu rosto, seguindo de minha testa até meu queixo, fazendo um leve carinho na maçã do meu rosto antes de descer e encontrar minha boca.

Seus dedos passearam por ali algumas vezes, fazendo o contorno de meus lábios, até que ele suspirou e se afastou.

Ouvi um telefone tocando e abri os olhos quando o ouvi dizendo “Alô” com a voz grossa, saindo do quarto.

Olhando no relógio na cabeceira de minha cama, constatei ser muito cedo para o horário que havíamos ido dormir, mas, aparentemente, Dan estava acordado há algum tempo, e por isso fingi estar acordando quando ele voltou para o quarto.

-Ei... – ele sorriu, enquanto sentava-se na cama – Ainda é cedo, volte a dormir.

Para que você possa ficar me acariciando?, pensei.

Seu celular tocou mais uma vez e com um olhar no visor, ele colocou-o em cima da mesa de cabeceira ao seu lado.

-Está tudo bem?

-Sim, só pedi que minha tia me avisasse quando minha mãe saísse para fazer uma bateria de novos exames. Eles estão começando agora, quando terminar, Christine me avisará novamente.

-Você irá vê-la?

-Sim, tenho muitas perguntas a fazer.

-Quando você for, me avise e eu te levo. Preciso passar em casa, Marcus chega hoje, mas eu volto para o hospital para te buscar.

-Merda, – ele praguejou – eu havia me esquecido completamente que seu irmão voltava hoje... Eu te deixo na casa dos seus pais e vou para o hospital, você não vê Marcus há anos, precisa ficar com ele.

-Não, Dan, você precisa de mim lá no hospital.

-Eu vou ficar bem, Mel. Afinal, não há nada que eu possa fazer agora, só... Esperar. Eu só quero conversar com o médico, saber o que podemos fazer...

Meu irmão só chegaria à casa de meus pais na parte da tarde, por isso ainda tinha muito tempo até lá e a única coisa que eu conseguia fazer naquele momento era fechar aos olhos e me entregar ao sono que me dominava.

Não saberia dizer se Daniel havia voltado a se deitar o meu lado na cama, ou se havia continuado sua inspeção por meu rosto, mas quando ele me acordou com, chamando meu nome e balançando meu corpo levemente pelos ombros, ele estava diferente.

Seu cabelo ainda estava molhado, o que indicava que ele havia tomado banho, e sua roupa não era a mesma de noite passada, então ele havia ido até sua casa.

-Hora de acordar, dorminhoca. Seu irmão irá chegar em menos de duas horas e sua mãe acabou de ligar.

Pulando fora da cama, procurei minha bolsa pelo quarto e puxei meu celular lá de dentro, discando o número de casa.

Avisei para minha mãe que estaria lá antes que Marcus chegasse, e ela

disse que papai iria busca-lo no aeroporto.

Ainda estava pensativa quando Daniel estacionou o carro em frente à casa de meus pais, onde até pouco tempo, eu também morava. Não queria deixa-lo sozinho no hospital, ouvindo do médico que não havia jeito e que sua mãe morreria em breve. Mas fazia quatro anos e meio que não via meu irmão mais velho e queria estar em casa quando ele chegasse.

-Se você precisar de mim, me ligue. Eu estou falando sério. Me ligue e eu vou correndo para o hospital. Fique calmo e não faça nenhuma besteira, por mais tentadora que ela seja.

-Mel, não se preocupe. Eu estou bem, não vou fazer nenhuma besteira. É claro que eu estou sofrendo, mas terei que conviver com isso, mesmo que doa.

-Você é tão forte... – disse o abraçando.

-Eu não fui muito forte ontem à noite.

-*Nah*, você foi bem durão se escondendo de mim depois.

-Eu só estava...

-Eu sei. Sofrendo. Eu sei, eu entendo e você não precisa se explicar. Agora vá, sua mãe deve estar esperando por você.

Saí do carro e o assisti partir, deixando meu celular no modo vibra no bolso traseiro da calça jeans que eu vestia, para que eu pudesse sentir se ele ligasse.

Assim que entrei na “casa branca”, – apelido dado à casa de meus pais por meu irmão e eu pelo motivo óbvio: ser uma casa branca – senti o cheiro característico de bolo assado, e eu podia jurar que era bolo de chocolate, o preferido de Marcus.

Encontrei minha mãe na cozinha mexendo algo numa panela ao fogo, que eu logo descobri ser o recheio e cobertura do bolo.

-Oi mãe. – fui até ela a abraçando, fazendo com que ela parasse de mexer na panela por alguns segundos para me abraçar de volta.

-Só assim para você vir me ver, até parece que esqueceu que tem mãe.

-Não é bem assim, mãe. Nos falamos quase todos os dias.

-Falar por telefone não é o mesmo que ter minha filha aqui comigo, oras.

-Eu sei, me desculpe. Minha vida está muito agitada nos últimos tempos.

-Hummm, conheço esse tom, o que aconteceu?

-Nada, mãe. Só... Problemas. Posso dar uma cochilada no seu sofá?

-Claro que sim, não dormiu esta noite? – perguntou com um sorrisinho em seu rosto e uma das sobrancelhas arqueadas.

-Dormi a maior parte dessa manhã e tarde, mas é como se não tivesse dormido nada. Estava com Dan no hospital, sua mãe está internada.

-Oh, Valentine, o que aconteceu com ela?

-Câncer de mama. – sua boca se abriu em um “oh” e sua expressão mudou totalmente de feliz para preocupada. – Eu não sei muito bem, Dan ainda está muito abalado, mas acho que não tem mais cura.

-Deus... Preciso vê-la. – ela desligou o fogão e despejando uma parte do líquido marrom em uma das metades do bolo na bancada – Ela não me disse que estava doente.

-Eu não sei se ela já sabia sobre o câncer.

-Eu tenho certeza de que sim. Ela deveria estar fazendo o tratamento e protegendo Daniel não contando a verdade.

-Se ela fez isso... Daniel está sofrendo mesmo assim. Eu acho que ela deveria ter dito tudo a ele desde o começo.

-Talvez ela tenha pensado que tudo ficaria bem no final. Às vezes, escondemos coisas de nossos filhos a fim de protegê-los, é isso o que as mães fazem.

Não mais argumentei. O que poderia dizer quando eu mesma guardava segredos?

Deitei-me no sofá macio da sala e fechei os olhos, ficando quietinha ali, mesmo estando acordada.

Meu diário me veio à mente no mesmo momento em que pensei sobre minha primeira consulta com a psicóloga na semana seguinte.

Não saberia precisar quanto tempo fiquei ali, mas não me pareceu muito quando ouvi o barulho do motor de um carro estacionando em frente à porta da casa.

Mamãe veio da cozinha enxugando as mãos num pano branco, já com um sorriso de orelha a orelha no rosto.

-Vamos, sua dorminhoca. Deve ser seu pai.

Era a segunda vez que me chamavam de dorminhoca no mesmo dia, isso significa que estava dormindo demais. Balançando a cabeça, sentei-me no sofá, ajeitando meus cabelos e prendendo-os num coque amarrado com um nó, já que ele estava grande o suficiente para isso.

Mamãe, que estivera esperando ao lado do sofá, estava quase indo até a porta para abri-la e ver seu filho logo quando ouvi o barulho de chaves batendo uma nas outras e logo meu pai abriu a porta, revelando Marcus logo atrás dele.

Nora correu para encontra-lo e o prendeu num abraço apertado enquanto murmurava coisas inaudíveis de onde eu estava.

Surpreendi-me ao ver Philipe e Marie logo atrás.

-Hey, Mel. – Phil me abraçou.

-O que você está fazendo aqui?

-Somos hóspedes dos seus pais por algum tempo. Vamos concluir nossas graduações aqui.

-Eu espero que você não se importe. – disse Marie, um pouco contida.

-Não se preocupe. Acho que temos quartos de hóspedes suficientes o bastante para que vocês possam se acomodar.

-Puxa, mamãe. Achei que fosse fazer uma festa para receber seu filho mais velho de volta. – disse Marcus fingindo decepção quando o abraço entre ele e nossa mãe foi quebrado e ele olhou para o resto da casa. Até a porra de um bico, ele tinha nos lábios.

Eu gargalhei ao constatar que, não importa quanto tempo passe, meu irmão sempre seria um bebê grande e mimado.

-Você não gosta de festas, nem de muita gente paparicando, então somos só nós, a família. – disse mamãe, acariciando-o em seu rosto – Mas temos bolo e outras comidas que eu sei que você gosta. – mostrou a mesa de centro da sala, que eu ainda não havia reparado, mas estava cheia de guloseimas.

-Tem bolo de chocolate? – quase pude ver o brilho em seus olhos ao pensar no bolo de chocolate da mamãe.

-É claro que sim, ou você acha que Nora deixaria isso de fora? – eu disse desdenhando, chamando sua atenção para mim.

-Maninha... – veio até onde eu estava no sofá e me abraçou. – Não precisa ficar com ciúmes. Você pode comer os doces da mamãe sempre que quis, eu passei um bom tempo sem nada disso aqui.

-Eu sei, sei... Senti sua falta. – sussurrei.

-Eu também senti.

Abraçamo-nos por alguns minutos, até que ele se afastou e percebi algo em seu olhar. Ele não me disse nada e eu também não perguntei, mas eu sabia que assim que minha mãe desse uma folga nos beijos e abraços, ele viria até mim e contaria o que estava errado.

O resto do dia foi cheio de gracinhas pela parte do meu irmão, enquanto nos contava um pouco sobre como havia sido seus quatro anos e meio em Londres e sua vida acadêmica.

Meus pais estavam, nitidamente, orgulhosos pelo que Marcus havia se tornado e em quão bem esses anos fora do país haviam feito a ele.

Um ano depois do que me aconteceu naquele inverno na casa de nossos tios, ele ingressou na faculdade de advocacia, algo que meus pais nunca entenderam!

Ele sempre fora um menino levado, desde pequeno, sempre andou com péssimas companhias, chegou a usar drogas dos quinze aos dezenove, sempre disse que nunca faria faculdade...

Então, num belo dia de sol, ele simplesmente diz que conseguiu uma bolsa numa universidade no Reino Unido e que estava indo cursar direito!

Claro que meus pais ficaram muito surpresos, no início meio receosos até, mas após confirmar a bolsa de 45% na London University, tudo o que eles puderam fazer foi comprar a passagem e deixa-lo ir.

Ele mandou poucas notícias durante esses cinco anos, tudo o que eu sabia é que havia se dedicado muito à faculdade, estudando dia e noite, dormindo no dormitório da universidade e sem nenhuma namorada fixa.

Ao fim da noite eu estava preocupada com Daniel, que não havia ligado para dar notícias, e mesmo com minha mãe dizendo que ele deveria estar bem, liguei para ele perguntando onde ele estava e fiquei mais tranquila quando disse que estava saindo do hospital, e viria até a casa de meus pais, buscar-me.

Marcus achou um exagero eu estar preocupada com Dan, mas ele ainda não sabia sobre a mãe dele no hospital e só eu tinha o visto desabar na noite passada.

Às onze da noite, quando meu irmão estava cansado o suficiente para ir dormir, depois de ter querido saber tudo sobre meu curso na UCLA e conversado por alguns minutos e em particular com Daniel, nos despedimos dele e de meus pais, com rumo certo para a minha casa.

Ele não dormiu lá essa noite, porém durante todo o caminho, eu sentia que alguma coisa estava diferente... Entre nós dois.

Sentia minha mão suar e minha respiração estava irregular, eu estava nervosa e só agora me arrependia de não ter avisado a ninguém onde eu estaria ou pedido para que Dan, meu irmão ou Jess viessem comigo.

-Melissa Stewart. – ouvi a secretária chamar meu nome e levantei-me, tentando respirar fundo antes de ir em direção à porta.

A doutora Miller não era nada parecida com o que minha imaginação havia pintado. Não havia nada de cabelos grisalhos presos num coque, roupas antiquadas ou fala arrastada, muito pelo contrário, meus olhos viam uma mulher de aproximadamente quarenta anos, com roupas sociais, um belo cabelo castanho cacheado e óculos de grau com hastes finas e na cor rosa. Ainda fugindo do que minha mente achou que fosse encontrar, um divã ou caderninho de anotação não eram itens à vista na sala espaçosa e bem iluminada, com uma decoração simples e não muito chamativa.

-Olá Melissa. Seja muito bem vinda! – disse cumprimentando-me com um aperto de mão. – Sente-se, por favor.

Sentei-me em uma grande e confortável poltrona, enquanto a doutora sentava-se em uma poltrona similar à minha frente.

-Bom, o que traz você aqui?

Essa era a pergunta chave para tudo, porém a mais difícil de se responder, e confesso que não havia pensado numa resposta para ela desde que decidi procurar um psicólogo.

-Bem... – mexi minhas mãos em meu colo, olhando fixamente para o tapete lilás no chão – Quando eu era mais nova, eu... Aconteceu algo que não deveria ter acontecido.

-Uma coisa ruim? – ela perguntou, após um momento de silêncio. – E você ainda não conseguiu superar? – ela perguntou novamente, quando assenti a cabeça para sua pergunta anterior.

-Acho que não.

-Certo. Nós vamos trabalhar isso, ok? – assenti novamente – Por que você não me conta um pouco sobre você hoje, o que você faz, se estuda, trabalha...

E então eu fui respondendo suas perguntas, falando um pouco sobre o

meu curso universitário, meus amigos, família, as coisas que eu gostava de fazer e, eventualmente, ela voltava em questões sobre quantos anos eu tinha quando a ‘coisa ruim’ aconteceu, se mais alguém sabia sobre o acontecido, e mesmo que hesitante em estar contando isso para alguém que mal conheço, ela não se aprofundou totalmente no assunto e eu respondi a todas as suas perguntas.

Saí do consultório aproximadamente uma hora depois, já com a próxima sessão marcada para o mesmo dia e horário na semana seguinte e também com um aviso de que iríamos nos aprofundar no passado.

Ao chegar em casa naquela tarde, Dan já estava me esperando para que pudéssemos concluir o texto que se tornaria parte do nosso trabalho de fim de semestre na universidade e mesmo que ele não tivesse me perguntado onde eu estive, eu sabia que ele sabia que algo estava acontecendo.

No fim de semana seguinte, fui ver meus pais na casa branca e encontrei Philipe sentado no chão da sala, sem camisa e com um violão no colo e várias partituras espalhadas ao seu lado.

Ele estava prestes a começar a tocar algo quando eu entrei pela porta da frente, porém parou quando me viu ali.

-Hey! Tudo bem?

-Sim, – respondi ao abraçar-lhe – tudo ótimo e com você?

-Com tédio, mas bem.

-Onde está Marie? Vocês podem fazer algum tipo de programinha de casal, ir ao shopping ou ao cinema, sei lá.

-Nós terminamos no início da semana. – ele coçava a cabeça enquanto me olhava ao dizer essas palavras.

-Oh, eu não sabia. Posso... Perguntar o por quê?

-Já não estava dando certo há algum tempo e tivemos uma briga recentemente por ela achar que sabe mais sobre os meus sentimentos do que eu mesmo, então achei melhor parar antes que as coisas se tornassem insuportáveis ao ponto de eu começar a esquecer-me todos os nossos bons anos juntos.

-Eu espero que vocês dois se acertem, de verdade.

-Eu não acho que isso vá acontecer. Não parece, mas Marie é uma garota difícil, e quando ela coloca uma coisa na cabeça, ela não volta atrás.

-Sinto muito.

-É, eu também, mas estarei bem enquanto tiver um pouco de música.

Ele, então, fechou os olhos e começou a dedilhar as cordas do violão, tirando um som poderoso dali, repetindo aquela combinação algumas vezes e antes que ele pudesse iniciar as primeiras palavras da música, eu consegui reconhecê-la. *Photograph*, do Nickelback, era uma das minhas músicas favoritas da banda e a perfeita música de fossa para Philipe. Assim que ele terminou o refrão, interrompi segurando o braço do violão, fazendo com que seus olhos se abrissem e me indagasse com seu olhar o porquê daquilo.

-Vamos a um lugar, junta essas partituras, pega o violão e... coloque uma camisa.

-Hã? Como assim, aonde vamos?

-Você vai fazer um teste. Sem mais perguntas, apenas faça o que estou dizendo.

Peguei meu celular e, enquanto Philipe ia até seu quarto buscar uma camisa, digitei uma mensagem rápida, enviando-a logo em seguida.

-Chegamos! – disse apontando para uma casa grande, com a fachada de pedras, onde a porta da garagem estava somente um pouco aberta, mas acho que assim como eu, ele já sabia o que havia lá dentro!

O som de guitarras, bateria, baixo e uma voz feminina se fazia presente, ele me olhou e sorriu antes de me ajudar a levantar o portão da garagem...

Jess era a garota no vocal e tinha uma guitarra em suas mãos, e não parou de entoar sua voz cantando a segunda parte de *Brick By Boring Brick*, da Paramore, e logo soltando a voz no refrão.

Não importava se ela estava num palco com uma centena de pessoas a assistindo ou na garagem da casa de Cam, Jessica encantava a todos com sua voz que podia mudar de um minuto para o outro.

-Chegaram bem na hora – disse Jessica ao término da música, descendo do baixo palco improvisado com um pulo, vindo até onde estávamos.

-E aí, gente! – eu disse cumprimentando Jessica com um beijo no rosto, Dave, Richard e Cameron com um toque de mão. – Esse é o Philipe. – disse

os apresentando.

-E aí, cara! – disse Richard ao se cumprimentarem. – Tudo certo?

Depois de todos devidamente apresentados, ele já sabia o que estava fazendo ali e Jessica pediu que ele subisse ao palco e tocasse algo.

-Toque o que estava tocando lá em casa. – eu induzi e ele não me decepcionou, tocando *Photograph* com a mesma emoção de quando estávamos sozinhos na casa branca, e quando Jess se virou para mim, eu via surpresa em seus olhos.

-Onde você arranjou esse cara e como ele não tem uma banda?

-Phil é meu primo. Ele fazia parte de uma banda em Nashville, mas minha tia quis que ele viesse estudar música aqui, e ele teve que largar tudo.

-Será que ele está na minha turma?

-Não sei, pode ser que sim.

Assistimos ao resto da apresentação de Philipe, que era, na verdade, um teste, em silêncio, mas ainda pude ouvir um “o cara é bom” vindo de um dos caras e ele logo assumiu o baixo, tocando um solo.

-Você também compõe? – Cam perguntou a Philipe assim que os últimos acordes da música foram executados.

-Sim.

-Perfeito. – Jess se pronunciou quando meu primo desceu do palco, parando a nossa frente. – Melissa disse que você não tem uma banda, nós não temos um baixista e você foi incrível lá em cima. Que tal se juntar a nós?

Philipe topou na hora e depois de me agradecer e a todos da banda pela oportunidade, passou o resto da tarde harmonizando seu som com o deles, falando sobre suas influências e gostos musicais.

Quando Dan fora me buscar naquela noite, ele estava muito estranho. Ao chegarmos em meu apartamento, por ainda ser cedo, ele subiu comigo e a primeira coisa que fez foi jogar-se no sofá.

-O que aconteceu?

-Minha mãe não quer mais ficar no hospital. Ela ganha alta amanhã de manhã e quer ficar em casa, já até contratou uma enfermeira para ajuda-

la.

-Isso significa o que eu acho que significa? – disse pegando em sua mão, sentando-me ao seu lado.

-Ela quer partir em casa. – ele soltou o ar de seus pulmões pesadamente. – Está doendo demais. – ele levou nossas mãos unidas ao seu coração. – Não vou ter mais ninguém, Mel.

-Não fala assim. Você ainda vai ter seus tios. Eu e meus pais também estaremos com você para o que precisar. – o abracei.

Eu não conhecia a dor de perder um ente querido e esperava não passar por isso tão cedo, mas se só de pensar isso acontecendo, meu coração já se apertava, eu não conseguia imaginar um terço do que Daniel estava sentindo nesse momento.

***I was looking for a breath of life. For a little touch of heavenly light.
But all the choirs in my head sang no ohhh.
Breath of Life, Florence and the Machine***

7. Dan

Quinta-feira, 28 de fevereiro de 2008.

Ainda me lembro da primeira vez em que vi Daniel, no primeiro dia de aula no St. Claire.

Eu não queria entrar na escola sem Raissa, estava envergonhada com todas aquelas pessoas nos olhando enquanto atravessávamos as portas de entrada, acenando, e sorrindo, quando Daniel apareceu. Ele não parecia ter a minha idade, era mais velho, pelo tamanho.

O cabelo cortado e lisinho, as bochechas redondas e o sorriso no rosto quando disse que entraria comigo na escola. Quando ele me deixou na porta de minha turma, ele me deu um beijo no rosto e foi embora.

DAN NÃO QUERIA UMA FESTA de aniversário, mas sua mãe insistiu, dizendo que aniversário era uma data importante e que deveria ser comemorada sempre e ele resolveu atender ao pedido dela.

Eu sabia que, no fundo, ele sentia que aquele seria seu último aniversário com ela, e que talvez ela não estivesse lúcida para as próximas datas comemorativas.

Eu estava com um vestido tomara-que-caia rosa clarinho e rendado que ia até a altura dos joelhos e com a cintura marcada.

Sylv, Raissa, Nat e eu havíamos ido encontrar meus pais em sua casa, aproveitando para nos arrumar lá mesmo, de onde partiríamos para o condomínio onde mora a mãe de Dan.

A festa aconteceria no salão do condomínio, grande o suficiente para acomodar todos os convidados de Daniel e sua mãe, um número consideravelmente alto.

Depois de verificar mais uma vez o penteado em meus cabelos, maquiagem e passar um pouco mais de perfume, desci as escadas e encontrei-me com as garotas na sala. Sylvia trajava um vestido azul curtíssimo, também tomara-que-caia, com um detalhe no busto e uma faixa em patês logo abaixo.

Raissa estava com um vestido tubinho preto, que deixava sua cintura marcada, combinando com a maquiagem que destacava seus olhos com

delineador, ela parecia ter saído dos anos 50. Já Natalie, como sempre, tinha que ser a mais poderosa, e estava com um puta vestido vermelho. O modelo era até simples, sem muitos detalhes além do decote em “V”, mas só a cor já chamava todas as atenções para ela.

Meus pais e irmão estavam bem sóbrios, Peter e Marcus com seus smokings e minha mãe com um vestido *nude* simples, deixando os detalhes para acessórios e maquiagem.

Mal chegamos à festa e meu pai podia ser visto com uma cerveja na mão, enquanto eu procurava o aniversariante em meio às pessoas tão incrivelmente bem vestidas que eu poderia jurar estarmos em algum evento presidencial.

-Nossa! Quanta gente bonita no mesmo lugar. – disse meu pai se sentando em um dos *puffs* escuros da decoração, com sua cerveja na mão.

-Conhecendo Val como conheço, não me surpreenderia se ela tivesse contratado uma orquestra sinfônica para abrir a festa e um show da Beyoncé ou outra cantora do gênero para encerrá-la. – minha mãe disse.

Com o presente em uma mão e ajeitando o meu vestido com a outra, puxando-o para cima, andei pelo salão procurando por Daniel, e reconheci não só nossos amigos da universidade, como também algumas pessoas do St. Claire, na pista de dança. Encontrei-o ao lado de sua mãe, conversando com algumas pessoas que me eram desconhecidas.

Ele sorriu abertamente quando me viu, achando – finalmente – uma desculpa para se livrar de sua mãe e seus convidados.

-Hey, Mel... – disse se afastando de todos após murmurar algo a eles e veio até mim.

-Olá, velhinho. Feliz aniversário! – o abracei apertado, apoiando meu pescoço em seu ombro e sentindo o doce perfume que ele usava.

-Oh, não! Não me venha com esse papo de velhinho esse ano novamente. Já basta saber que sou dois anos e meio mais velho que a maioria das pessoas “da minha idade” neste recinto.

-Você sabe que é brincadeira. Isso é para você. – empurrei a caixinha com seu presente, que eu ainda segurava.

-Sim, eu sei. E você sempre com essa mania de não colocar seus presentes com os outros.

-Presentes são para serem abertos na hora, mas eu acho melhor não abrir agora. São dois presentes, na verdade. Um eu sei que você vai gostar, o

outro é algo que você sempre quis experimentar e nunca foi em frente. Eu não quis colocar junto com os outros porque podem quebrar.

-Assim você vai me deixar curioso. – ele me deu um sorriso e balançou suavemente e caixinha próximo ao ouvido.

Não pude monopolizar o aniversariante por muito mais tempo, então com mais um abraço, ele foi até os outros convidados, conversando um pouco com cada um e recebendo felicitações, e então eu parti de volta para a minha mesa.

Não era uma festa de debutante ou algo do tipo, apesar de tia Val ter querido fazer isso parecer com uma, mas mesmo assim Daniel dançou com algumas garotas, inclusive comigo e logo depois disso veio os parabéns, com todo mundo ao redor do bolo de chocolate gigante. Eu tinha sorte de Dan ser louco por chocolate ou acho que seria obrigada a comer o típico bolo branco, alguma geleia ou no máximo doce de leite de recheio, com glacê ou chantilly como cobertura. *Argh!*

Após isso, os músicos contratados por Valentine foram embora e a *Rockless* assumiu o palco, e aí sim a festa teve início.

Antes de ser puxada por Daniel para dançar, observei meu irmão sentado em nossa mesa, com seus olhos em Jessica, parecendo meio... Fascinado!

Entre uma pausa da banda e outra, onde o DJ entrava em ação, Dan puxou-me em seus braços para uma nova dança e dessa vez somente os casais estavam na pista, embalados ao som de músicas como *Jar of Hearts*, de Christina Perri.

-Sei que é seu aniversário, mas posso fazer um pedido? – levantei minha cabeça de seu ombro e o encarei.

-Claro que sim!

-Preciso ir a um lugar essa semana, poderia ir comigo? Acho que você vai gostar. – ele sorriu.

-Só me diga hora e lugar.

-Ótimo, depois combinamos tudo.

-Posso dizer que estou ansioso por isso? – ele arqueou a sobrancelha, e depois sorriu.

-Você quis dizer curioso, certo?

-Bem, isso também.

-Isso é algo que eu deveria ter feito há muito tempo atrás, só faltou...

Coragem. E agora eu a tenho.

Seu olhar se fixou no meu, ele interrompeu nossa dança e por um segundo ele pareceu meio aéreo. Não sabia o que eu tinha dito para deixa-lo assim, mas logo ele balançou a cabeça de um lado para o outro e continuou a dançar.

Eu estava pronta para dar o primeiro passo. Voltar a fazer algo que eu amava, mesmo que, hoje, somente como um hobby. Precisava de Dan lá, já que além de ser meu melhor amigo, ele sempre dividiu essa paixão comigo e sempre insistiu para que eu voltasse ao ringue, só desistindo no último ano.

Dancei com ele por um tempo e não sabia precisar que horas eram quando fomos interrompidos por uma garota, que deveria ter mais ou menos a nossa idade, com longos cabelos loiros e um vestido negro e brilhoso. Ela queria dançar com Dan e eu não me importei, visto que meus pés já estavam começando a me matar.

Raissa, Connor, Jessica e Marcus estavam na mesa e me incluíram na conversa quando me sentei ao lado de Jess, com uma taça de champanhe nas mãos. Nossos pais já haviam ido embora, então não haveria problemas se eu bebesse uma ou duas taças.

-Estávamos falando sobre os casais da festa, eu e Connor, Sylv e Matt, que sabe lá Deus onde estão, a prima de Daniel e um de seus amigos da universidade, Aiden e Tessa, Marcus e Jessica, você e Daniel.

-Só se esqueceram da parte em que Daniel e eu não somos um casal e, que eu saiba, Marcus e Jessica também não. – disse e olhei para Jessica, que somente revirou os olhos.

-Já tentei explicar isso a ela, mas ela finge não ouvir. – ela disse.

-Vocês ficaram juntos a noite toda, não é possível que não esteja rolando nada.

-Entre nós, não está! – disse Jessica. Meu irmão apenas ficou quieto e eu sabia que seu cérebro estava trabalhando em algo.

-E, eu acho que nada está acontecendo entre Daniel e Mel também, ou então ele não estaria beijando outra garota. – disse Connor, apontando para a pista.

Todos os olhares se voltaram para a área onde antes eu estava dançando com Dan e, depois de alguns segundos, eu também olhei.

Ele e a garota do vestido brilhante não estavam mais na pista de dança, e sim em um canto mais reservado, perto do palco vazio e um pouco longe do DJ que tocava *We Are Young*, do Fun.

As mãos dele estavam em sua cintura, as dela bagunçavam seus cabelos, ambas as bocas unidas num beijo. Aparentemente, somente nós estávamos cientes dos dois se agarrando no cantinho escuro e, por algum motivo, aquela cena me incomodou demais.

Voltei meu olhar para a mesa e percebi que todos estavam olhando para mim.

-O que?

-Está tudo bem?

-Sim, porque não estaria? Eu disse que não rola nada entre Dan e eu. Vocês sabem disso!

Eles logo engataram uma conversa sobre a *Rockless*, menos Raissa, que continuou me encarando com um sorriso no rosto, o que significava que ela discordava do que eu havia dito.

Mas essa era a verdade. Eu até poderia estar com ciúmes do meu melhor amigo, mas eu poderia sentir ciúmes de qualquer um dos meus amigos, e isso era só o que Daniel era. Um amigo.

Quando já era tarde demais para o DJ continuar tocando músicas no volume máximo e somente os amigos mais próximos continuavam no salão, o som foi reduzido para algo mais ambiente e, cansados, juntamos algumas mesas e nos sentamos para jogar conversa fora, inclusive Philipe e Marie. Daniel havia sumido um tempo atrás, mas estava de volta agora e sem a garota do vestido brilhante.

É claro que esse fora o primeiro assunto colocado em pauta, e fugindo as piadinhas de Marcus e Connor, ele apenas disse que ela era uma amiga. Sei! Amigos que se beijam...

A “festa” só chegou ao fim quando já era de manhã e cada um foi para sua casa – ou para a casa do namorado.

Kevin me ofereceu uma carona, já que ele estava sozinho e o carro de Connor estava cheio, assim como o de Dan e Owain.

Isso me fez acordar para o fato de que eu precisava tirar meu carro da

garagem e ser um pouco mais independente nesse sentido.

Quando Kevin estacionou o carro em frente ao meu apartamento, o carro de Connor já estava lá. Eu esperei ouvi o som das portas destravando para agradecer e me despedir de Kevin, mas em um segundo eu estava dizendo “obrigada pela carona” e no outro ele estava me beijando.

Não foi nada mais que um selinho, nada de boca aberta, nada de língua, apenas um tocar dos seus lábios nos meus e pronto, porém fora o suficiente para me deixar atordoada.

Três batidas na janela fez com que ele desgrudasse nossos lábios e, sem pensar muito, apenas saí do carro, dando de cara com Daniel ali.

Minha mão foi em direção ao meu coração que batia acelerado e eu ainda não sabia se pelo susto de encontrar Dan parado bem ali ou por ter sido beijada repentinamente.

-Está tudo bem? – ele perguntou-me, parecendo com... raiva?

-Sim, estou subindo. – apontei debilmente para o prédio, afinal, para onde mais eu iria subir? – Tchau.

Meu fim de semana se resumiu a ficar entre meu apartamento e a casa de Valentine, onde eu, Dan e sua tia nos dividimos fazendo companhia a ela, que sofreu muito após sua primeira sessão de quimioterapia, no dia seguinte à festa de aniversário de seu filho.

Na segunda-feira, fui caminhando para a universidade, Dan havia ido ao hospital com sua mãe logo cedo para fazer mais exames e somente chegaria para a segunda aula.

Assim que entrei no anfiteatro, seguida pelo professor Richards, reparei em um papel dobrado em meu assento habitual.

Assim que o professor começou a apresentar algumas cenas de peças teatrais, cada uma representando um sentimento, abri o papel e li, com espanto, a mensagem.

Preciso falar com você!

Encontre-me no jardim perto da reitoria na hora do intervalo.

Kevin.

O jardim que ficava perto da reitoria é o único lugar que permanece vazio sempre. As pessoas tinham um pouco de medo do reitor, e por isso se mantinham afastadas de lá, mesmo que o jardim fosse incrivelmente lindo. Quando o horário do intervalo chegou, precisei dar uma desculpa qualquer para Dan antes que chegássemos ao refeitório e andei apressadamente para o lado leste do campus, pensando sobre o que exatamente ele queria comigo.

-Hey. – disse ele, quando me viu chegando.

Ele chegou mais perto e me deu um beijo no rosto.

-Obrigado por ter vindo me encontrar aqui. – disse se afastando.

-O que você quer? – disse meio hesitante. Não conseguia encontrar um motivo para ele ter querido conversar comigo, ainda mais no campus.

-Conversar. Olha, me desculpe pelo meu comportamento no sábado de manhã. Eu não estava pensando claramente, tinha bebido um pouco mais do que devia... Mel, olha pra mim. – disse puxando seu rosto para olhá-lo. – Eu não vou pedir desculpas pelo beijo. Você é uma garota muito bonita e foi bom beijar você, mas eu só não podia ter te beijado, eu não podia ter feito isso com o... – ele se interrompeu e deixou de encarar o chão, olhando fixamente para mim. – Eu sinto muito. Eu só queria deixar tudo esclarecido sobre o beijo e pedir desculpas por ter simplesmente beijado você.

-Kevin, foi só um beijo. Sim, você me pegou de surpresa, mas, na verdade, eu nem dei muita importância para ele.

-Nem eu, mas alguém deu muita importância.

-Quem? Para quem você contou sobre isso que se importou tanto a ponto de você vir até mim e explicar tudo isso?

-Eu não posso contar. Sinceramente, eu não sei como você nunca se deu conta disso, mas eu tenho certeza de que em breve você saberá.

Antes que eu sequer pensasse em dizer algo, um bip soou alto e ele olhou no visor de seu celular, parecendo nervoso com o que viu.

-Eu preciso ir. Há uma coisa que preciso resolver antes da próxima aula. Eu sinto muito.

-Tudo bem, e não se preocupe com o... beijo.

-E você, abra os olhos. Vejo você depois.

Aquela fora uma das conversas mais estranhas que já havia tido com alguém.

-Ela está morrendo e eu não sei o que fazer.

Daniel fechou seus olhos, encostando sua cabeça no sofá, e eu assisti a primeira lágrima escorrer por seu rosto.

-Infelizmente, não há nada que você ou qualquer outra pessoa possa fazer. A morte é o único momento em que você não pode escolher, é sem volta.

-Porra, – disse ele, enxugando suas lágrimas, tentando escondê-las – acho que estou virando um bebê chorão.

-Hey. – peguei em seu queixo, trazendo seu rosto de frente ao meu – Chorar não é um crime, faz bem e alivia a alma. Isso é você mostrando que é vivo e que tem... sentimentos. – levantei-me do sofá – Vamos a um lugar que eu sei que você vai gostar.

-Agora?

-Sim, agora. Vamos, levante daí. – disse puxando-o pela mão.

O lugar que eu havia mencionado que gostaria de ir com Daniel no dia de seu aniversário não havia mudado em nada, cada cor, cada objeto de decoração, tudo continuava em seu lugar, exatamente como em minhas memórias.

A cara de surpresa dele, quando percebeu onde estávamos, foi épica!

-Meu Deus, Daniel! – exclamou Angela, saindo de trás do balcão e abraçando-o. – Seu grande filho da mãe, faz muito tempo desde que você veio aqui, o que aconteceu?

-Mil desculpas. Falta de tempo, faculdade, problemas são os principais motivos do sumiço.

-Oh, eu soube pelos meus pais. Eu sinto muito.

-É, eu também. Mas é o ciclo natural da vida, certo?

-Sim e nós viemos aqui para nos distrair. – disse chamando a atenção dela para mim, que – literalmente – ficou de queixo caído.

-Melissa! Eu não acredito que é você! – disse me olhando dos pés à cabeça. – Pensei que nunca mais fosse ver você na vida. – ela me abraçou – Todas as vezes em que Daniel vinha e eu perguntava de você, ele dizia que você tinha parado de patinar.

-Sim, por cinco anos. Mas agora eu estou de volta e eu espero que você tenha o meu número.

-37? – assenti – É para já!

Voltou para detrás do balcão e em alguns minutos nos trouxe dois pares de patins, um para mim e um para Daniel, e nós logo os calçamos.

-Você ainda se lembra? – ele me indagou.
-É claro que sim. Não me humilhe se eu cair, certo?
-Pode deixar. – ele riu levemente.

A pista não estava muito cheio, mas haviam algumas pessoas nas outras áreas do Clube de Patinação Rocket Rock.

Essa pista era como minha segunda ou terceira casa quando eu era criança, passava mais tempo aqui ou na casa de Dan do que em minha própria casa e boa parte do meu gosto musical fora adquirido aqui.

A mão de Daniel segurou a minha enquanto andávamos até o início da pista, onde depois de tirar os *soakers* de nossas lâminas, eu dei o primeiro passo.

Juntos, estabilizamos um ao outro, para depois começar a deslizar. Sinceramente, acho que se não tivesse me forçado a dar alguns passos mais precisos alguns meses atrás, nem Daniel conseguiria me livrar de uma queda.

Pelo que ele me contou, deixou de patinar pouco antes das provas finais no último ano de *High School*, porque queria se dedicar totalmente às aulas.

Daniel sempre amou música, teatro e dança, mesmo que o teatro sempre estivesse no tope em sua lista de prioridades como sua grande paixão e a que sempre ocupou um espaço maior em sua vida; tanto que decidiu se formar nisso; mesmo que ele não quisesse patinar, participar de campeonatos e se tornar medalhista, como eu queria, ele ainda amava estar no ringue.

Ali, em sua companhia, eu me senti livre, feliz, mesmo caindo diversas vezes e não conseguindo completar vários dos saltos que uma vez eu fui craque.

Passamos em um Café na volta para casa e eu trazia um saquinho de *muffins* de chocolate em mãos. Daniel havia me emprestado seu casaco, já que havia saído de casa sem um e de uma hora para a outra, o tempo virou completamente e havia uma ventania lá fora.

Após eu abrir a porta do apartamento e devolver o casaco de Daniel, vestindo rapidamente o meu, ele se apoiou no batente da porta e, me olhando, perguntou:

-Então, você pretende voltar? – eu sabia do que ele estava falando.

-Não para competir. – suspirei – Eu teria poucos anos de carreira e até eu chegar ao meu nível de quando ainda patinava e superá-lo, eu vou estar com trinta e terei no máximo dois ou três anos no meio. Mas é inegável o quão bem eu me sinto ali, seria injusto comigo mesma se eu não dedicar uma parte, mesmo que pequena, a isso.

-Você faz bem. Você é a única pessoa que eu conheço que sabe como cair. – ele riu.

-*Urgh*, pare! – gemi e bati em seu peito – Acho que estarei toda dolorida amanhã de manhã.

Quando sua respiração bateu em meu rosto e eu a aspirei, o gosto de menta e café se fixando fracamente em minha língua, seu rosto se aproximando do meu a cada segundo que passava. De repente, percebi seus lábios muito próximos aos meus, a cor rosada tão mais viva vista de tão perto do que antes e a vontade de... Experimentar.

E então seus lábios colaram-se aos meus, suave e quente. Suas mãos, que até então estavam paradas nas laterais de seu corpo, migraram para a minha cintura, fazendo com que nossos corpos se aproximassem ainda mais a ponto de eu conseguir sentir seu coração batendo fortemente contra mim.

Meus lábios se entreabriram e eu senti sua língua em minha boca, que logo estava trocando carícias com a minha.

Num segundo, seu corpo estava leve e uma de suas mãos em meus ombros, acariciando minha pele desnuda naquela área e no outro ele se tornou uma pedra, retirando não só suas mãos de meu corpo, como também as minhas de seu rosto, e me olhando espantado, me fazendo sentir como se seu rosto fosse um espelho do meu.

Ele me olhou durante alguns segundos antes de depositar um beijo casto em minha bochecha e sair pela porta da frente.

Wow! O que acabou de acontecer?

Olhei para a porta ainda aberta e flashes do que acabara de acontecer voltaram em minha mente e o gosto forte de café em minha boca não me deixou apagar as memórias.

Eu beijei meu melhor amigo. Ou ele me beijou, mas isso tanto faz, porque o que importa é que eu retribuí.

Fugi da sala, onde o perfume dele ainda era tão forte que me deixava inebriada e fui para o meu quarto, me jogando na cama um tanto quanto zonza e já sentindo minha cabeça começar a doer. Eu estava muito confusa, com medo, estranha, assustada e sem reação diante do que havia acontecido há poucos minutos.

Eu não conseguia pensar em mais nada, senão aquilo.

Pousei meus dedos em meus lábios, pensando em como os lábios dele eram macios junto aos meus e, pela primeira vez, experimente a sensação de *querer mais*.

Tomei um comprimido para dor de cabeça antes de cair num sono cheio de sonhos envolvendo um homem, uma mulher, um beijo e a pergunta: *“O que tinha acontecido com Daniel para que ele me beijasse daquele jeito?”*, ecoando em minha mente.

Na noite anterior, não havia pensando na possibilidade de que aquele beijo poderia ter estragado toda a amizade que cultivei a vida toda, mas ao acordar, meus pensamentos voltavam para essa questão constantemente. Tentava me convencer de que estava tudo bem, que nada iria mudar na minha amizade com ele, mas sabia que a verdade não era essa! Nada, a partir de hoje seria igual, eu tinha certeza de que não conseguiria enxergá-lo da mesma forma que antes.

Quando o despertador tocou às nove da manhã, eu já estava com os olhos abertos, aguardando os minutos passarem até que me levantar fosse necessário.

A primeira mensagem no celular chegou às oito e dez, a segunda às oito e dezessete e a terceira às oito e vinte e quatro.

Somente dei atenção a elas às oito e meia, quando me declarei pronta para a universidade e enquanto saía de meu quarto, li uma mensagem após a outra, todas do mesmo remetente: Raissa.

É hoje!!!! Você já está acordada? ACORDEEE!!!

Você não vai responder?

Ok, quebre a perna!

Ela não havia dormido em casa, ou então teria me acordado esta manhã quase do mesmo jeito que fez na mensagem em letras garrafais – gritando. De todas as minhas amigas, Raissa – depois de Sylvia – era a menos agitada, mas a que eu era mais apegada e também a que mais se empolgava quando se tratava de mim.

Respondi suas mensagens com um simples “Obrigada, te vejo lá!” e segui meu caminho para o campus.

Eu tinha três coisas importantes para fazer naquele dia e eu esperava ter sucesso em todas.

No teatro, poucas pessoas se encontravam na plateia e somente naquele momento me dei conta de que em breve o lugar estaria lotado.

Eu não tinha medo de palco nem nada do tipo, mas estava apreensiva sobre este trabalho, era a conclusão do semestre e eu não seria a única prejudicada se algo desse errado.

Passei meus olhos pelas pessoas no camarim, procurando por Dan, mas ele não estava ali, o que era praticamente impossível, visto que ele era o “senhor certinho” e sempre chegava no horário.

Tentei me focar apenas em trocar de roupa, colocando um daqueles vestidos cheios de camadas, usados no século XVIII, cor de creme, com detalhes em dourado e uma saia que pesava toneladas. Com meu cabelo, tive ajuda de uma das outras garotas que iriam se apresentar hoje e conseguimos arrumá-lo preso num coque com um acessório brilhante na lateral.

Minhas bochechas estavam marcadas de rosa, um pouquinho mais que o normal por causa da maquiagem exagerada que as mulheres daquela época usavam e saltos que, graças a Deus, eram confortáveis, visto que eles não precisavam ser bonitos por estarem escondidos pelo vestido.

Disse a mim mesma que não pegaria no texto no camarim, então antes que cedesse à vontade de reler o texto mais uma vez para não esquecer, me adiantei indo para a coxia e observei o primeiro casal do dia apresentar

um texto, que de acordo com a lista de apresentações, era de Shakespeare, mas eu não prestava atenção neles, realmente.

Dan e eu fomos ousados ao escolher interpretar um texto de nossa autoria, mas isso contava pontos a mais e nós precisávamos disso. Na verdade, Daniel precisava. Por ter passado muito tempo com a mãe no hospital, ter chegado atrasado em diversas aulas ou simplesmente as perdido por completo, ele tinha sua última chance de recuperar o semestre e eu me dispus a ajuda-lo.

Mas agora, eu estava nervosa e ele nem estava ali para me abraçar e dizer que tudo ficaria bem.

Foi quando o vi!

Ele saiu do camarim olhando em volta e sorriu quando me viu. Suspirei. Quando ele olhou em meus olhos, vi o mesmo cara que havia beijado ontem e não o que fugiu logo depois disso. Ele estava com uma roupa num tom mais escuro que meu vestido e extremamente engraçado com a peruca e as meias brancas, que iam até a altura dos joelhos.

-Tudo bem? – ele chegou mais perto de onde eu estava parada e segurou minha mão.

-Sim... Só nervosa.

-Calma, vai dar tudo certo.

Sua presença teve um efeito calmante e eu soube que tudo ficaria bem no final, no entanto eu ainda não estava totalmente segura e por isso dei um passo para frente, ficando mais próxima a ele, e sorri quando tive o retorno desejado ao sentir uma de suas mãos em minhas costas.

Não, eu sabia que não podia me sentir atraída fisicamente por Dan, mas depois de noite passada, ele era tudo o que eu conseguia pensar.

Quando subi naquele palco, tudo o que eu conseguia fazer era dizer minhas falas nas horas corretas, rindo do jeito irreverente e até um pouco abusado para a época em que a personagem vivia, me movimentando de acordo com o que havíamos ensaiado e rezando para não parecer muito mecânica. Dan e eu acertamos em criar personagens apaixonados, já que os olhares, abraços e declarações de amor pareceram tão... Reais!

Depois de mais de meia hora com aqueles trajes, tudo o que eu queria era ir para casa e tomar um bom banho, já que teríamos o resto do dia livre, mas precisávamos esperar os resultados das apresentações, que sairiam entre meia e uma hora.

Encontramos alguns de nossos amigos na saída do teatro e fomos todos a uma lanchonete perto dali, onde matamos o tempo comendo e falando besteira e, como sempre, rolou um mini show de stand-up, onde demos boas risadas com Bud.

Quase uma hora após termos saído do campus, recebi uma mensagem de Tessa, que fora uma das últimas a se apresentar por estar no terceiro semestre – e tinha ficado por lá mesmo com Aiden esperando suas notas – informando que os resultados estavam sendo colocados naquele momento e, sozinho, Dan foi até lá conferir se havíamos conseguido ou não.

O sorriso dele o denunciou antes que ele pudesse dizer uma só palavra, e quando o abracei, a única coisa que ele conseguiu dizer fora um “obrigado” sussurrado, e em seguida todos começaram a abraçar, beijar e parabenizá-lo por ter passado.

Teatro não era tão importante para mim quanto o é para ele, então eu estava feliz por ter sido parte daquilo.

Mas uma coisa estava me incomodando profundamente e eu esperava conseguir resolver isso logo.

Antes, porém, eu precisava pensar sobre a segunda coisa importante do dia. O primeiro semestre chegou ao fim e eu não sei – nunca soube, na verdade – se Teatro é o que quero para o meu futuro.

Quando mais nova, sabia o que seria: uma grande patinadora, algo que seria meio impossível agora. Não tenho mais dez anos de idade, tenho oito a mais e só teria cinco ou seis anos de carreira, o que seria insuficiente por eu praticamente precisar começar tudo de novo.

Enquanto caminhava pelas redondezas, não percebi o anoitecer e o quanto havia andado. Localizando-me não muito longe da casa de Jessica, dei a volta e comecei a ir para casa a passos largos e rápidos.

De repente, senti alguém atrás de mim. Com o coração acelerado, olhei para trás rapidamente, percebendo um homem de capuz alguns bons

passos atrás de mim, num ritmo normal, o que me fez me acalmar, porém nem assim desacelerei o passo.

Peguei meu celular no bolso da frente de meu casaco e digitei uma mensagem, enviando para Daniel.

Acho que tem alguém me seguindo.

Me pega na casa da Jess.

E foi para onde resolvi passar, assim se a pessoa estivesse, realmente, me seguindo, desistiria ao ver que havia chegado ao meu destino.

Sabia que Jess deveria estar com sua irmãzinha, por isso enviei uma mensagem dizendo a ela para me esperar no portão.

Quando estava chegando, quase corri quando vi Jessica no portão de sua casa e senti a movimentação da pessoa atrás de mim.

Só consegui me sentir segura quando já estava dentro da casa e com a porta da frente devidamente fechada. As lágrimas, então, começaram a jorrar sem parar.

Jess me ajudou a sentar-me no sofá da sala, perguntando imediatamente o que havia acontecido, mas eu estava desesperada demais para falar.

A campainha soou poucos minutos após eu ter entrado, e meu coração deu um pulo, até me lembrar de que havia avisado a Dan e, dependendo de onde ele estivesse, teria dado tempo de ele chegar aqui.

Mas não era ele, e sim Philipe.

-O que aconteceu? Por que você correu?

Dan estava logo atrás e veio me abraçar.

-Era você. – disse olhando para Philipe, analisando seu casaco de moletom escuro. – Me seguindo, era você.

-Não estava seguindo você. Estava atrás de você, é verdade, mas só porque você estava em meu caminho. Marquei com Jessica aqui, vamos trabalhar um pouco em algumas de minhas músicas. – disse retirando algumas partituras do bolso.

-*Urgh!* – gemi. Eu devia estar parecendo uma idiota naquele momento, mas eu não pude evitar.

Jessica precisou me trazer um copo d'água a pedido de Philipe e depois de ter me acalmado, Dan se levantou, levando-me com ele

-Vamos para casa. Está tudo bem agora. – Dan segurou uma de minhas mãos e me levou até seu carro do outro lado da rua.

-O que aconteceu? – ele finalmente indagou, tirando os olhos do filme que passava na TV e se focando em mim.

Quando me trouxe de volta para casa, não quis me deixar sozinha, pelo menos não imediatamente, então entrou comigo e esperou enquanto eu preparava pipoca para comermos enquanto assistíamos a um filme.

-Eu estava andando, precisava pensar e não percebi anoitecer. Estava voltando para casa e percebi que alguém estava fazendo o mesmo caminho que eu, então me apavorei.

-Sentir medo é compreensivelmente normal, sentir medo em excesso não.

-Eu sei, eu só não consegui pensar.

-Está tudo bem agora.

Deitei minha cabeça em seu peito por alguns segundos e quando voltei meus olhos para os seus, e eu não pude negar que meu coração estava batendo mais forte somente com esse simples contato.

-O que há de errado? – ele perguntou, quando percebeu que meu olhar havia mudado.

Pensei antes de dizer, tentando inventar alguma mentira, mas quando meus olhos cruzaram com os seus tão intensos e brilhantes, as palavras cautelosas, simplesmente saltaram de minha boca, representando exatamente o que eu pensava naquele momento.

Estava na hora de resolver isso também.

-Você me beijou noite passada – disse baixinho – e hoje é como se nada tivesse acontecido.

Ele desviou seu olhar do meu por apenas um segundo, fechando os olhos e os abrindo novamente, porém havia algo a mais ali.

-Me desculpe... – ele disse depois de um silêncio que poderia ter durado um ou dois minutos, mas que me pareceram uma eternidade. E era isso, depois de ter me beijado inesperadamente, e eu ter ficado pensando nisso desde que acontecera, não havia significado nada para ele e ele estava me pedindo desculpas... Desculpas por me beijar.

-Eu só... – ele recomeçou, enquanto eu comecei a balançar a cabeça de um

lado para o outro e ele me segurou firme pelos ombros quando me percebeu querendo fugir – Não é o que você está imaginando. – ele soltou o ar de uma vez antes de resmungar algo como “Merda, isso deveria ser mais fácil”. – Mel, eu só escondi isso por tanto tempo que, quando nós nos beijamos, eu pensei que seria melhor fingir que nada havia acontecido. Eu só não queria perder você, a sua amizade, o seu carinho... – acariciou uma de minhas bochechas levemente.

-O que você escondeu por tanto tempo? – indaguei debilmente, afinal, eu já sabia o que.

-Que eu sou... apaixonado por você. – sussurrou.

-Por que você nunca me contou?

-Porque eu nunca quis estragar o que nós tínhamos, a nossa amizade, e sabia que não seria correspondido. Você sempre evitou qualquer tipo de relacionamento amoroso e você sempre me viu somente como um amigo, de qualquer forma.

-Sim. Até ontem, se me dissessem qualquer coisa envolvendo eu, você e a palavra relacionamento, para designar algo que não fosse amizade, eu riria e diria que a pessoa estava vendo coisa onde não tem, como já fiz antes, mas...

-Mas...?

-Mas alguma coisa mudou noite passada, dentro de mim. – me aproximei dele – Eu não consegui parar de pensar em você, em você me beijando e em como eu me senti tão bem.

A próxima coisa que senti foi seu corpo se chocando contra o meu, uma de suas mãos me mantendo firmemente presa a ele, enquanto a outra corria pelas minhas costas até chegar o meu pescoço, ao qual ele pegou antes de me beijar.

Ao contrário de noite passada, esse beijo não era nada calmo, ele era urgente, necessitado. Logo sua língua logo estava em contato com a minha, fazendo seu caminho por toda a minha boca, me fazendo suspirar alto e apertar minhas mãos em seu peito.

Seus lábios migraram dos meus para o meu pescoço, passando pelo meu queixo e de volta para a minha boca, terminando o beijo com leves selinhos, porém ainda com suas mãos em mim.

-Você não sabe quanto tempo eu esperei por isso. – disse baixinho perto do meu rosto, seu hálito quente e o cheiro ainda forte de vinho me fez querer beijá-lo novamente, e foi o que fiz, puxando seu rosto para o meu com uma mão, enquanto a outra se serpenteava por sua nuca e a raiz de seus

cabelos, fazendo um carinho suave ali.

Nossa noite terminou com nós dois no sofá, fazendo nada mais que nos beijando, nos tocando por cima da roupa, nos conhecendo como algo além de apenas amigos.

***Well I had my ways, they were all in vain, but she waited patiently.
It was all the same, all my pride and shame, and she put me on my feet.
They call her love, love, love, love, love.
She is Love, Parachute***

8. O segredo

Terça-feira, 20 de julho de 2004.

Eu tinha um segredo. Raissa tinha um segredo.

*O meu segredo era o segredo dela, o segredo dela era o meu segredo e eu
manteria isso até o fim.*

Afinal, ela era a minha melhor amiga, e devemos lealdade aos amigos, certo?

Mas e se contar, fosse ajuda-la? O que eu devo fazer?

EU JÁ HAVIA DORMIDO COM um homem ao meu lado, mas eu nunca havia acordado ao lado de um homem ao qual eu não fosse apenas uma amiga.

Me primeiro instinto fora me afastar do corpo colado ao meu.

-Hey, sou eu.

O sussurro rouco em meu ouvido fez todo o meu corpo relaxar e me deixei levar por sua mão esquerda em meu abdômen, puxando-me de volta para seu peito.

-Desculpe.

Ele suspirou e depositou um beijo e minha nuca, que me arrepiou dos pés à cabeça.

-Você sempre acorda tão cedo? – indaguei após verificar as horas no relógio que ficava em cima da minha mesa de cabeceira, ainda não me virando de frente para ele.

-Nem sempre, mas gosto de observar você dormir.

-Mas você só me viu dormir duas vezes.

-Sem contar as diversas vezes em que fui até o seu quarto durante a noite, sim.

-Quando você fez isso?

-Sempre que ia dormir na sua casa, sua mãe me pedia para acordá-la e eu ficava alguns minutos observando você.

-Por quê?

-Gosto de ouvir sua respiração e você sempre parece estar em alerta, preocupada com alguma coisa e quando dorme, isso desaparece, você fica leve, tranquila.

Após alguns minutos de silêncio, tirei sua mão de minha barriga e me levantei, indo ao banheiro, onde escovei os dentes e arrumei meus cabelos.

Havíamos dormido com a mesma roupa do dia anterior, e eu estava precisado de um bom banho, mas podia deixar isso para mais tarde.

Quando voltei para o quarto, Dan estava sentado na cama, com o celular em mãos, discando um número – ou uma mensagem, como constatei quando ele voltou a colocar o celular na mesa de cabeceira do seu lado da cama.

-Agora sim... – me aproximei dele, sentando-me ao seu lado e o beijei. Era para ser só um leve encostar de lábios, mas quando Daniel pegou em meu pescoço pela nuca, minha boca se entreabriu e sua língua me invadiu. Minhas mãos voaram para seu peito coberto pela camisa e eu arranhei minhas unhas ali, agarrando-o em punhos fechados.

Estava sem ar quando sua boca deixou a minha, mas eu não queria parar nunca. Ainda não estava acostumada com a necessidade de provar mais do seu beijo.

-Bom dia. – ele disse sorrindo ternamente, acariciando uma de minhas bochechas que, aposto, deveriam estar um pouco mais vermelhas que o normal.

-Bom dia. – respondi, devolvendo o mesmo sorriso.

-Achei que fosse fugir, como eu fiz, ou ainda fingir que não estava sentindo a mesma coisa.

-Acho que eu já fugi de coisas demais. – balancei a cabeça levemente, tentando não trazer certos pensamentos para a minha mente naquele momento – Eu não sei o que estou sentindo por você exatamente, mas eu gosto. Muito. – ele sorriu – Mas eu... Sou um cristal quebrado, alguns pedaços se perderam e o que restou ainda não está totalmente reconstruído e...

-Shiiiiiu. – me interrompeu, seu dedo indicador em sinal de silêncio em cima de meus lábios. – Eu nunca liguei para isso, por que ligaria agora? Pode ser cedo para você e eu respeitarei o seu tempo, mas eu esperei tanto tempo para dizer... Eu amo você. Sempre amei e não importa o que você me diga, eu não irei desistir de você agora que você sabe sobre o que eu sinto. Novamente, ele me puxou para a sua boca, distribuindo beijos por todo o meu rosto, me dando um abraço apertado e eu senti meu coração se aquecer com suas palavras.

Mais tarde, naquele dia, Dan e eu resolvemos chamar alguns de nossos amigos e pedir pizza, mesmo sendo terça-feira.

Os garotos trariam algumas cervejas e outras bebidas, enquanto as garotas ficariam responsáveis pela comida adicional, já que só pizza seria pouco para alimentar todo mundo.

Estávamos no início do verão, e das férias na universidade também, e confesso que estava precisando de algumas semanas livre das aulas.

Levantei-me do sofá, onde deixei um Dan sonolento e fui até o meu banheiro, querendo tomar um bom banho frio.

Peguei um removedor de maquiagem no armário e com um algodão comecei a tirar todos os resquícios da maquiagem do dia anterior de meu rosto.

Logo após isso feito, entrei no chuveiro e tomei um banho gelado, que me deixou revigorada.

Coloquei um roupão e comecei a pentear os cabelos embaraçados, quando alguém bateu na porta.

-Entre! – gritei, achando que talvez fosse Daniel querendo avisar que alguém havia chegado, apertando o nó do cinto do roupão.

Jessica entrou no banheiro e me olhando, sentou-se na banqueta que eu mantinha em frente ao espelho, me chamando para ir até ela.

-O que foi aquilo ontem à noite? – murmurou.

-Nada demais.

-Qual é Mel, sei que não somos tão próximas quanto você é com Raissa, Sylvia e Natalie, mas eu conheço você muito bem e sei que alguma coisa estava acontecendo... Eu achei que o Dan fosse apaixonado por você, mas vi o olhar dele e é bem mais que isso, já o Philipe, é como se ele gostasse de você, mas houvesse algo mais ali...

-Você é bem... observadora. – disse espantada.

-Oh, Mel. Vi como eles agiram com você ontem, todo o cuidado...

Suspirei.

-Você sabe que pode confiar em mim, não é?

Pensei e respirei fundo por alguns minutos, olhando para o chão, antes de voltar a falar.

-Dan e eu nos beijamos, ele disse que é apaixonado por mim desde a época da St. Claire, e nós meio que estamos juntos. – ela sorriu.

-E quanto ao Philipe?

-Ah, essa é uma longa história...

-Acho que tenho tempo, não estou fazendo nada agora... – disse sugestivamente.

Hesitei e pensei mil vezes antes de abri a boca, para fechá-la logo em seguida, o que aconteceu muitas vezes até que eu saí do banheiro, indo até o quarto e colocando uma roupa qualquer. Ao retornar ao banheiro, Jess estava lá, do mesmo jeito que estava quando a deixei e novamente eu suspirei.

-Eu vou te contar, mas o que eu disser aqui, fica aqui!

-Uhummm... – murmurou.

Sentei-me ao seu lado no banco, preparando o meu psicológico para a revelação. Estava na hora de mais alguém saber sobre o que aconteceu quase seis anos atrás...

-Vocês tiveram um relacionamento?

-Não! – quase gritei – Não, nunca!

-Então... O que?

-Ele guarda um segredo meu... – eu falava baixo e ela chegou mais perto para ouvir. – Estávamos de férias na casa dos pais de Philipe, era fim de ano, estava todo mundo preocupado com os assados e bebidas, enquanto eu, Philipe e o irmão mais novo Victor, que naquela época devia ter uns seis sete anos, ficávamos andando por aí, conversando ou simplesmente perto um do outro, só para não ter nada do que fazer... Eu e Philipe, éramos como unha e carne, ele era o melhor amigo do meu irmão, por consequência meu amigo também, apesar de me perturbar muito quando eu era pequena.

“Ao lado da casa dos meus tios, há um lago. E mesmo não sendo comum, ele costuma ficar congelado perto do Natal. Naquela noite, depois de ter terminado minha tarefa, fui patinar sozinha porque Phil e Marcus não haviam terminado suas tarefas.”

“Eu não o vi se aproximar, ele me imobilizou por trás e me impediu de gritar cobrindo minha boca e tudo depois disso... – fechei os olhos – eu prefiro não lembrar.”

-Oh, Mel. Eu sinto muito, eu não podia imaginar. – seu semblante mostrava a dor de ter entendido o que havia acontecido comigo, o porquê de todo o medo, as consultas com uma psicóloga, a relação distante e desconfiada que eu mantinha com as pessoas. Eu nem precisei dizer a palavra.

Eu não havia dito isso, dessa forma, nem mesmo para a minha médica, mesmo que – provavelmente – ela já desconfiasse de tudo.

Ela me pegou num abraço, e foi só quando senti suas lágrimas em meu ombro, foi que percebi que eu também chorava.

-Eu sinto muito. – ela murmurava continuamente. – Eu não devia ter perguntado nada, eu sinto muito.

-Não. Se existe uma pessoa que eu poderia contar, essa seria você, eu sempre soube disso, não que eu não confie em minhas amigas, eu só... Não sei se teria coragem de falar sobre isso com elas. Isso não é uma coisa legal de se contar assim, mas se essa for a maneira mais fácil de super tudo, acho que eu sou capaz de gritar bem alto pra todo mundo ouvir. – ou não!

-Deus, por que nossas vidas não podiam ser mais fáceis? – eu não sabia muito sobre a vida de Jess depois que ela saiu do St. Claire, mas sabia que também havia algo ali.

-Às vezes eu fico pensando, se eu não tivesse ido ao lago sozinha...

-Ei, para com isso. O que aconteceu com você não foi sua culpa! Você não teve culpa de um ser desgraçado ter achado que você deveria ser sua nova presa. – disse ultrajada. – O-O que aconteceu com... Ele? – murmurou um tom mais baixo.

-Até minhas últimas férias eu não sabia nada sobre dele, mas Philipe me disse que está morto. Uma garota o denunciou e ele foi preso. Pelo que entendi, se suicidou depois de um tempo.

-Então você o conhecia?

-Sim. O pai de Marie.

-Oh. – sua mão em sua boca e cara de espanto denunciava sua surpresa.

-Você nunca contou isso pra ninguém?

-Não. Marcus e Philipe sabem, eles me encontraram depois... Eu pedi que eles não contassem a ninguém, e têm sido assim por cinco anos. Nem o Dan sabe disso.

-Mel... – disse uma voz, logo a porta se abriu.

Minha respiração acelerou e meus olhos se encheram de lágrimas que não caíram, ao ver Raissa, Sylv e Natalie ali.

Elas simplesmente me abraçaram e permaneceram ali, em silêncio, por incontáveis minutos.

A reação delas fora bem diferente do que tinha imaginado, de um jeito bom, mas nós não falamos sobre o que elas ouviram.

Depois de secar as lágrimas, fomos para a sala, onde Tessa e Aiden estavam nos esperando e as garotas quiseram me animar falando sobre o que estava rolando entre Dan e eu.

Não tinha muito a ser contado, ainda era muito recente, mas elas já perguntavam se ele beijava bem, se tinha pegada e se era quente na cama. O leve rubor em minhas bochechas – e nas de Dan, que estava ouvindo toda a nossa conversa sobre ele – denunciou que nada havia acontecido, visto que estávamos juntos a menos de dois dias, o que Natalie achou um absurdo.

Antes que ela começasse a dar dicas de como criar ‘o clima perfeito’ para a sua primeira vez com o namorado, – que no meu caso, nem namorado era – o que eu não duvidava, já que ela havia feito isso com Raissa uns anos atrás, arrastei-a para a cozinha, fazendo com que ela me ajudasse a preparar a sobremesa, um simples mousse de chocolate.

Meu coração estava mais leve do que eu jamais pensei que estaria depois de contar sobre meu passado a alguém.

Eu sabia qual era o próximo passo, mas não estava ansiosa para que a hora chegasse.

*-I got the eye of the tiger a fighter, dancing through the fire, 'cause I am a champion and you're gonna hear me roar. Louder, louder... **

Eu assistia a um dos ensaios da *Rockless* para o *Soul*, enquanto esperava Dan voltar do hospital.

Queria ter ido com ele, já que não via Valentine há alguns dias, mas ele me impediu, dizendo que ela gostaria de conversar em particular com ele. Ela faria mais um exame importante hoje, e por isso havia sido internada há duas noites.

Estranhei o fato de Philipe não estar ensaiando com o resto da banda e quando indaguei Jessica sobre isso, ela me respondeu que ele havia ligado algumas horas antes, avisando que estava resolvendo um problema grande e que não conseguiria chegar a tempo para o ensaio dessa noite, mas eu não o via desde a noite anterior, quando ele saiu de repente e eu já estava ficando preocupada.

Ele estava estranho agora que eu estava saindo com Daniel, como algo mais que apenas amigo. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas toda vez que ele me olhava, sentia que ele estava tentando dizer algo para mim.

-O que aconteceu? – Jessica perguntou assim que os caras pediram uma pausa, e ela me viu com meu celular na mão mais uma vez, enquanto tentava ligar para Philipe ou Marie.

-Nada, eu acho... – suspirei fundo – Philipe, ele e Marie não dão as caras desde ontem à noite. Se eles não aparecerem logo, meus irão notar.

-Ele me ligou hoje de manhã perguntando o horário do ensaio, e ligou pouco antes de você chegar dizendo que não poderia estar presente, como eu disse a você.

-Ele não disse mais nada?

-Só que ia resolver um assunto importante...

-Eu vou tentar ligar pra ele novamente. – eu disse.

-Não, deixa que eu ligo. Você ligou, ele não atendeu, pode não querer falar com você.

Ela pegou seu celular no bolso da calça jeans, discou um numero e colocou no viva voz.

-Alô? – disse a voz grossa do Philipe.

-Onde você está? Estão preocupados com você.

-Resolvendo uns problemas, você ligou numa hora errada.

-Melissa está te ligando há horas...

-Ela está aí com você? – disse baixando o tom.

-Sim, está e está ouvindo você.

-Eu... Só queria dizer que o seu amiguinho está metido em encrenca.

-Que amigo, Philipe? Onde você está, você pode não dever satisfações para mim, mas para meus pais sim. Marie está com você?

-É exatamente isso que eu estou resolvendo! Seu amigo, Kevin, está metido com gente barra pesada, mas eu acho que o seu namorado já sabia disso, ele não te contou não é? – Dan? Do que ele está falando? – O problema é que Marie conheceu seu amiguinho na UCLA e ficou encantada, mas ela é uma menina ingênua, não sabe se cuidar sozinha e está fazendo besteira.

-O que aconteceu com ela? – dessa vez, foi Jess quem perguntou.

-Tem muita gente ouvindo aqui, não é uma boa hora para falar sobre isso. Eu estou bem, mas eu não volto para casa hoje, preciso resolver isso logo, antes que termine mal. Avise para os seus pais que eu estou bem e que se

eu precisar de alguma coisa eu ligo. Eu preciso ir! – e desligou.

Eu não conseguia entender o que estava acontecendo!

Marie estava encrencada? O que diabos o Kevin havia feito? Onde o Philippe estava e fazendo o que? O que Dan tinha a ver com tudo isso?

Aparentemente, Jess tinha as mesmas dúvidas que eu, todas sem solução imediata, já que Philippe não mais atendeu nossas chamadas.

Depois de mais ou menos meia hora, a qual eu passei pensando e observando tudo a minha volta sem realmente registrar o que acontecia, Dan apareceu, com um semblante triste, e caminhou até mim e me abraçando.

-Pronta para ir? – me deu um beijo. – Você não está bem, aconteceu alguma coisa? – sua testa se enrugou.

-Sim e não, não sei bem. Mas deixa isso para lá, vamos para casa.

Rapidamente despedi-me de Jess, que me disse para liga-la se algo acontecesse.

Preferi ir para a casa dos meus pais, queria ter notícias de Philippe e Marie, e sabia que a casa branca seria o primeiro lugar para onde iriam. Dan não entendeu muito o porquê, queria até descer do carro e ficar comigo até Marcus chegar, mas eu disse que não precisava, talvez Marcus nem viesse para casa hoje e além do mais, meus pais estavam em casa.

Peguei um travesseiro e edredom no armário em um dos quartos de hóspedes vagos, indo para sala, deitando no sofá.

Liguei a TV em um filme qualquer e fiquei lá, até adormecer...

Na manhã seguinte, acordei com o barulho da porta, meus pais estavam na cozinha e eu podia sentir o cheiro de café fresco.

-Eu quero voltar... – disse uma voz meio grogue.

-Fica quieta. – disse a voz irritada de Philippe.

-Você não manda em mim, você não é mais meu namorado e eu não devo nada a você! – agora eu sabia que era Marie.

Levando a mão para o ninho que havia se formado em meu cabelo, tentando ajeitar, levantei do sofá e quando olhei na direção da porta, dei

dois passos para trás, realmente assustada.

-Meu Deus, o que aconteceu com você?

Depois disso, ouvi a porta se fechando, com Connor e Dan entrando por ela, um barulho de prato se quebrando vindo da cozinha e tudo o que eu pensava era em qual momento eles iriam explicar o que estava acontecendo!

Minha mãe saiu do quarto após ter concluído a tarefa de colocar uma camisola leve e macia em Marie, dizendo que voltava com um copo d'água e medicamentos para dor, me deixando sozinha com ela lá. Suspirei alto antes de olhar mais uma vez para ela, que agora dormia.

Eu queria entender o que é que ela tinha feito... Por que ela estava... daquele jeito.

Primeiro, eu iria descobrir onde ela estava e o que estava fazendo, e depois, quando ela acordasse e dissesse palavras coerentes eu iria indaga-la sobre o porquê de tudo isso.

Nora trouxe o remédio e deixou-o na mesinha de cabeceira e saiu, dizendo que me esperava na sala.

Marie suava, então, retirei as cobertas quentes que havíamos tido de colocar, já que ela tremia como se estivesse nua enquanto nevava e abri um pouco da janela, para então, abandonar o quarto, rumando em direção à sala, onde todos, inclusive meus pais estavam sentados.

-Acho que agora vocês dois nos devem uma explicação! – se pronunciou minha mãe.

-Sim, senhora e vamos dar. Sente-se Mel. – disse Dan.

Seu olhar me dizia para sentar próximo a ele, mas ele saberia como me distrair, e eu não conseguia parar de pensar nas palavras de Philipe ao telefone e estava mais que curiosa para descobrir o quê de tão grave Dan sabia sobre Kevin e o que Marie tinha haver com isso!

Nada havia mudado em minha relação com Marie desde que ela havia vindo morar na casa de meus pais. Ela continuava sendo filha *dele* e me trazendo memórias ruins.

Mas agora, vendo-a nesse estado...

-Onde você e Marie estavam, Philipe? – minha mãe indagou.

-Não estávamos juntos, se é o que você está pensando. Não estamos mais juntos! – disse, olhando para mim ao pronunciar a ultima frase.

-E onde diabos vocês se meteram, o que aconteceu com a menina? – disse meu pai, já começando a ficar irritado.

Diabos, ele só pronunciava isso quando estava irritado o suficiente para esquecer-se de que não morava mais no interior...

-Eu não sei onde ela estava ontem, ela não consegue dizer uma palavra coerente, vocês puderam perceber...

Sim, ela havia dado um show!

Depois que eu havia ficado paralisada por ver a aparência suja de Marie, e eu não digo só sujeira física, mas também o fato de seu rosto, braços e pernas – totalmente expostas – com machucados, grandes ferimentos mesmo, e que ainda sangravam, ela começou a se debater nos braços de Philipe e Dan, a gritar e chorar.

Sua roupa, um vestido simples, estava rasgada quase que por inteiro, o que fez meu coração perder uma batida. Tinha certeza de que seus seios estariam aparecendo se ela não estivesse vestindo o casaco de Philipe.

Mamãe e eu subimos com ela, após termos conseguido – com muito custo – acalmá-la.

Cuidamos dela, demos banho, cuidamos dos ferimentos e ela logo dormiu antes mesmo que tivéssemos terminado de arrumá-la.

-Eu a encontrei numa área mais afastada daqui, havia outras garotas lá também, mas de longe, Marie era a pior. – fez uma pausa – Eu não sabia o que fazer. Eu não conhecia muito bem a região, eu ainda nem sei como foi que eu cheguei lá... Tentei falar com Marcus, mas só dava caixa postal, então eu liguei para o Dan e ele me explicou como sair dali e voltar para casa. Só depois consegui falar com Marcus, ele ligou para a polícia cuidar das outras garotas e deve estar chegando a qualquer momento.

-Qual é o estado dela? – meu pai perguntou.

-Ela claramente ingeriu bebida alcoólica e usou drogas, cocaína ou algo mais forte, com certeza... – disse Dan.

-O que é que vocês dois estão escondendo? – disse minha mãe.

-Foi o Kevin, não foi? Você me disse isso ontem... – eu olhei para Philipe.

-Sim, Kevin se envolveu com as pessoas erradas, ele tem dividas e precisa pagar por elas, seu “trabalho” é trazer pessoas para a coisa toda, as mulheres são mais vulneráveis. – disse Dan, olhando para mim.

-Por que nunca me disse isso, você tinha que ter me avisado, você era meu melhor amigo e você sabia sobre o beijo!

-Ele não é um viciado, já foi, há dois anos. Na verdade, aconteceu umas quatro vezes, eu descobri e o impedi de continuar. O problema é que ele perdeu uma grande quantidade de cocaína e precisava pagar por isso, ou então, sua família e os amigos mais próximos iriam sofrer as consequências. Quase estupraram sua ex-namorada há alguns meses, por isso ele voltou a esse mundo.

-Vocês falaram com ele?

-Sim, ele é um dos meus melhores amigos... De qualquer forma, ele veio até mim, contou sobre a situação e disse o que iria fazer. Eu só não imaginei que ele fosse conhecer Marie e enviá-la para esse mundo.

-Mas essa garota é uma máquina de atrair problemas.

Naquele momento, Marcus entrou em casa, com Jéssica e Kevin.

-Vai, desembucha. – disse Marcus, dando um tapa na cabeça de Kevin, o fazendo dar um passo para frente devido a força. – Diga o que me disse.

-Eu não sabia de nada, eu não sabia que ela era da sua família, – disse olhando para mim – eu sequer imaginei que ela fosse aceitar alguma coisa. – começou, agora olhando para Philipe. Virando-se para meus pais, ele continuou – Ela não era o tipo de garota que aceita qualquer coisa... Ela estava comigo, fomos a uma festa, não a levei para que usasse nenhuma merda dessas... Ela parecia uma boa moça e eu gostei dela. Eu deixei-a sozinha por um só minuto e quando voltei, ela não estava mais lá. Eu juro que estou dizendo a verdade.

Todos nós estávamos ignorando o fato de que ele não havia dito como tinha a conhecido, deixemos os fatos menos importantes para depois.

-O que aconteceu depois?

-Eu só sei o que as pessoas que estavam por lá me contaram. Apareceu um

cara, ela o conhecia, ele lhe deu um comprimido, ela tomou com um copo de vodka pura, os dois saíram juntos num carro prata e isso é tudo o que eu sei.

-Você fez sexo com ela? – indagou Philipe, tentando controlar a sua voz, ele estava puto.

-Sim.

-Você a forçou?

-Claro que não! Já disse que ela estava comigo, era uma garota legal e eu nunca forçaria nenhuma garota a fazer algo.

-Você foi bruto com ela?

-Por que está fazendo essas perguntas?

-Você acha que... – eu não pude continuar. Philipe apenas confirmou com a cabeça.

Era uma hipótese, apenas uma suspeita, mas que poderia ter fundamento, devido aos ferimentos por todo o corpo.

-Precisamos contatar a policia, achei que não precisaríamos chegar a essa ponto, mas será absolutamente necessário. – disse Marcus, olhando em minha direção.

-Preciso ligar para a mãe dela, avisar sobre o que está acontecendo e pedir que venha para cá, imediatamente. Deus, como eu pude ser tão descuidada e irresponsável com Marie... – disse minha mãe, que ganhou um abraço e algumas palavras de consolo de meu pai.

-Se isso realmente aconteceu, eu juro que mato o filho da puta com minhas próprias mãos! – disse Philipe.

-Sim, e então estará na cadeia. – disse Marcus irônico, já com o telefone celular no ouvido.

-Acho que vou ver como ela está, será bom ter alguém ao seu lado quando ela acordar. – disse Jessica, saindo do estado de torpor ao qual ela estava estagnada desde que as primeiras palavras saíram da boca de Kevin. – Você vem Melissa? – indagou.

-Claro. Vamos conversar depois, Daniel. – ele me olhou com aquela cara, que só ele tinha, como se pedisse desculpas. Fui até ele e deposei um beijo em seus lábios, mas não era só porque eu havia feito isso que não iríamos ter uma conversa séria depois...

***Just close your eyes. The sun is going down.
You'll be alright. No one can hurt you now.
Come morning light. You and I'll be safe and sound.
Safe and Sound, Taylor Swift***

*Trecho de *Roar*, Katy Perry

9. Verdades

Domingo, 19 de agosto de 2007.

Segredos nunca duram muito. Uma hora ou outra, ele é descoberto por alguém.

Tenha certeza de que os seus segredos não irão ferir ninguém, porque nesses casos, é sempre melhor contar toda a verdade no início, antes que vire uma bola de neve.

-ELA ESTÁ TÃO MACHUCADA... – disse Jessica, passando a mão no cabelo que havia grudado no rosto dela, por conta das gotículas de suor que escapavam de sua pele.

Marie continuava dormindo quando Jessica e eu entramos no quarto onde ela estava.

Eu não sabia se ela realmente havia sido... Eu não queria nem dizer a palavra...

Mas, independente disso, eu quase conseguia me enxergar no lugar dela, só que bem menor, com menos consciência dos fatos reais, e talvez um pouco mais frágil.

-Eu sei o que você está pensando. – Jessica disse, interrompendo os meus pensamentos.

-Hã?

-Eu conversei com ele, hoje, mais cedo, quando ele ligou para Marcus para avisar sobre a Marie...

-Espera, você estava com o meu irmão? Como...

-Não muda de assunto, podemos conversar sobre isso depois! – ela suspirou – Mel, você não sabe o quanto ele gosta de você, ele me mandou a letra de uma música que ele escreveu pra você, e ela é... simplesmente perfeita!

-Jess, eu adoro o Philipe, mas... Ele é só meu amigo. – eu disse baixo, para que Marie não acordasse. – Eu acho que ele deve estar confuso por ter terminado com Marie, só.

-Está realmente dando certo entre você e Dan, não é?

-Sim. Ele é... Perfeito pra mim. Ele me entende, sabe exatamente como eu me sinto, é companheiro, acima de tudo ele é meu amigo, é extremamente

amoroso comigo, e, Deus, beija bem como o inferno! – disse sorrindo.

-Sei como se sente. Mel, eu não vou negar, todo mundo já percebeu, Marcus e eu estamos juntos. Foi uma decisão difícil pra mim, era ou lutar contra o que eu estava sentindo e continuar vivendo o que eu achava que era a minha vida ou me arriscar num relacionamento onde eu não conhecia nada. Eu tive uma conversa com ele, disse tudo o que eu estava sentindo, disse que nunca havia estado numa relação assim e nunca havia sentido antes o que estava sentindo por ele. Conteí todos os meus medos em relação ao que iria acontecer entre nós dois, com a diferença de idade, sobre os meus pais, os pais dele...

-Então você decidiu dar uma chance a ele?

-Sim.

-Meu irmão mudou muito. Depois do que aconteceu comigo, acho que ele parou de pensar só em si mesmo e mudou de rebelde sem causa para um homem com caráter e leal.

-Sim, e eu pude enxergar isso depois de uma boa conversa, já que, venhamos e convenhamos, seu irmão é uma figura sem igual, a cada frase é uma piadinha. – disse rindo.

-Você não viu nada, acredite. E quanto ao Dan, foi ele quem não me contou sobre Kevin, ele era meu melhor amigo, ainda é, e sabia sobre Marcus ter ido pelo mesmo caminho quando adolescente, e poderia ter me avisado sobre isso.

-Eu tenho certeza de que tudo poderá ser esclarecido, digo, entre Dan e você, com uma boa conversa. Eu tenho certeza de que ele ainda não sabe sobre Philipe, certo? – assenti. – Mas sabe sobre o seu estupro? – balancei a cabeça, negando. – E você está com raiva porque ele não contou sobre Kevin pra você? – assenti novamente. – Se você for analisar bem, você esconder sobre seu passado é pior do que ele esconder sobre o Kevin. Olha, o segredo não era dele, ele não tinha que contar isso pra ninguém, mesmo você sendo sua namorada. Você pode pedir mais informações com o Dan, mas eu acho que o Kevin estava mais perdido com as contas do que com o uso de drogas em si, eu tenho certeza de que se ele representasse um risco a nossa “sanidade” de alguma forma, Dan diria tudo a você. Eu acho que vocês dois tem que sentar e conversar, vocês precisam disso. Quanto ao Phil, ele já deve ter percebido quão envolvida com Daniel você está e eu não acho que ele será um problema.

-Eu sei disso, eu vou conversar com Dan, eu só fiquei meio magoada com ele por não ter me dito nada. E se fosse eu ali, ao invés de Marie?

Naquele momento, Marie balbuciou algumas palavras... Algo como: “*Não, eu não quero! Me larga!*”, lento e baixo. Coloquei a mão em sua testa, não estava quente, ele não estava com febre, então poderia ser uma alucinação.

Jessica me olhou e fomos juntas para a sala, onde Daniel e Marcus estavam num canto, Philippe conversava com um homem alto de cabelos escuros e minha mãe ao telefone.

Fui até Dan e Jessica veio comigo até Marcus, eles disseram que o homem era da polícia, amigo de Marcus e que iria nos ajudar. Ele estava tomando o depoimento de Philippe há alguns minutos, minha mãe falava com a mãe de Marie, que, aparentemente, estava desesperada, enquanto meu pai foi levar Kevin até a sua casa, para que ele pudesse ao menos tomar um banho e trocar a roupa da noite passada antes de ter que dar seu depoimento, não que ele precisasse estar cheiroso ou algo do tipo, mas meus pais insistiram, para que ele se sentisse melhor.

Dan se sentou numa das poltronas, me puxando para o seu colo.

-Você está brava comigo? – sussurrou em meu ouvido, roubando um selinho em seguida.

-Não estou brava, só não entendo porque foi que você nunca me disse nada!

-Não é sobre a minha vida que estamos falando Mel, eu não tinha esse direito! – disse quase desesperado que eu entendesse que ele devia lealdade ao seu amigo.

-Eu sei, eu sei, desculpe. Temos que conversar, mas não aqui e não agora. Mas eu não estou brava com você! – disse lhe beijando, *realmente!*

Seus lábios nos meus, suas mãos segurando minha cintura, minhas mãos em seu cabelo, era indescritível a sensação de estar em seus braços. Eu só me sentia... Em casa, como sempre me senti, desde que éramos crianças, com um adicional de que agora ele não era somente meu amigo.

-Hum, hum... – Marcus pigarreou, porém eu continuei o beijando. Ele sorriu em meus lábios e migrou sua mão para dentro da minha blusa, se infiltrando em minha camiseta, fazendo um carinho suave em minhas costas, perto do sutiã. Aquilo era permitido entre nós dois, claro que não com meu irmão ao lado, mas eu sabia que era só uma provocação... – Ei, dá pra parar com isso, vê se larga a minha irmã. Que isso, fica passando a mão

por dentro da camiseta, isso não é permitido!

-Ops, cara, não sabia que você estava aqui ainda. – disse Dan, sorrindo, enquanto eu tentava controlar uma gargalhada. A cara irritada do Marcus estava muito engraçada!

Infelizmente, ou não, a voz ativa de Marcus chamou a atenção de Philipe, que havia acabado de dar o seu depoimento informal, apenas para ter um ponto inicial nas investigações, e ele saiu da casa, enquanto o policial, Michael, vinha até nós...

-Obrigado por vir tão rápido. – disse Marcus, cumprimentando o policial.

-De nada. Como estão as coisas na Londres? Como está a Maggie? Você cuidou bem dela não foi, ela parecia bem feliz nas cartas e e-mails, até mesmo nos telefonemas, e ela sempre falava de você.

-É claro que eu cuidei dela, Mike, você tem uma filha de ouro. – disse Marcus, sorrindo.

Acho que Jessica não gostou muito dessa conversa, já que, apesar de não ter se desgrudado dele, seu semblante não era mais o mesmo. Afinal, quem era Maggie que até eu já estava intrigada?

-Eu sei que tenho. Bom, não viemos falar de minha filha, tomei um primeiro depoimento do rapazinho que trouxe a garota para casa, depois quero falar com o mocinho que saiu com seu pai e, claro, com a garota quando acordar. Já chamei a perícia e eles irão tentar coletar algumas provas, se a moça colaborar. Então, se for comprovado que ela sofreu qualquer tipo de agressão, seja somente física ou sexual, tomaremos algumas precauções em relação a ela e à família, então poderemos indiciar o tal de Spence.

-Certo, ela só deve acordar pela manhã, mas com certeza Kevin deve estar voltando com meu pai. – eu disse.

Kevin logo chegou acompanhado de meu pai, e como não era um interrogatório propriamente dito, além de estar acompanhado de Marcus, que seria seu advogado caso ele precisasse de uma defesa, todos nós estávamos ouvindo às perguntas do policial, detetive ou sei lá mais o que. Ele fez perguntas bem específicas: lugares, horários, pessoas que estavam na festa, roupas...

Logo após uma infinidade de perguntas, o policial foi embora pedindo que fosse informado quando Marie acordasse.

Kevin perguntou se ela seria interrogada por ele e o policial disse que enviariam uma policial, já que com a suspeita de estupro, Marie talvez se sentisse mais confortável com uma mulher.

Mamãe nos informou que a mãe dela estava vindo, e nossos tios também, o que significava casa cheia demais.

Dan e Kevin não quiseram ir embora. Dan por que queria ficar comigo e Kevin porque queria ficar até falar com Marie.

Philippe estava irritado, pois não acreditava plenamente na versão de Kevin da história e não sossegaria até ouvir isso da boca dela.

Daniel ficou comigo o tempo todo, tentando me distrair, porém, eu estava pilhada de mais. Aquilo era tão... Familiar... Tão... Igual!

Está certo que não era certeza de que ela havia sido violentada como eu, mas eu sentia aquela sensação de déjà vu... Parecia que as coisas estavam se repetindo e isso me assustava!

Quando ela acordou, sua mãe já estava em seu quarto, conversando com minha mãe.

É obvio que ela estava assustada pelo que havia acontecido, mas sabia muito bem como sua filha era, – impulsiva – e mesmo se tivesse sido mantida a rédeas curtas, poderia ter feito alguma besteira como essa ou até mesmo pior.

Assim que minha mãe saiu do quarto, disse que ela havia acordado e que estava chamando por Kevin. É claro que Philippe não deixaria que ele falasse com ela primeiro e assim que minha mãe disse que ela havia acordado, saiu em disparada em direção ao quarto.

Ele ficou poucos minutos lá, mas saiu de cabeça baixa, dizendo, sem olhar em nossa direção, que ela estava esperando por Kevin.

Ele olhou para minha mãe, como se pedisse permissão, e depois de um aceno de cabeça, ele seguiu para seu quarto.

Marcus se aproximou de Philippe, que estava sentado no canto do sofá, calado.

Ele perguntou se ela estava bem o suficiente para dar um depoimento, mesmo que informal.

Philippe disse que sim, que ela estava um pouco lenta, mas que estava

consciente de tudo.

Ele, então, ligou para o seu amigo na policia, cujo nome eu nem me lembrava mais, informando que Marie estava acordada e que já poderiam mandar alguém para colher seu depoimento.

Eu me mantive afastada o tempo inteiro, com Daniel sempre ao meu lado, depois de ter cansado de ouvir de meus amigos: *Você está bem?* Era óbvio que eu não estava bem, mas me sentia melhor com ele ao meu lado, mesmo que ele ainda não soubesse o quanto aquilo era perturbador para mim.

É claro que eu tinha sacado tudo – sem nem mesmo ter falado com ela –, a policial enviada, assim que tomou seu depoimento no quarto, quis ter uma conversa privada tanto com Philipe, quanto com Kevin. Alexis, a mãe de Marie saindo do quarto da filha com o rosto vermelho e lágrimas caíam de seus olhos quando ela se apoiou na parede para que não fosse ao chão. Era esse tipo de coisa que eu quis evitar naquela época, a atenção e choro de todo mundo, apreensão, tristeza... Já me bastava os meus próprios sentimentos!

Eu não falei com Marie naquele dia. Passei a noite toda acordada, mais uma vez nos braços de Daniel, que mesmo que não tivéssemos nada oficial, ainda assim eu precisava dele comigo.

Nos dois dias que se seguiram, evitei aparecer na casa dos meus pais e Tessa foi uma boa companhia enquanto assistíamos as maratonas de clássicos e de comédias românticas na TV.

No fim de semana, não tive nenhuma desculpa plausível para não visitar Marie, então essa foi a primeira coisa que eu fiz no domingo.

Ela estava deitada na cama com Kevin ao seu lado, sentado numa poltrona, dormindo.

Minha mãe havia me dito que ele se recusou a sair do lado dela durante a noite, já que na hora em que ele iria embora, ela começou a ter febre, fruto de um pesadelo que eu sabia muito bem como era.

-Oi Melissa. – ela disse quando me viu, na porta. Sua atenção, antes, estava totalmente voltada para Kevin e em suas mãos entrelaçadas no colchão.

-Marie, eu...

-Isso não é sua culpa e você sabe disso. Não tente arranjar maneiras de colocar a culpa em cima de você. Você é tão vítima quanto eu. Eu estou bem, ok?! É claro que eu estou sofrendo por causa disso, mas acredito que você tenha sofrido muito mais...

-Você não era... – eu já sabia.

-Não, e a minha primeira vez foi incrível. Mas não é pelo fato de que eu não era mais virgem que dói menos em mim, Mel! Ele não foi bruto comigo, ele não me fez nenhum mal além do estupro... Eu expliquei isso pra polícia. Outros homens fizeram isso, – apontou para uma de suas cicatrizes – mas eu os conheço.

-O que aconteceu antes? Como você conheceu Kevin?

-Na universidade. Ele estava lá em uma das aulas de arte contemporânea, acho que só como ouvinte, e sentou-se bem ao meu lado. Começamos a conversar e sair juntos, eu já tinha terminado tudo com Philipe, mas não aconteceu nada, nem beijo, até aquela noite.

Depois de algum tempo conversando, o sono a venceu e ela acabou adormecendo.

Deixei-a com Kevin, que havia acordado e também conversava conosco, porém, logo depois ele veio atrás de mim.

-Hei, você não está... Chateada por... Você sabe...

-Por estar com ela? Não, porque eu estaria? – perguntei espantando-me com sua pergunta.

-Bem, você sabe... – o beijo, ele queria dizer.

-Você realmente gosta dela?

-Eu realmente gosto dela. – eu sentia isso, de ambas as partes e pude perceber isso durante a minha conversa com Marie.

-Então eu não tenho que dizer nada para você em relação a isso!

Nada mais precisava ser dito, logo ele retornou ao quarto de Marie, enquanto eu fui até a sala, onde encontrei Marcus e Dan conversando baixinho.

Assim que me viram, pararam de conversar, me dando uma dica de que, ou falavam de mim, ou era algo que eu não deveria saber.

Mesmo assim, era bom saber que meu irmão e meu possível futuro namorado se davam bem.

Durante a noite, estávamos somente eu e Marie no quarto, conversando sobre o psicólogo que a policial que havia tomado seu depoimento havia recomendado. Ela perguntou-me se eu estava gostando da minha médica e eu disse que sim, mesmo que só tenha ido a três consultas no último mês e que eu ainda estava muito fechada nas primeiras vezes no consultório.

-Será que eu posso pegar minha irmã emprestada agora? Eu juro que devolvo mais tarde. – disse Marcus, somente com a cabeça para dentro do quarto.

Ele estava me levando em direção à sala, foi quando reparei que ele já havia trocado de roupa e pelos cabelos molhados, havia tomado banho.

-Falei com Jessica... – ele disse quando nos sentamos no sofá, virando-se para mim. – Você foi forte e conseguiu dividir a sua dor com mais alguém além de você mesma. Estou orgulhoso de você! – me abraçou – Mas... Você terá que ser mais forte ainda... – disse quebrando o abraço.

-Humm?

-Não dá mais para esconder isso de todo mundo. Eu vejo o quanto isso faz mal a você.

-O que você quer dizer com isso? – sentei-me, tentando entender o que aquelas palavras significavam.

-Precisamos contar isso para o papai e para a mamãe.

-NÃO! – gritei. – Não, você não pode fazer isso. – disse num tom mais baixo, mas ainda estridente, aflita com a possibilidade de ter revelado algo que guardei por tanto tempo, agora, sem ter me preparado mentalmente.

-Cinco anos. Esse é o tempo que você teve para superar. E como isso não aconteceu, você vai ter que encarar o problema de frente, e contar para os nossos pais é um passo mais que importante nisso. Eu sei que você está fazendo terapia, e é incrível que você tenha decidido procurar um médico, mas foi um erro ter escondido de todo mundo. – ele sentou-se ao meu lado e pegou minha mão na sua – Eu era um fodido naquela época. Achei que esconder, realmente, era a melhor opção, resolvi fazer a sua vontade e só hoje eu percebo quão errado eu estava.

-Ainda dói tanto... – admiti, meu olhar indo para as nossas mãos, lutando contra as teimosas lágrimas que insistiam em cair todas as vezes em que eu sequer pensava sobre aquela noite.

-Eu sei que dói, eu sei. Mas não dá para ficar na sombra dessa dor para sempre.

Eu tinha certeza que estava petrificada no sofá da sala, eu queria dizer que ele estava errado, que ficar em silêncio era o melhor a se fazer, mas fui impedida quando ele voltou a falar.

-As memórias machucam você e você, somente você, tem o poder de curar suas feridas. Você acha que ela está fechada, mas não, ela está aberta. Não sangra mais, mas ainda assim está aberta. Eu tenho certeza de que eu, você, Daniel, nossos pais e sua médica juntos, podemos ajuda-la a se recuperar totalmente.

Ele suspirou e pousou suas mãos em meus ombros, uma de cada lado.

-Me deixa te ajudar, Mel. Eu tenho certeza de que você se sentirá muito melhor depois que livrar seu coração de tudo isso. E lembre-se, você não é a única que guarda segredos e não é a única a sofrer por eles.

Marcus me abraçou e eu chorei em seu ombro, sabendo que em breve, aquela dor não seria mais somente minha.

O que desencadeou tudo isso? A minha viagem à fazenda, Philipe ter encontrado o meu diário e tê-lo devolvido a mim, a combinação de tudo isso? De repente eu tinha que enfrentar o meu passado com todos me dizendo para seguir em frente e eu não tinha ninguém inteiro perto de mim onde eu pudesse me apoiar. Meu melhor amigo tinha seus próprios problemas agora, minhas amigas, meu irmão, todos têm suas próprias vidas para cuidar... Estava na hora de eu me virar sozinha, aprender a cuidar de mim mesma.

Seria difícil, talvez a coisa mais difícil que eu faria, mas faria de tudo para terminar bem.

Meus pais, tios, Philipe e Jennifer – sim, ela – estavam em um dos quartos de hóspedes na parte de baixo da casa, e estava claro que não estavam entendendo o porquê de estarem reunidos.

Eu sabia, mesmo que negasse, que era a hora certa para contar, mas eu não queria ter que expor esse meu lado assim para os meus pais e tios! Eu me virei para Marcus e ele balançou a cabeça uma vez, segurando uma de minhas mãos.

-Melissa, o que está acontecendo? – indagou minha mãe.

-Mel, eu vou estar com você o tempo todo, Philipe e Jennifer também estão

aqui e todos ficarão bem! Não se preocupe. – disse com uma calma que me assustava.

As lágrimas começaram a cair no momento em que me virei, ficando de frente para os meus pais.

Eles me olharam assustados e continuaram assim até que eu me sentei na poltrona perto da porta, ao lado de onde Marcus estava em pé.

-Que merda está acontecendo? Andem logo, parem de enrolação! – exclamou meu pai, num misto de irritação e apreensão.

-Certo! – disse Marcus suspirando. – Primeiro de tudo, mantenham suas mentes abertas e saibam que nenhum de nós sabia direito o que estava fazendo!

-Diga logo! – disse minha mãe, muito apreensiva.

-Eu sei, muito bem, aliás, que vocês devem ter se perguntado o porquê de eu ter decidido, de uma hora para outra que iria fazer faculdade... Eu descobri o segredo de vocês! – Segredo, mas que segredo?

-Eu não acho que essa seja uma boa hora para falar sobre isso! – disse meu pai, sabendo do que Marcus estava falando.

-Que segredo? – eu perguntei.

-Acredite, depois que souberem o que eu tenho pra contar, o segredo de vocês não será muita coisa! Mas... Isso não foi motivo para eu ter feito o que eu fiz, eu sinto muito! Eu fiquei irritado por vocês não terem dito nada nunca pra ninguém, pra mim, pra Mel... Eu estava perturbado! Eu passava tempo demais na rua, me distanciei de todos os meus amigos, me envolvi com pessoas erradas, usei muitas drogas, fiquei muito mal, mas em momento algum levei isso pra dentro de casa! Mas, chegou uma hora que eu já estava tão fora de controle, que eu não comandava mais os meus atos, nem os meus pensamentos... Foi quando tudo aconteceu e eu abri os olhos pra tudo o que estava fazendo de errado. E eu me senti culpado, muito culpado.

-Por que é que você está dizendo todas essas coisas? Por que seus tios estão aqui, Philipe, e, quem é essa garota? – disse minha mãe apontando para Jeniffer.

-É aí que eu pretendo chegar! Essa garota salvou a vida da sua filha!

-O que?

-Eu não vou ficar enrolando, floreando com as palavras, procurando uma maneira de diminuir isso, eu sinto muito Mel! No Natal, no último ano em que fomos todos juntos para a casa da tia Lilian, a Melissa foi... – suspirou e eu fechei os olhos para não ver a reação dos meus pais.

-Eu fui estuprada. – minha voz ecoando e ecoando e ecoando no silêncio

absoluto do quarto.

-O que? – exclamou a voz de meu pai.

-O que? Com assim? – disse a voz chorosa de minha mãe.

-É o que vocês ouviram!

-Por que você nunca me disse isso...? Melissa... – disse minha mãe, vindo até onde eu estava, se ajoelhando e me abraçando forte!

-Mãe... Me desculpe!

-Oh, querida! A culpa não foi sua, amorzinho. Por que não me disse antes?

– eu não sabia o que responder, eu só sentia vergonha, medo.

-Conte a história completa, Marcus. – disse meu pai, ainda em seu lugar, seu rosto assumindo a coloração vermelha.

-Philippe a encontrou desacordada na casa da árvore, me chamou e contou o que tinha acontecido. Eu ainda estava lúcido e aquilo foi um choque, tínhamos que tirá-la dali, mas não tínhamos como chegar num hospital rapidamente, então Philippe se lembrou de Jeniffer, que estava estudando, poderia nos ajudar. Ela cuidou de todos os ferimentos da Mel e constatou o que já esperávamos, ela realmente havia sido abusada sexualmente.

Quando Mel acordou ela pediu desesperadamente para que não contássemos a ninguém, eu não ia aceitar isso, mas ela estava bem, na medida do possível. Philippe estava o tempo inteiro ao seu lado, e isso dava forças a ela... – minha mãe me apertou em seus braços e eu sentia que ela já sabia o resto da história.

-Quem é o cara? Nós o conhecemos?

-Sim. Keith McHale.

-Oh, meu Deus. Nosso vizinho. – disse tia Lily.

-Porra, ele estava lá naquele Natal?

-Estava. – tio Joe disse, se pronunciando pela primeira vez e percebi sua expressão facial, aparentemente sempre calma, hoje seu maxilar trincado demonstrava que nem o meu adorável tio estava imune aos sentimentos de raiva ou ódio, ou o que quer que ele estivesse sentindo naquele momento.

-E vocês foram a polícia?

-Não. – eu disse, e meu irmão respondeu ao mesmo tempo.

-Eu fui! Ninguém soube, mas eu fui! – ele virou seu olhar para o meu. – Eu tinha que fazer alguma coisa. É claro que o delegado não pode fazer nada por mim, já que não havia uma ocorrência concreta, confirmada por Melissa. Mas agora, eu acho que está na hora de vocês dois, mamãe e papai, contarem logo a verdade a ela, eu acho que ela suporta. Afinal, isso também não é o fim do mundo.

Olhei para ele, quebrando um pouco o abraço de minha mãe e vi que ela

estava em estado meio catatônico, parada, com os olhos muito abertos.

-Não! – disse meu pai.

-Querido, acho que está na hora de ela saber! E isso não irá mudar nada entre nós! – disse minha mãe ao meu pai.

-Ela ainda é muito nova...

-Melhor ela saber agora, com o irmão por perto...

-Tudo bem. – disse suspirando – Mel – ele veio até mim, e como mamãe, se ajoelhou no chão aos meus pés, segurando minha mão. – Primeiro, eu quero dizer que sinto muito pelo que aconteceu com você. – disse chorando. – Eu sinto muito, nós devíamos ter sido mais cuidadosos, não devíamos ter deixado você sair durante a noite.

-Já aconteceu papai, já foi! – suspirei. – Digam logo o que há de ser dito!

-Filha, foi um erro ter escondido isso de você por tanto tempo, mas vamos contar agora e eu espero que você não fique chateada, nem brava conosco, nós só não sabíamos como contar isso!

-Você... É adotada! – quando meu pai disse essas três últimas palavras eu entrei em choque!

-O que? – disse soltando minhas mãos das suas.

-Eu queria ter filhos, estava casada há tempos, éramos estáveis financeiramente, nosso casamento era e continua sendo perfeito, era hora de aumentar a família. Eu fiz todos os tratamentos possíveis e existentes naquela época, ocorreram vários abortos, eu não era capaz de segurar uma criança em meu ventre. Aquilo ia me matando aos poucos. – disse quase sem voz, devido ao choro. – Então, depois de muitas tentativas frustradas, tivemos Marcus. O meu parto foi complicado e eu não poderia engravidar novamente sem colocar em risco a minha vida e a do bebê. Alguns anos se passaram e nós queríamos mais um filho. Seu pai e eu decidimos pela adoção, então escolhemos você. Quando bebê, seus olhos eram tão verdes quanto o de seu pai e desde a primeira visita ao orfanato, eu me afeiçoei a você!

-Por que nunca me contaram sobre isso? – disse com o resto de voz que ainda me sobrava.

-Pelo mesmo motivo que você nunca contou a eles sobre o que havia acontecido com você... Medo, vergonha, receio... Você não é a única a sentir tudo isso Mel! – disse meu irmão me abraçando. – Eu demorei tempo demais para aceitar isso, só espero que você não cometa o mesmo erro.

Eu não queria mais ouvir, eu precisava pensar, precisava de espaço, precisava de ar puro para conseguir respirar.

Eu só saí do quarto, descendo as escadas, ouvindo minha mãe chamar pelo meu nome, porém eu não parei.

Eu não sabia o que dizer, nem sabia se eu iria conseguir dizer algo naquele momento.

Eu estava espantada por não ter ninguém atrás de mim, mas era melhor assim!

Caminhei até um parque a duas quadras de minha casa e me sentei em um dos balanços que havia ali.

De um dia para o outro tive que encarar o meu passado, passado esse onde fui terminantemente obrigada a crescer e aceitar o que havia acontecido comigo, onde eu tive que encarar o estupro, a virgindade, sem nem saber o que aquilo significava exatamente.

Eu sempre achei que todos os meus amigos me crucificariam ao saber que havia sido violentada, o que não aconteceu.

Jeniffer foi quase uma irmã para mim na primeira semana, ficou com ela o papel de mãe, de explicar tudo o que tinha acontecido, de explicar tudo o que eu não conhecia e de me amparar quando eu chorasse, o papel de amigo de amiga, para conversar sobre coisas banais e me distrair.

Ela foi um anjo em minha vida!

Mas, acho que se não fosse por ele, por Philipe, eu não estaria sendo tão forte todos esses anos e não estaria sendo forte o suficiente para conseguir contar tudo e não sentir um terço do que eu havia sentido quando vi a dimensão gigantesca que a coisa toda era!

Agora, descobrir que seus pais não são seus pais?

Não tinha como eu adivinhar, nem perceber nada, Marcus e eu éramos parecidos, minha mãe... Nora tinha os cabelos mais avermelhados agora, mas eles eram loiros naturalmente, iguais ao meus antes de eu começar a pintá-los e ela se parecia comigo.s

Meu nariz é igualzinho ao de meu pai.

Droga!

Mas... Se eles não são os meus pais, quem são?

-Um chocolate por seus pensamentos. – disse uma voz conhecida atrás de mim.

Dan logo se sentou ao meu lado, no outro balanço e me estendeu um barrinha de chocolate.

Depois de pegá-lo, me virei para o outro lado e enxuguei uma lágrima que caía.

-Você não vai querer saber sobre os meus pensamentos!

-Eles são tão obscuros assim? – disse franzindo a testa e dando um sorriso meio torto, como se discordasse do que quer que seja.

-Você nem imagina! – disse dando uma risada seca.

-E se eu disser que eu já sei de tudo?

-Sabe de tudo o que, Dan? – era impossível que ele soubesse, só estava jogando verde comigo.

-Tudo o que você acha que eu não sei e está escondendo de mim!

-Não estou escondendo nada de você...

-Mel, Marcus me contou tudo!

-O que o Marcus te contou, Daniel? – disse fingindo uma calma que eu já não tinha.

-Eu sei... O que aconteceu naquele fim de ano, na casa dos seus tios. Eu sei tudo o que você passou, estupro, segredos, diário.

-Como?

-Marcus, antes de ir embora, veio conversar comigo. Ele disse que sabia que eu gostava de você, que confiava em mim para guardar esse segredo e cuidar de você, já que o Philipe não estava aqui! Philipe me contou sobre o diário.

-E mesmo sabendo de tudo o que aconteceu, você continuou gostando de mim?

-Claro que sim! Por que o meu sentimento mudaria? Mel, tudo o que aconteceu não foi culpa sua, aconteceu, se alguém deve levar toda a culpa é o maldito que fez isso com você!

Ficamos em silêncio por muitos minutos.

Eu sabia que a culpa não era minha, mas o que eu podia fazer? Isso ficaria comigo eternamente!

Agora eu entendo porque as pessoas preferem se calar, guardar tudo o que sente para si, assim como eu fiz.

É mais fácil esquecer quando ninguém sabe, quando esse assunto não é constante, é algo que você sempre se lembrará, claro, mas só você sabe,

então não há motivo algum para sentir vergonha.

E era exatamente o que eu estava sentindo!

Vergonha!

-Como você está se sentindo, agora que você sabe sobre seus pais? – disse quebrando o silêncio e mudando o foco da conversa.

-Então você já sabia? – disse o obvio.

-Sim, Marcus já tinha me avisado sobre isso. Não fique brava.

-Eu só... Estou confusa!

-Eu não sei o que está sentindo, mas entendo você, se fosse comigo eu não sei o que eu faria.

-Eu não estou brava e nem vou criticá-los por isso. Deve ser terrível não poder ter filhos. Só queria ter sabido isso antes. Eu me sinto como se isso fosse algum crime ou como se eu fosse recrimina-los ou fugir de casa.

-Eu sei que você não faria isso, mas eles não, Mel! Você não é tão próxima de seus pais, eles não sabem como você é, o seu jeito, os seus gostos... Eles não sabem como seria a sua reação numa hora dessas, eles não são próximos o suficiente. Você acha mesmo que sua mãe não teria percebido que você estava mal naquela época se você fosse mais próxima dela? Qualquer um via, acho que até suas amigas, mas elas nunca comentariam nada! Pergunte a Raíssa! Tenho certeza de que ela se lembra do seu comportamento estranho naquela época!

-Eu nunca fui muito próxima dos meus pais! Nunca fui aquela criança grudenta, que fica no pé o dia todo... Nunca me sentia a vontade com os meus pais, e quando minha mãe queria conversar, eu sempre dava um jeito de adiar... Não que não goste deles, não, isso nunca! Eu só... Não me sentia pertencente àquilo e eu nunca entendi isso! Claro, eles sempre vão ser os meus pais, mas eu gostaria de saber quem são os meus pais biológicos!

-Acho que Marcus pode ajudar você nisso! Que tal irmos pra casa agora, humm? Eles devem estar preocupados!

-Tudo bem! Espera... Obrigada, mesmo, por tudo! Você esteve comigo em todos os momentos, quando eu estava mal, azeda, triste e acho que isso conta muito!

-Não precisa agradecer, Mel, sempre seremos amigos, antes de tudo, lembra?

-Sim, mas não posso deixar de agradecer.

Peguei em seu rosto e beijei-o na boca.

Era um beijo calmo, somente um encostar de lábios. Algo estritamente inocente!

Eu entreabri meus lábios, mas ele não avançou, foi somente uma carícia entre nossos lábios, senti seu gosto e não achei estranha a nova sensação que crescia dentro de mim.

Ele ainda estava de olhos fechados, e parecia sorrir, como se estivesse sonhando.

-Acho que devo te deixar em casa...

-Eu assumo daqui! – disse a voz de Marcus, assim que nos levantamos do banco da praça.

-Claro. – disse Dan para ele. – Se precisar de qualquer coisa, você sabe que pode contar comigo. – me beijou novamente.

-Eu sei, obrigada. – disse o abraçando.

-Obrigado. – disse meu irmão, Daniel assentiu, sorriu e foi caminhando em direção a sua casa – de sua mãe, que só agora eu percebi, era do outro lado da rua.

-Tudo bem? – ele perguntou.

-Sim, tudo bem. Vamos?

Começamos a caminhar para casa.

-Você ouviu tudo?

-Não, só a parte em que vocês iam pra casa!

-Quero conhece-los... Meus pais biológicos.

-Posso ajudar você nisso, mas pode ser que eu não consiga encontra-los, isso é confidencial, mas vou ver o que posso fazer. O que você precisa saber é que podemos não encontra-los, ou ainda eles não quiserem falar com você.

Assenti. Pode ser que eu desistisse dessa ideia no futuro, mas por enquanto, era o que eu queria!

-Então... A Jessica é uma garota bem legal, né!

-Sim, ela é uma garota bem legal!

-E... Ela é bem bonita também.

-Uhummm.

-E se eu disser que nós estamos... Juntos?

-E se eu disser que eu já sei disso?

- Então ela já contou?
- Sim, acho que só para mim.
- E o que você acha disso?
- Eu acho incrível. Jessica é uma excelente garota, mesmo que tenhamos nos distanciados por alguns anos, e sei que já passou por muita coisa no passado. Por isso, não comece nada com ela se, no fim, for trata-la como todas as outras garotas que já passaram pela sua cama.
- Hei, eu dê mais crédito ao seu irmãozinho aqui. Eu mudei completamente, e acho que grande parte de tudo veio por causa de você. Acho que, realmente, estou interessado em Jessica, eu nunca a machucaria de propósito. Além do mais, ela é perfeita para mim. Tudo o que eu preciso é conseguir entrar em sua mente, em sua cama e, finalmente, em seu coração.
- Ok, você me convenceu. Prefiro não imaginar o que você irá fazer para conseguir tudo isso, só... Seja gentil com ela!
- Pode deixar” E, mudando de assunto, não é legal ficar vendo minha irmã beijando um garoto do jeito que Daniel estava beijando você.
- Se não estivesse espionando não teria visto nada!
- Não estava espionando, só estava observando.
- Uhummm, tá! Foi só um beijo!
- É, que deixou o franguinho sonhando feito uma menininha quando ganha o primeiro beijo!
- Fica quieto! Franguinho?
- Ele é muito afeminado pro meu gosto! Mas é um cara legal, cuidou de você quando eu estava fora! Vai dar uma chance a ele?
- Sim. Acho que está na hora de voltar a viver.
- Concordo totalmente. Agora, vamos logo que eu ainda quero levar Jessica em casa!
- Já tá assim, é?
- Tenho que fazer a minha parte. E eu ainda sou um cavalheiro!

Rimos com isso. Não tenho duvidas de que ele conseguiria conquistar, realmente, o coração Jessica, e seria bom ver meu irmão com uma garota legal!

***So I'm gonna give all my secrets away this time. Don't need another
perfect line
Don't care if critics never jump in line. I'm gonna give all my secrets***

away
Secrets, OneRepublic

10. Romance

Sábado, 17 de novembro de 2006.

Era o primeiro baile no St. Claire que eu estava autorizada a participar.

Daniel foi meu par essa noite.

Eu não pude negar que ele estava incrivelmente belo usando roupa social.

Ele me trouxe um corsage, e fez questão de colocar ele mesmo em meu pulso.

Ele dançou comigo durante toda a noite e esse baile não poderia ter sido melhor.

-MELISSA, ACHO QUE NÓS PRECISAMOS conversar. – disse minha mãe, exatamente uma semana depois de ter me contado que eu era adotada.

Ainda não havia conversado com meus pais, os dois estavam respeitando o meu tempo, sabendo que conversaríamos quando eu estivesse preparada e no momento que o fizesse, não diria coisas feias e ofensivas.

De lá pra cá, eu e Dan passamos muito do nosso tempo juntos, talvez até mais tempo do que quando éramos somente amigos Onde ele estivesse eu estava com ele e vice-versa.

Não éramos um casal comum, que precisava se conhecer antes de viver alguns momentos necessários da vida um com o outro.

Conhecíamos-nos muito bem, mais do que qualquer outra pessoa jamais poderia conhecer, e não precisávamos passar todo o dia falando sobre nós mesmos.

Porém, apesar de dizer não a mim mesma, eu sabia que nunca poderia adivinhar o que ele estava pensando, saber em quais momentos ele estava chateado, como ele fazia comigo.

Ele me conhece como a palma de sua mão, mas a recíproca não era totalmente verdadeira!

Eu havia compartilhado quase todos os meus segredos e com ele sempre no papel de ouvinte, era certo que eu não o conheço tão bem como gostaria. O conheço por fora, não por dentro.

Por conta disso, eu passava basicamente o dia todo desvendando seus mistérios, indagando coisas, tentando ler suas expressões!

Deitados, juntinhos no sofá, como sempre fazíamos aos sábados à noite,

conversávamos sobre tudo, e quando estávamos na casa de meus pais, eles estavam tão acostumados com aquela cena que nem se importavam de estarmos tão colados um no outro.

Eu estava tentando seguir com essa relação, seja ela qual for. Não éramos namorados, mas não éramos mais somente amigos também...

Ele é meigo, carinhoso, atencioso, amoroso, sabe o que eu gosto, conhece minhas manias, sabe o que dizer nas horas certas, me apoia em tudo e acima disso, realmente me ama.

Dois dias antes, quando conversei com minha psicóloga, que eu continuava visitando uma vez por semana, ela disse que eu estava no caminho certo. Ela, que já sabia sobre o meu diário, disse que o próximo passo seria dividi-lo com alguém, mas ele ainda estava guardado em meu armário desde que o trouxe da casa e meus tios.

Eu também havia contado a ela sobre meus pais, e ela disse que quanto mais cedo eu os perdoasse, mais cedo minha mente estará livre disso também.

Sabia que chegaria uma hora em que eu teria que dizer isso a eles, eu só precisava pensar um pouco mais, para não dizer nada que possa machucá-los.

No entanto, minha mãe não esperou que eu fosse falar com ela e veio até mim, mas eu já havia pensado muito sobre isso...

-Tem que ser agora mãe? Vou sair com Daniel.

Quando Dan havia me deixado na casa de meus pais para visitar Marie, disse que Tessa havia nos convidado para ir ao cinema, assistir ao filme que eu estava mais que ansiosa em assistir.

Estava terminando de me arrumar para um 'encontro de casais', eu e Dan, Raíssa e Connor, Sylvia e Matt – que finalmente estavam se entendendo como um casal – Natalie e Lucas, Marcus e Jessica, Tessa e Aiden e Owain e Payton.

-Precisamos conversar, eu prometo ser rápida! Por favor...

-Olha mãe... – disse me sentando na cama, jogando o pente que usava para pentear os cabelos no colchão e respirando fundo – Eu não estou brava, chateada, triste e nem nada do tipo. Eu não sei o que é não poder ter um filho, mas acho que posso entender a sua dor. Não me importa se o seu

sangue não corre em minhas veias, nem o do papai, nem o do Marcus... Eu só não queria que vocês tivessem escondido isso de mim, pelo menos não por tanto tempo!

-Querida, me desculpe! Achamos que você não estava preparada para saber antes dos dez, íamos contar, mas então seu irmão foi embora, você já estava triste, achamos melhor adiar e... Acabamos adiando demais! Nunca tratamos vocês dois de uma forma diferente por você não ser nossa filha de sangue... Vocês dois são nossos filhos, e sempre vão ser, só não quero que fique com raiva de nós por isso. E agora, me dói tanto saber que você precisou de mim e eu não estava lá.

-Acredite, eu não estou! Fico feliz que vocês dois tenham me escolhido, fico feliz por estar aqui com vocês, com Marcus... Eu queria que você soubesse que eu sou a pessoa mais feliz do mundo por ter vocês dois como pais! E eu estou bem agora, eu posso ter demorado um bom tempo para perceber isso, mas eu estou bem agora.

-Oh, querida... – murmurou me abraçando.

Ela era minha mãe, e isso era algo inegável, apesar de toda a distância entre nós, ela ainda era minha protetora, minha mentora e eu devia tudo a ela e ao meu pai.

Naquela hora, meu celular começou a tocar, era Dan, que antes era identificado em meu celular como apenas “Dan”, agora constava como “namorado”, só uma coisa boba que minhas amigas inventaram. Minha mãe quebrou o abraço e pegou o meu celular, passando-o para mim, porém não antes de olhar discretamente no visor.

-Oi. – disse ao atender.

-Oi, está pronta, posso ir buscar você na casa dos seus pais? – perguntou.

-Na verdade, acho melhor me encontrar com vocês lá... – dei um sorriso discreto para a minha mãe, que negou com um sorriso e sussurrou um “Já vamos terminar!”.

-Aconteceu alguma coisa?

-Não, só estou conversando com a minha mãe, eu não devo demorar muito. Passa aqui em quinze minutos.

-Tudo bem, então. Qualquer coisa, me ligue!

-Uhummm, beijo.

-Beijo.

Desligamos.

Minha mãe me olhava com um sorriso no rosto.

-Então, vocês dois... – sorrimos.

-É, estamos tentando.

-Ele é um ótimo rapaz e eu sempre soube que vocês dois iriam terminar juntos, ele sempre foi fascinado por você...

-Você já tinha percebido?

-Claro que sim, acho que até seu pai já tinha percebido! – disse rindo. – Vou deixar você terminar de se arrumar. Eu amo você!

-Eu também amo você, mãe!

Peguei o vestido que eu havia separado, agradecendo por ainda ter roupas minhas na casa branca, ou teria que passar em casa para trocar de roupa. Passei mais uma vez o pente em meus cabelos, duas camadas de máscara para cílios, um pouco de gloss de morango, que eu sabia que Dan gostava, além do perfume, que eu havia ganhado do próprio em meu aniversário do ano passado, mas que havia usado poucas vezes, peguei minha bolsa de mão, colocando meu celular juntos com outros itens indispensáveis e saí.

Desci as escadas e parei na sala, meu pai estava lá, vendo alguma coisa na TV, enquanto minha mãe estava na cozinha.

Eu o conhecia bem demais para saber que ele não iria ultrapassar os limites impostos por mim e vir conversar, como fez minha mãe.

Então, simplesmente fui até ele, ficando à sua frente e o abracei.

-Eu te amo, pai. Não estou chateada, nem brava com você ou com mamãe.

-Oh filha, também amo você, me perdoe!

-Não tenho que perdoar, amo você! – quebrei o abraço quando a campainha tocou. – Tenho que ir. – minha mãe veio da cozinha para atender a porta.

-Certo, não volte tarde e... Quando é que ele vai vir me pedir para namorar você? – sussurrou.

-Não sei... Isso é mesmo necessário, pai?

-Claro que sim, no meu tempo era assim!

-Isso faz quanto tempo, hein querido? – disse minha mãe, intervindo. – Vá, Mel!

Murmurei um “tchau” e saí de casa, encontrando Daniel com um sorriso gigantesco em seu rosto, encostado na picape.

Ele estava lindo, como sempre, calça jeans escura e uma camisa e seus lábios se juntaram aos meus num beijo rápido.

-Vamos, se nos atrasarmos para o filme, acho que Tessa tem um filho.

-Na verdade, vamos a um lugar primeiro. Já liguei para os outros, eles estarão esperando na praça de alimentação. Quero leva-la a um lugar...

-Ok, então, vamos!

-Sim, madame! – disse abrindo a porta da frente do carro para que eu entrasse e entrou logo em seguida.

Aos poucos fui reconhecendo o caminho e sabia que estávamos indo à praia... Eu só não sabia o que iríamos fazer lá, já que eram quase oito horas da noite.

Passamos por alguns conhecidos, que nos cumprimentavam quando passamos por eles, mas não demorávamos muito e ele me puxava em direção ao mar, tive que tirar meus sapatos, por causa da areia, até que paramos na beirada do mar.

-Eu vou ser rápido, afinal, temos que nos encontrar com os outros... Eu já disse que te amo, mas não fiz o pedido a você e acho que somente isso não me satisfaz! Então eu tenho uma coisa para você! – disse me olhando receoso. Ele segurou uma de minhas mãos com uma das suas, a outra, retirou uma caixinha de veludo do bolso da calça e... Eu já sabia o que vinha a seguir!

-Eu pretendo fazer o pedido ao seu pai, acho que ele espera isso de mim, mas eu comprei isso. – disse abrindo a caixinha e revelando um par de anéis prateados, um deles com três pedrinhas brilhantes.

-São anéis de compromisso, eu peguei um dos seus anéis para tirar a medida certa do seu dedo. – sorri – Nós nos conhecemos há tanto tempo, não há mais segredos entre nós e está mais que escrito em meu rosto que eu sou apaixonado por você. Você aceita namorar comigo?

-Sim. Obrigada! E eu adorei o anel!

Então ele pegou o anel e o colocou no meu dedo anelar direito.

-Tem nossos nomes e a data em que nos conhecemos gravado nele.

-É lindo, eu amei. Você é tão...

-Por favor, não me chame de fofo... – murmurou, rindo um pouco.

-Eu ia dizer... Incrível. – ele sorriu mais largo ainda e me beijou.
-Quero colocar em você! – eu disse, pegando a caixinha de suas mãos, retirando a aliança de lá e colocando em seu dedo e logo fui puxada para um beijo.

Ficamos mais tempo na praia do que o planejado, eu precisei limpar a areia dos meus pés e depois seguimos para o shopping.

Chegamos bem em cima da hora para a sessão de cinema, e eu mal podia esperar para ver o resultado final de *The Fault In Our Stars*.

Depois de ouvir piadinhas sem graça vinda de Connor por causa da demora, compramos pipoca, refrigerante e doces para um batalhão de pessoas e entramos na sala.

Procuramos nossos lugares, em casais e, discretamente, enquanto o filme iniciava, reparei na mão de Marcus, pegando a de Jessica e levando-a a boca, depositando um beijo casto.

Foi assim durante quase o filme todo, apesar de eu não ter ficado o tempo inteiro prestando atenção nos dois, já que o filme era emocionante e tive que usar a camisa de Daniel como lenço para as minhas lágrimas em certas partes do filme, assim como havia feito no ano anterior, enquanto líamos o livro juntos.

Assim que saímos da sala de cinema, eu e as garotas fomos ao banheiro, enquanto os meninos ficariam nos esperando na saída.

-Então, o que está rolando entre você e Marcus? – indagou Raíssa assim que adentramos pelas portas do banheiro feminino, tirando as palavras da minha boca.

-Hummm, nada, por que?

-Ah, fala sério, todo mundo viu vocês dois, estavam bem juntinhos, de mãos dadas... – disse Tessa.

Não entendia porque Marcus e ela estavam escondendo que estavam namorando, mas era a vida deles, então não me meteria.

-Isso porque você não viu os dois enquanto comprávamos os ingressos. Não se largaram um minuto, ficaram cochichando o tempo todo, não paravam de sorrir e ainda deram uma fugidinha... – disse Sylvia, me

surpreendendo.

-Verdade, onde vocês foram? – completou Raíssa.

-Fomos dar uma voltinha... Tá legal, a gente se beijou. Mas foram só alguns beijos! – disse se virando para o espelho e passando um batom que retirou da bolsa.

-E... – dissemos todas juntas, criando muito expectativa em cima disso.

-E o que?

-E como foi? Não faz suspense, conta logo! – disse Natália, curta e grossa, como sempre!

-Foi... Bom! – disse depois de suspirar – Foi... Indescritivelmente bom.

-Uau. – disse Sylvia. Era como todos nós estávamos nos sentindo, a energia vinda de Jessica nos contagiava.

-Exatamente. Ele é incrível.

-Então ele finalmente conseguiu te convencer a tentar, a sério... – eu disse.

-Pois é. Estamos só nos conhecendo, é tudo muito novo para mim e ele compreende isso. – disse a última palavra num sussurro, quando duas garotas entraram no banheiro.

-Eu sei, não se sinta pressionada, se for bom, ótimo, se não for, tudo bem! – disse Raíssa.

Peguei um lenço umedecido dentro da bolsa e limpei os cantos dos meus olhos borrados por causa da máscara para cílios.

-OMG, OMG, OMG, OMG! – ouvi.

-Eu não acredito nisso! Você não ia nos contar? – disse Sylvia, um pouco mais escandalosa do que o normal.

-Contar o que? – indaguei confusa, do que é que elas estavam falando?

-Isso, no seu dedo, é um anel de compromisso? – ah, era isso...

-É. – disse simplesmente.

-Ai, que lindo. Quando ele deu a você? – indagou Raíssa, já segurando minha mão e verificando as três pedrinhas brilhantes no anel.

-Hoje, por isso demoramos.

-Onde vocês estavam?

-Na praia, ele me levou até lá e me pediu em namoro, disse palavras bonitas e até se ajoelhar, ele ajoelhou.

Perdi a conta de quantos suspiros eu ouvi, até das outras duas meninas desconhecidas que estavam no banheiro.

-Isso é tão... – começou Sylvia.

-Romântico. – completou Tessa.
-Fofo. – disse Natália.
-Perfeito. – finalizou Jessica.
-Nem o Connor fez isso comigo. – murmurou Raíssa.
-Onde eu acho um desse pra mim? – gargalhei ao ouvir uma das garotas murmurar antes de se retirar por banheiro.
-Então isso significa que vocês estão bem? – disse Jessica.
-Sim, estamos, muito bem, eu acho!
-Vocês dois formam um belo casal. – disse Raíssa, olhando mais uma vez o meu anel.

Saímos do banheiro, antes que os meninos viessem nos buscar por causa da demora, e nos encontramos com eles em frente à uma *Subway*, na praça de alimentação, onde nos sentamos para comer.

As garotas também viram o anel dele e não pouparam elogios a Dan, dizendo que ele tinha bom gosto, que ambos os anéis, apesar de simples era adorável, simplesmente perfeito.

Fui com Raíssa à livraria do outro lado da rua, enquanto Dan preparava o meu sanduíche, para comprar um livro que ela estava querendo há tempos.

-E então...? – perguntou assim que entramos na livraria, e ela já buscava o livro entre as prateleiras.

-E então o que?

-Você está estranha, o que aconteceu?

Eu, estranha?

Mesmo?

Se Raíssa, percebeu, pode ser que mais alguém tenha percebido...

-Não é nada, é só... Dan disse que me ama. Ele já havia dito antes, mas acho que não havia registrado direito.

-Oh! – foi tudo o que ela disse por um tempo – Mas... Isso não é bom?

-Sim, quer dizer, eu não sei... Eu estou confusa, ok? Estou namorando o meu melhor amigo e ainda nem sei se isso é bom ou não, se eu sinto algo ou não...

-Você está feliz?

-Sim, estou! É uma convivência fácil, é diferente... Eu sinto a falta dele, sinto vontade de beijá-lo, de abraça-lo, de estar perto...

-Você só está começando a se apaixonar! Isso é bom Mel, depois de tudo o que aconteceu, ele te faz bem, e você sabe disso, ele sempre fez bem a você... Só que agora, você está, finalmente, começando a enxerga-lo de outra forma que não como só um amigo. Ele sempre te amou em segredo, então é óbvio que a intensidade do que ele sente é maior do que o que você está sentindo, mas não se sinta obrigada a dizer o mesmo, só fique atenta para o momento em que você passar a sentir isso e não perca muito tempo quando isso acontecer. Simplesmente vá até ele e diga!

Ela caminhou até o caixa com o livro em mãos, pagou e saímos da loja.

-Obrigada. – disse simplesmente. Ela me entendia, sabia dois meus medos, receios e eu nem precisava falar muito.

Ela somente sorriu para mim e voltamos para a mesa.

Depois de comermos, à base de risadas, os meninos nos convenceram a irmos até a área dos jogos, nos divertirmos um pouco.

Íríamos ser massacradas nos jogos e eu tinha certeza de que eles iriam se aproveitar disso fazendo apostas...

Quando Daniel me deixou em casa, prometi a mim mesma que diria ‘as três palavras’ em breve.

Não fazia aquela promessa pensando em como aquilo poderia soar como uma obrigação, mas como algo que já estava dentro de mim, e apenas precisava ter coragem de falar.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que fiz foi abrir o armário e pegar a caixinha de metal com meu diário dentro.

Abri a tampa, puxando o diário de capa dura, passando os dedos pela capa antes de abri-lo.

As inscrições na primeira página, escritas com a minha letra infantil e meio torta me fizeram sorrir.

Diário de Melissa Stewart

Abri em páginas aleatórias, lendo algumas passagens, pensamentos e coisas que eu gostaria de fazer.

3 de janeiro de 2003

Nunca tive um diário, nunca pensei em ter um, mas acho que será bom ter um lugar para escrever coisas que não tenho vontade de dizer em voz alta.

10 de fevereiro de 2004

Não tenho o costume de pedir coisas aos meus pais, mas hoje fiz um pedido.

Daniel e Raissa cismaram de ir ao Rocket Rock no fim de semana, experimentar pela primeira vez a pista de gelo e é quando estarão abrindo inscrições para as primeiras turmas que começam no ano que vem, e eu gostaria de entrar.

Meus pais sabem que eu gosto de patinar e tenho vontade de aprender mais, mas têm medo de que eu me machuque quando os treinos começarem a ficar mais cedo.

Existe algo como “estatísticas das quedas” de patinadoras que quebraram pés e tornozelos, e além ficarem um bom tempo de cama, precisam operar e tudo.

Na verdade, acho que eles estavam querendo me assustar, me influenciar para que desistisse dessa ideia.

30 de março de 2004

Patinação, definição: ação de patinar, patinagem.

Andar, deslizar, caminhar sobre rodas ou lâminas.

Eu sabia patinar na prática, mas precisava me testar na teoria, para que não houvesse falhas quando eu comesse a saltar.

Eu estava feliz de estar na mesma turma que Sylv, Dan, Raissa e Connor, e assim passávamos boa parte do nosso tempo livre no gelo, mesmo quando não tínhamos aula.

15 de setembro de 2006

Aniversário.

10 é um número completo, redondo, e eu gostava dele.

Bem, agora eu tinha 10 anos e sentia que a cada ano a partir desse seria glorioso, inesquecível e perfeitamente imperfeito.

20 de dezembro de 2008

Faltam poucos dias para o Natal, e isso na casa da tia Lily significava um monte de comida. Eu podia entender que com Philipe ‘em fase de crescimentos de músculos’, como ele mesmo havia denominado, precisava de comida, e que Marcus amava mais que tudo a comida de tia Lily e esperava que nossa mãe aprendesse um pouco com ela, será que todos eram tão esfomeados ao ponto de precisarmos de 5, sim, 5 tipos de assado?

Tia Lily disse que teríamos companhia, nossos vizinhos, mas mesmo assim eu não poderia imaginar essa comida toda, todos os acompanhamentos e sobremesas, mas se ela estava dizendo, quem era eu para dizer o contrário?

Enquanto lia as pequenas notas que fazia em alguns dias, falando sempre dos meus amigos ou das palhaçadas de Marcus, ri sozinha e chorei em alguns momentos, quando Daniel tinha 10 anos e pegou catapora. Ele ficou uma semana inteira de cama e quase no final, ele passou as pintinhas vermelhas para mim e eu precisei ficar de fora da apresentação de fim de ano na patinação.

Eu tinha ficado muito irritada com Daniel, mas depois entendi que a culpa tinha sido minha por ter ido visita-lo quando doente.

Raissa e Sylvia tinham feito o almoço, Natalie não estava em casa e acabei fazendo a sobremesa e chamando Daniel para almoçar conosco e ir até a pista de gelo, já que em alguns poucos dias voltaríamos para a universidade e não teríamos tanto tempo para patinar.

-Você realmente se animou em voltar a patinar? – indagou Sylv.

-Sim. Acho que eu nunca deveria ter parado. Largar assim algo que eu sempre gostei tanto de fazer. Já pensou, se eu tivesse continuado? Hoje eu poderia ser uma Kim Yu-Na* americana.

-Você nunca sonha baixo? – disse Dan, rindo um pouco.

-Se é sonho, então para que me diminuir quando posso ser o que quiser? Infelizmente, o meu tempo já passou. Seria impossível começar agora, então eu me contento em patinar aos fins de semana.

Na sexta-feira, Dan me convidou para um piquenique no parque depois do almoço na casa de sua mãe e fiquei espantada com a quantidade de guloseimas na cesta que ele carregava.

Logo na entrada do parque, havia uma mulher vendendo flores, o que fez Daniel parar para comprar-me uma rosa vermelha.

Como havíamos acabado de almoçar, dispensei todos os salgados, ficando só com os doces, desde o cookie com pedaços de chocolate em formato de coração, até o pavê de chocolate, meu doce favorito, que ele disse ter feito, e que estava delicioso.

Por estarmos no meio do verão, o parque estava lotado de crianças e mesmo tendo escolhido um lugar longe do fluxo de pessoas, ainda podíamos ouvi-las gritando enquanto corriam uns atrás dos outros.

Perto das seis da tarde, recebi uma mensagem de Raissa, dizendo que Connor dormiria em nosso apartamento e que o de Daniel estaria livre essa noite.

Eu havia tomado uma decisão e precisava de um momento, sozinha, com Daniel para seguir o que havia planejado.

No entanto, após a mensagem, o número 28 ficou em minha mente, e foi quando percebi que exatamente um mês atrás, eu e Dan havíamos nos beijado pela primeira vez.

Sorri ao perceber que ele, provavelmente, tinha se lembrado dessa data e resolvera comemorar de alguma forma.

Peguei um dos morangos do potinho, passei a ponta na calda de chocolate e, com uma mão, fiz Dan deitar-se na toalha forrada na grama e ficando em cima dele, coloquei o morango em sua boca para que ele desse uma mordida.

-Isso foi perfeito! – disse, beijando-o logo em seguida, sentindo a mistura do morango com o chocolate em sua boca.

-Acho que agora você se lembrou. – ele disse, com um sorriso no rosto.

-Desculpe-me, eu realmente não havia me lembrado disso até ver a data na mensagem.

-E eu que sempre achei que nós, homens, é que fôssemos os relapsos com datas e horários. – disse, fingindo sarcasmo e eu revirei os olhos, batendo em seu braço de leve.

-Bobo! Estou falando sério. Então vamos comemorar o dia em que nos beijamos pela primeira vez e não o dia em que você me pediu em namoro?

-O dia em que nos beijamos marcou a nossa passagem, de apenas amigos, para algo mais, então acho que devemos usá-la como a 'oficial', mas se você preferir podemos comemorar as duas datas, sem problemas.

Eu sorri e neguei com a cabeça, enquanto me inclinava para beijá-lo mais uma vez.

-Feliz aniversário de primeiro beijo. – eu disse e ele sorriu, repetindo a frase e me beijando novamente.

Quando estava frio demais para ficar na rua, perto da sete da noite, fomos para o apartamento de Daniel.

Ao invés de pedirmos pizza, ou alguma outra comida por telefone, dei uma olhada em seu armário e disse que poderia fazer o jantar.

Dan e Connor precisavam fazer comprar, urgentemente, pois não havia muita coisa no armário, nem na geladeira, mas ao menos uma massa ao molho branco com especiarias deu para fazer e tivemos o nosso jantar romântico com direito a velas e vinho como bebida para acompanhar.

Era inacreditável que até uns dias atrás eu nem pensava em ter um namorado, e de repente eu tinha um e reproduzia todas as cenas clichês que eu havia cansado de assistir nos filmes.

-Tenho uma coisa que quero te dar. – eu disse, quando os créditos do filme que passava na TV começaram a subir.

Fui até a minha bolsa no sofá oposto ao que estávamos deitados e tirei a antiga caixinha de metal. Respirei fundo antes de abrir a caixa e tirar o diário dali, levando-o agarrado ao meu peito até onde meu namorado estava.

-Eu achei que tinha um segredo que somente três pessoas, além de eu mesma, tinham conhecimento, mas acabei descobrindo que o cara que em breve se tornaria meu namorado não era totalmente leigo em relação a isso.

“Então, esse cara não só conhecia meu jeito, minhas manias e até minha comida preferida, como também conhecia uma parte nada bonita de meu passado.”

“Hoje, talvez a minha caixinha de desejos esteja vazia, mas a garotinha que um dia você conheceu, guardava todos os que sonhava em realizar escrito nas páginas de um caderno, que se tornou seu confidente. Ninguém, nunca, conheceu essa garotinha e agora eu a apresento a você. Esse diário representa a única parte de mim que só eu conheço e eu quero dividir com você.”

-Eu posso ler? Agora? – perguntou, indicando o diário que eu estendia a

ele.

-Sim, você pode.

E foi assim, deitada em seu peito e com um de seus braços me abraçando em baixo de grossas cobertas, que Dan adentrou totalmente em meu mundo, descobrindo os meus sonhos, desejos, pensamentos – inclusive coisas sobre ele – e, principalmente, percebeu que tinha seu lugar em meu coração desde a primeira vez em que nos vimos.

De vez em quando, ele ria com algo escrito lá e em todas as vezes que ele desviava seus olhos do diário para olhar no fundo dos meus olhos, eu sabia que ele estava lendo algo sobre si mesmo.

Em determinado momento, ele fechou o diário e me olhou.

-Você sabe o quanto isso significou para mim, não é? Obrigado, obrigado por dividir o seu mundo comigo.

-Obrigada por existir, por ser meu melhor amigo e por me amar, mesmo eu não sendo perfeita. Agora, você não tem mais só a minha amizade. Você tem a minha mente, minha alma e o meu coração. Eu amo você.

Por um segundo ele congelou, seus olhos brilhando da mesma forma que eu sabia que os meus também estavam brilhando, e num piscar de olhos sua boca estava colada à minha.

Num baque surdo, o diário foi ao chão, ao mesmo tempo em que as mãos grandes e quentes de Daniel voaram para a minha cintura, me apertando contra ele, entrando em contato com a pele por debaixo da blusa, apertando minha carne e me fazendo sentir cada centímetro de seu corpo.

Minhas mãos foram para a barra da sua camiseta, enquanto ele se dividia entre beijar e morder meu pescoço, tentando – inutilmente – tirá-la.

-O que você está fazendo? – indagou, abandonando meu pescoço e me olhando meio ofegante e com uma sobrancelha arqueada.

-Tentando tirar sua camiseta? – respondi, mas acabou saindo como uma pergunta.

-Não faça isso. – ele sussurrou, e sua respiração batendo em meu rosto.

-E por que não? – perguntei dando-lhe um beijo. – Eu estou pronta para o próximo passo, sem medo de errar, sem medo de ser errado, sem medo de me machucar. Preciso de você.

Depois de fixar seus olhos nos meus, onde eu pude ver sua indecisão, sua

boca atacou-me, e uma de suas pernas se infiltrou entre as minhas. Eu voltei minhas mãos para a barra de sua camiseta e com sua ajuda, dessa vez, consegui tirá-la, imediatamente tocando seu peito desnudo.

Migrando seus beijos de minha boca para o meu pescoço e mandíbula, ele começou, lentamente, a abrir os botões da blusa que eu vestia, hesitando um pouco antes de abri-la por completo e deixar meu sutiã negro à mostra. Seus lábios colaram nos meus novamente enquanto, lentamente, ele abaixava as alças da única barreira entre suas mãos e meus seios, e antes mesmo que ele os tocasse, senti meu corpo se arrepiar e se tornar quente só com a expectativa.

Eu não entendia o calor que emanava dentro de mim, mas era bom, e eu nem queria entender, passando a agir por puro impulso.

Depois de suas mãos terem trabalhado no botão de minha calça jeans e tê-la fora do meu corpo, seus olhos voltaram para os meus.

-Você tem certeza de que quer continuar?

-Sim, mais que tudo nesse momento.

Num susto, suas mãos me pegaram pela cintura e fomos em direção ao seu quarto, onde ele me depositou levemente em sua cama, tirando sua calça antes de voltar seu corpo para cima do meu e me beijar por todo o meu corpo.

Os calafrios, os corpos quente e, literalmente, grudados um no outro com o suor, o cheiro, o beijo, os corações acelerados, batendo no mesmo ritmo, o prazer indescritível que, pela primeira vez, eu estava sentindo e, principalmente, o carinho com que Daniel fazia amor comigo eram as marcas que eu precisava para ter certeza de que nunca me esqueceria dessa noite.

Quando seu corpo se conectou ao meu pela última vez, as únicas palavras que saíram de minha boca, simplificava tudo o que eu estava sentindo, vindo dele.

-Eu te amo.

***Her heart lies awake at night. Calling the sun to warm the skies.
Her ivory hands hold so tightly. To the hope of morning.***

Love & Loss, The Honey Trees

*Kim Yuna: patinadora sul-coreana, campeã mundial em 2009 e olímpica em 2010.

Epílogo

*“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.” **Clarisse Lispector***

A NEVE CAIA PELA JANELA DO QUARTO e eu sabia que não conseguiria sair para patinar hoje, como o planejado.

Ter voltado a patinar todos os fins de semana na companhia de Daniel na pista de gelo em Los Angeles era incrível, mas poder fazer isso com ele onde eu havia aprendido a patinar, era algo totalmente diferente.

No entanto, havíamos patinado muito desde que chegamos à Nashville há duas semanas.

No início do mês, tia Lily havia telefonado para minha mãe, perguntando se nós não gostaríamos de passar o Natal em sua casa mais uma vez e eu imediatamente aceitei.

Infelizmente, Valentine havia falecido, e mesmo que estivesse se “preparando” psicologicamente para isso, o baque havia sido terrivelmente forte para Daniel, e eu achei que seria uma boa ideia tirá-lo de Los Angeles por alguns dias, especialmente nessa época, onde sempre fora somente ele e a mãe, quando não comemoravam Natal e Ano Novo com minha família.

Marie e Marcus também estavam aqui, mas sem seus respectivos namorados, já que eles não podiam abandonar suas famílias assim.

Alguns minutos se passaram enquanto me perdia em pensamentos, até que senti um par de mãos em minha cintura.

-Hey, em que planeta você está? Sua mãe está chamando para o almoço.

-Eu já vou. Eu só estava pensando sobre como as coisas mudaram em um ano. Da última vez em que estive aqui eu não era nem a sombra do que sou hoje. Eu tinha medo desse lugar e tinha prometido nunca mais voltar, mas agora, tudo o que eu consigo pensar é: “Como eu pude ter medo de tudo isso? Desse lugar tão bonito?”.

-Você não tinha medo do lugar, e sim das lembranças que vinham com ele.

-Isso nunca será apagado da minha memória.

-Eu sei que não, mas a sua dor, ou está amena, ou não existe mais. Não posso dizer que você superou tudo, mas eu tenho certeza de que está no caminho certo, e eu admiro você, cada dia mais, por ter conseguido aliviar a sua alma de algo que você não tinha controle.

-Eu também, digo, estou feliz por seguir em frente, sem pesadelos, sem neurose com cada pessoa que se aproximasse de mim.

-E eu feliz por tudo isso e por você ter aberto seu coração.

-E eu agradeço por você tê-lo acolhido e cuidado dele.

Segurando em meu rosto, ele aproximou seu rosto do meu, cheirando meu cabelo e depositando um beijo em minha testa, para logo em seguida conectar seus lábios nos meus.

Antes que saíssemos do quarto para almoçar, o abracei forte, sentindo o perfume doce, aquele cheiro característico dele, sentia seu coração bater forte...

Eu não estava curada, aliás, estava bem longe disso e ainda me consultaria com a Dra. Miller por um bom tempo, mas eu havia aprendido a administrar a minha dor, a deixar que o passado controlasse o meu futuro e que eu me sentisse culpada por algo que eu fora a única vítima.

Eu havia, finalmente, me matriculado em Dança e no próximo semestre eu não estaria mais na turma de Teatro junto com Daniel, e apesar de amar essa arte, a dança é algo mais próximo do que eu gostaria de ter feito.

Meu diário ainda estava com Daniel, e estaria como ele para sempre. Ninguém, além de nós dois, jamais leu suas páginas e eu manteria isso assim.

Mas o mais importante dos acontecimentos dos últimos meses, é que eu não mais apenas sobrevivia. Eu vivia. Eu vivo. Eu estou viva.

***Won't you save me?
Saving is what I need
Save Me, Hanson***

Sobre a autora

Apaixonada por romances e filmes clichês e bem água com açúcar, casais fofinhos, finais felizes, fotografia, moda, culinária. Twihard e fã de Robert Pattinson e Kristen Stewart, com muito orgulho!

Escritora e blogueira desde os 10 anos, Letícia Kartalian é autora da crônica "*Namorado, notícias e almoço em família*" no livro "**Almoço em Família - Crônicas**", lançado em 2012 pela editora APED. Em 2013, lança seu primeiro romance *New Adult*, **O Diário Secreto de Melissa**.